

O lugar da teologia na universidade do século XXI em debate



Editorial

Todas as pessoas que fazemos o Instituto Humanitas Unisinos acontecer, vivemos uma semana intensa com a realização do Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI. Mais de 450 pessoas, vindas das mais diferentes partes do Brasil e da América Latina, das mais diferentes denominações religiosas, durante quatro dias se reuniram na Unisinos para debater, discutir, dialogar sobre a teologia, hoje. Conferencistas de diferentes perspectivas e nacionalidades proferiram as grandes conferências seguidas sempre de um animado e fascinante debate. Oficinas e minicursos, abrangendo uma variedade enorme de temas, desde a literatura, a arte, a antropologia, a hermenêutica, a filosofia, a exegese, a cristologia, até os movimentos sociais, como o feminismo e a ecologia, animaram a discussão e o debate em pequenos grupos. As apresentações artísticas, especialmente a apresentação da peça de teatro Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e a celebração inter-religiosa foram momentos marcantes deste evento.

O presente boletim busca reunir parte do trabalho, da reflexão e das idéias que circularam ao longo desses dias de partilha e de novas formulações. Trata-se de um enorme esforço e ingente trabalho da equipe de comunicação do Instituto Humanitas Unisinos.

Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram para a realização desse evento. É tarefa nossa, agora, regar e cultivar as sementes plantadas neste Simpósio. Acreditamos que elas darão frutos para o bem da Unisinos na sua missão de formar pessoas humanas para os demais.

A todos e todas uma excelente semana e uma ótima leitura!

SIMPÓSIO INTERNACIONAL

O LUGAR DA TEOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO SÉCULO XXI

Com a presença de 480 pessoas, terminou dia 27 de maio, quinta-feira, o Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*. Os trabalhos iniciaram com a apresentação da Orquestra Unisinos. Logo depois, foi apresentado um vídeo sobre Karl Rahner, realizado pela TV Unisinos em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Depoimentos de teólogos e ex-alunos, imagens da vida de Rahner e a sua voz compõem o trabalho, que dura 12 minutos. Logo após, o embaixador e professor Dr. Rubens Ricupero proferiu a conferência de abertura, seguida de debate com o plenário. Um coquetel foi a ocasião para que os participantes do evento pudessem se conhecer e interagir. Prestigiaram a abertura do evento, entre outros, o reitor da Universidade Católica de Pernambuco, o reitor da UNIFEI, São Paulo, o bispo de Novo Hamburgo, o representante da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil - IECLB, o presidente da Sociedade Brasileira de Estudos da Religião – SOTER. Professores e alunos do RS, SC, PR, PE, RJ, SP, MS, AL, PA, MG estiveram presentes, além de representantes da Colômbia e Uruguai. Católicos, metodistas, luteranos, batistas, presbiterianos, anglicanos, entre outras denominações religiosas, igualmente, participaram do evento.

TEOLOGIA, PÓS-MODERNIDADE E UNIVERSIDADE

Entrevista com João Batista Libânio, David Tracy, Michael Amaladoss, Lúcia Weiler, Andrés Torres Queiruga e Luiz Carlos Susin

IHU On-Line reuniu em uma mesa-redonda, no Instituto Humanitas Unisinos-IHU, os principais conferencistas do evento e alguns teólogos convidados para uma entrevista em forma de debate. Participaram o Prof. Dr. João Batista Libânio, o prof. Dr. David Tracy, o prof. Dr. Michael Amaladoss, a profa. Dra. Lúcia Weiler, o prof. Dr. Andrés Torres Queiruga, e o prof. Dr. Luiz Carlos Susin. Colaborou na tradução durante o debate o prof. Dr. Danilo Romeu Streck, coordenador do PPG em Educação da Unisinos, a quem muito agradecemos. A transcrição e tradução do inglês, das falas dos professores Amaladoss e Tracy foram feitas pelo prof. Dr. Benno Dischinger, e os depoimentos em espanhol e português foram transcritos e editados pela equipe do IHU On-Line.

Conheça os participantes do debate

*O padre e Prof. Dr. João Batista Libânio ministrou a conferência **O Lugar da Teologia na sociedade e na universidade do século XXI**, na manhã do dia 25 de maio. Professor no Instituto Santo Inácio, de Minas Gerais, o padre Libânio é licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, licenciado em Letras Neolatinas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, licenciado em Teologia pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. É autor de, entre outros, **As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé**. São Paulo: Loyola, 2002; **Introdução à vida intelectual**. São Paulo: Loyola, 2002; **A Religião no início do milênio**. São Paulo, Loyola, 2002; **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**. Valência: Siquem/Paulinas, 2003; **Olhando para o futuro. Perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina**. São Paulo: Loyola, 2003.*

O professor Dr. David Tracy é licenciado e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, e professor de Teologia Contemporânea e Filosofia da Religião, na University of Chicago Divinity School, nos

Estados Unidos. Ele ministrou a conferência **Entre o apocalíptico e o apofático**¹. **O fazer teológico na universidade, hoje, a partir da pós-modernidade**. Entre seus livros publicados, citamos **The Achievement of Bernard Lonergan** (1970); **Blessed Rage for Order: The New Pluralism in Theology** (1975); **The Analogical Imagination: Christian Theology and the Context of Pluralism** (1981)(livro que será traduzido e publicado pela Editora Unisinos na coleção *Theologia Publica*); **Plurality and Ambiguity: Hermeneutics, Religion and Hope** (com tradução em francês, alemão, espanhol e chinês) (1987); e **Dialogue with the Other** (traduzido para o chinês) (1990). No próximo mês de setembro será publicado simultaneamente em inglês, francês e italiano o livro **The Side of God**.

O indiano Prof. Dr. Pe. Michael Amaladoss, S.J. é diretor do Instituto para o Diálogo com Culturas e Religiões, em Chennai, na Índia. Ele concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na edição n.º 102, de 24 de maio de 2004, e ministrou a conferência **A teologia das religiões e a teologia na universidade**. Michael Amaladoss é Ph.D. em Teologia Sistemática pelo Institut Catholique de Paris, na França, além de professor de Teologia no Vidyajyoti College of Theology, em Nova Délhi, na Índia. Amaladoss escreveu muitos livros e artigos sobre espiritualidade e diálogo inter-religioso. Entre eles citamos: **Faith, Culture and Inter-Religious Dialogue. Ideas for Action** (Fé, cultura e diálogo inter-religioso. Idéias para a ação). New Delhi Indian Social Institute, 1985; **Making All Things New. Dialogue, Pluralism and Evangelization in Asia** (Fazendo novas todas as coisas. Diálogo, pluralismo e evangelização na Ásia). Edição indiana: Anand: Gujarat Sahitya Prakash, 1990. Edição internacional: Maryknoll: Orbis Books, 1990. **Inigo in India. Reflection on the Ignatian Exercises by an Indian Disciple** (Inigo na Índia. Reflexões dos exercícios ignacianos por um discípulo indiano). Anand: Gujarat Sahitya Prakash, 1992; **Walking Together. The Practice of Inter-Religious Dialogue** (Caminhando juntos. A prática do diálogo inter-religioso). Anand: Gujarat Sahitya Prakash, 1992. Traduzido para o português sob o título **Pela Estrada da Vida**. São Paulo: Paulinas, 1995. Seus livros mais recentes são **Making Harmony. Living in a Pluralist World** (Delhi: ISPCK, 2003); e **The Dancing Cosmos. A Way to Harmony** (Delhi: ISPCK, 2003).

A irmã Lúcia Weiler, responsável pela oficina **As mulheres seguidoras de Jesus – as mulheres nos sinóticos**, é professora na Escola de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF). Graduada em Teologia pela PUCRS, fez mestrado e doutorado em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

O Prof. Dr. Andrés Torres Queiruga é professor da Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Ele ministrou a conferência **O fazer teológico na universidade em tempos modernos**. Queiruga concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 92ª edição, de 15 de março de 2004. Ele é licenciado em Filosofia e Teologia pela Universidade de Comillas, Espanha, é doutor em Filosofia pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália. Exerce as funções de membro da Europäische Gesellschaft für katholische Theologie (Associação Europeia de Teólogos Católicos); membro fundador da Sociedade Espanhola de Ciências das Religiões (SECR); membro numerário da Real Academia Galega e do Conselho da Cultura Galega. Seus livros mais recentes são: **El problema de Dios en la Modernidad**. Verbo Divino, Estella 1998; **Do Terror de Isaac ó Abbá de Xesús**, SEPT, Vigo 1999. Trad. castelhana: **Del Terror de Isaac al Abbá de Jesús; Hacia una nueva imagen de Dios**, Verbo Divino, Estella 2000; **Creer de otra manera, Cuad. Aquí y Ahora**. Sal Terrae, Santander 1999; **Por el Dios del mundo en el mundo de Dios. Sobre la esencia de la vida religiosa**. Sal Terrae, Santander 2000; **Fin del cristianismo premoderno. Retos hacia un nuevo horizonte**. Sal Terrae, Santander 2000; e **Peccato e perdono. Perché è urgente e necessario un cambiamento nella Confessione**. ISG Edizioni. Marna, Vicenza 2001. Entre suas obras publicadas em português, citamos **Creio em Deus Pai. O Deus de Jesus como afirmação plena do humano** (São Paulo: Paulinas, 1993); **O cristianismo no mundo de hoje** (São Paulo: Paulus, 1994); e **A revelação de Deus na realização humana** (São Paulo: Paulus, 1995). E por

¹ A teologia apofática fala de Deus em termos negativos. Deus não pode ser apreendido adequadamente pela razão humana; a linguagem humana, quando aplicada a Ele, é sempre inexata. (Nota do **IHU On-Line**)

ocasião do Simpósio lançou a tradução portuguesa do seu livro **Repensar a ressurreição**. São Paulo: Edições Paulinas, 2004.

O Prof. Dr. Luiz Carlos Susin ministrou a oficina **A escatologia cristã. A teologia cristã no confronto com a ciência moderna**. Susin dedica-se ao ensino da Teologia, desde 1984, no Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre (Atual Faculdade de Teologia – FATEO), hoje concentrando seu trabalho no programa de pós-graduação em Teologia, em nível de mestrado. O professor pertence à Ordem dos Capuchinhos. É licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, atual Unijuí. Concluiu o mestrado e o doutorado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, Itália. Participou da fundação da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), da qual foi presidente no triênio 1998-2001. Desde 2000, é membro do Comitê de Direção da Revista Internacional de Teologia **Concilium**. É autor de **Assim na terra como no céu. Brevilóquio sobre escatologia e criação**. Petrópolis: Vozes, 1995; **Jesus, Filho de Deus e filho de Maria**. São Paulo: Paulinas, 1997; e **A criação de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2003. Como presidente da SOTER, organizou a publicação dos seguintes volumes: **Mysterium Creationis – um olhar interdisciplinar sobre o Universo**. São Paulo: Paulinas, 1999; **O mar se abriu – trinta anos de teologia na América Latina**. São Paulo: Loyola, 2000; **Sarça Ardente – Teologia na América Latina: Prospectivas**. São Paulo: Paulinas, 2000; e **Terra Prometida – Movimento social, engajamento cristão e teologia**. Petrópolis: Vozes, 2001. O professor Susin apresentou o livro **A Vinda de Deus: Escatologia Cristã**², de Jürgen Moltmann, no evento **Abrindo o Livro** do dia 26 de agosto de 2003. Sobre o tema, os leitores e leitoras podem conferir, no **IHU On-Line** número 72, de 25 de agosto de 2003, a entrevista do Prof. Dr. Frei Luiz Carlos Susin.

IHU On-Line- Quais são as características mais marcantes da era contemporânea? Quais suas vantagens e seus limites?

João Batista Libânio- Trata-se de um momento marcado por um crescente individualismo, ele é a ideologia da modernidade. Há também um crescente desenvolvimento tecnológico na informática e na genética. A capacidade gigantesca de produtividade do capitalismo vai transformando os desejos em necessidades e por isso, desencadeando um processo enorme de consumismo. A ideologia central do prazer traz uma compreensão da vida como gozo, como presente, diminuindo a perspectiva de futuro e de passado. Há também uma crítica cada vez mais radical a todo totalitarismo, a toda imposição, portanto uma consciência muito mais clara da liberdade, da autonomia das pessoas. Vejo um lado muito positivo que é a afirmação da subjetividade e outro lado, o extremo desse lado da subjetividade que é o esquecimento das dimensões sociais e do pobre, que é cada vez mais marginalizado. Quando digo pobre, me refiro a continentes, países e grandes segmentos de certos países. Na Europa, se fala do quarto mundo, uma população marginalizada de todo o progresso. Em reação a isso, há uma série de movimentos que têm a ver com a descoberta da solidariedade como resposta à situação.

David Tracy- Penso que, como primeiro e mais importante aspecto, é preciso mencionar o diálogo entre as religiões, abrangendo aquilo que aceitamos ou não aceitamos, além da solidariedade e unidade de todas as forças numa luta pela justiça. Isso é atualmente muito importante. Em segundo lugar, considero terrivelmente importante encarar que a realidade da globalização, junto com a tecnologia da informação e o capitalismo, tem possibilidades, mas também ameaças para todas as nações, para todos os povos. Isso no sentido de unir a solidariedade das religiões e de outros povos que nos dizem respeito, como também o mundo

² **A Vinda de Deus: Escatologia Cristã**, de Jürgen Moltmann. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. 374p. (Coleção Theologia Publica 3). (Nota do **IHU On-Line**)

secular. Algo poderia ser feito no sentido de recriar uma genuína nova situação para a humanidade. Em terceiro lugar, eu penso que, para o próprio cristianismo é mais importante dar-se conta que ele já não será mais, por muito tempo, como agora, a religião do século, a religião européia, a religião dos descendentes da América do Norte, da América do Sul, etc. Dar-se conta de que, no hemisfério sul, em outro espaço, haverá mais católicos. Há agora mais anglicanos na África do Sul do que na Grã Bretanha, mais presbiterianos na Coréia do que na Escócia ou na Suíça. E, quanto ao budismo, já não é mais a religião do Oriente, hoje é a religião de muitos ocidentais. Para pós-modernos, o budismo é muito atraente. Assim, o cristianismo já não é a religião européia dominante. Os teólogos devem entender o que está acontecendo e agir de acordo com essa tendência. Essa é uma missão central e crucial. E, por último, para mim este também é um momento crucial, porque da modernidade para a pós-modernidade, em relação à democracia, ao pluralismo, aos direitos humanos, as alternativas são desesperadoras e assustadoras. E há também um momento pós-moderno no qual se viu que a totalidade das alternativas do sistema da modernidade não está clara. Por isso surge o pós-moderno, tanto secular como religioso, junto com alguns aspectos das tradições pré-modernas, com recursos para ajudar o presente. Penso especialmente em tradições místicas e em momentos na tradição dos franciscanos ou dos reformistas radicais e de antigos luteranos ou em aspectos da Bíblia que são muito influentes em tempos específicos. Nos primeiros três séculos da cristandade, foi mais influente o evangelho de Mateus, porque Mateus ensina como formar uma comunidade com novas leis e novos direitos. Hoje, para muitos, o evangelho de Marcos e o mais místico evangelho de João tornaram-se fundamentos maiores para repensar e cumprir realmente a fé. Assim, em resumo, considero que os elementos mais importantes no presente são: a luta por justiça com amor, como chave; o diálogo das religiões; a análise ética; a política econômica da globalização em todas as suas formas; a cobertura do novo sentido da nova cristandade que está por vir; os grandes recursos da tradição que ignoramos durante demasiado tempo.

Michael Amaladoss- Eu vejo a tendência para a cooperação como um sinal maior de esperança. Os homens atingem a coletividade da comunidade no campo da ciência e da tecnologia e mantêm a importante presença no campo da tecnologia da comunicação, e tudo isso representa um conjunto de instrumentos favorável, um novo desenvolvimento para as necessidades da população que está crescendo. Toda essa tecnologia, porém, apresenta um viés de cooperação, enquanto representa o lado negativo da globalização, por expressar a crescente distância entre os ricos e os pobres, na qual o poder também atua globalmente, explorando e dominando, no restante do mundo, o mercado, especialmente o conjunto dos empreendimentos comerciais. E eles produzem efeitos nas Nações Unidas e em outras organizações mundiais. A maioria da população não tem acesso à globalização, mas é dominada pelos poderosos e pelos ricos. Tudo isso conduz a conflitos. Eu penso que por trás dos conflitos, que também se manifestam como inter-religiosos e intercatólicos, há um sentido de exploração tecnológica, na busca do poder e no controle dos recursos. E isso leva à rejeição dos argumentos religiosos, pois tende a justificar a violência dos conflitos, como a guerra, e por vezes demoniza os outros, já que todos esses conflitos expressam a guerra entre Deus e os demônios. Por outro lado, em tudo o que vemos no mundo, também há a afirmação positiva de muitos grupos modernos. O que ocorreu na Índia neste aspecto é um bom exemplo. A Índia foi dominada por um partido que era hindu e que governou na linha do sistema capitalista. Mas, quando houve eleições, recentemente, os pobres modelaram o processo, fazendo com que se governasse mais simpaticamente para eles, e o governo é mais secular, novo em sua compreensão, e os comunistas conseguiram 60 cadeiras no parlamento. Isso serve como

exemplo de uma ideologia favorável aos pobres. Também revela o acesso à democracia. Em Mumbai³ houve manifestações, em que as pessoas expressavam suas convicções e preferências. A impressão é que isso se relaciona também com a pós-modernidade e, em maior ou menor grau, com o pluralismo como fato da vida, como expressão de culturas, o que também permite ver, em lugar do conflito, o desejo de se buscarem saídas. Há vários grupos procurando isso em várias partes do mundo. No momento, parece dominar o conflito. Na Índia, de certa maneira, ainda vigora o pensamento hindu. Basicamente, eles acreditam num único Deus, que ultrapassa várias divindades, buscando a verdadeira realização, porque Deus é um e por isso todo o povo deve ser uma comunidade que tenha sentido. Dessa forma, o sentido do pluralismo e da unidade, diria eu, é a busca da harmonia e da unidade. Eu penso que essa é a visão que temos em grupos universitários em várias partes do mundo e que esta harmonia quer estender-se, hoje, para grupos que visam ao aspecto ecológico que se expande atualmente no mundo. Eles vivem como nós gostaríamos de viver, em harmonia sobre a terra. Eu creio que também há muitos sinais de esperança.

Lúcia Weiler- Uma das características que eu percebo na contemporaneidade é a fragmentação e busca da globalização sem uma integração de ambas. Fragmentação do conhecimento, de situações, de afetividades e, ao mesmo tempo, uma globalização. Há uma globalização positiva de esperança que tem suas vantagens e há outra que é algo que vem de fora. Há uma consciência nova ecológica, inclusive o próprio cristianismo começa a ter consciência de ter contribuído com suas interpretações por vezes errôneas de textos bíblicos ou não ter-se comprometido suficientemente com a situação atual, e isso se tornou uma questão ética de responsabilidade e está-se tornando uma reação e uma espiritualidade e uma mística, ecológica, cósmica. Outro aspecto do presente é a desumanização, a violência e a reação contrária, uma sede de humanização, sede de relações humanas, relações iguais, entre homens e mulheres. Há conflitos marcantes, e a nossa sociedade está buscando e ensaiando como integrá-los.

Andrés Torres Queiruga- O que me impressiona mais é que a mudança da modernidade é tão grande que Karl Jaspers⁴ falava de cinco rupturas na história da humanidade e põe a modernidade, que é muito recente, como a última. Por isso, eu penso que a pós-modernidade é um modo de afrontar a modernidade, que é um futuro tão tremendamente aberto que precisamos pensá-la, pois ainda não a dominamos. Não sabemos para aonde caminha a humanidade, portanto devemos buscar orientações. Nesta humanidade global, antes de tudo, está o problema da justiça. Um observador de Marte seria incapaz de compreender que haja fome neste mundo, onde sobra riqueza, onde se gasta em armamento. Portanto, o tema da justiça entre as nações e dentro das nações e o tema da paz - há guerras que continuam solapadas, abertas - são temas centrais. Devemos estender também isso à ecologia e à saúde humana. A ecologia está a serviço da humanidade, logo devemos cuidar do mundo, mas cuidar dele para que haja pessoas que vivam sãs e com justiça. Vendo estas problemáticas tão sérias, percebemos que a possível solução para o futuro é por meio da unidade das nações. O grande problema é ir encontrando instrumentos internacionais. Olhando o conflito no Iraque, não há

³ Refere-se ao Fórum Social Mundial realizado, no início deste ano, em Mumbai, na Índia (Nota do *IHU On-Line*).

⁴ Karl Jaspers (1883-1969) advogado, médico e filósofo alemão. Entre 1920 e 1930, o filósofo dedicou-se a elaborar as idéias que, junto com as de seu compatriota Martin Heidegger, formariam a base do existencialismo alemão. Jaspers afastou-se de Heidegger, quando este não condenou explicitamente o regime nazista. (Nota do *IHU On-Line*)

como não pensar numa organização como as Nações Unidas fortalecida, que pudesse parar esta tremenda irracionalidade. Portanto, há que construir uma sociedade de nações eficaz, efetiva. Naturalmente, nisso entraria o diálogo das religiões para unir os esforços, segundo a preocupação de Hans Küng⁵ e de todos nós. Do ponto de vista cristão, a minha grande preocupação é como lograr que o cristianismo seja frutífero, já não entro agora na questão de ajudar a dar sentido à vida individual e à vida coletiva, e sim, realmente que a Igreja consiga primeiro romper o maior mal-entendido da modernidade ocidental, provavelmente na oriental não seja tanto, pensar que Deus é inimigo do homem, anunciado por Feuerbach⁶. Convencer a humanidade de que Deus é verdadeiramente amor, portanto, a religião só tem sentido como salvação, para fazer o bem à humanidade. Mas, não basta enunciar isso, temos que mostrar com uma nova teologia. Para mim, parece que o problema fundamental é democratizar a Igreja, se não o conseguirmos, não poderemos adaptá-la ao mundo atual, não podemos estar passo a passo com o tempo, sair para desafios novos, e isso supõe uma mudança muito radical. Por exemplo, teologicamente, não haveria dificuldade nenhuma para que todos os cargos da Igreja fossem eletivos e temporais. Os grandes cargos, bispos, Papas deveriam ser por tempo determinado. Sei que isso assusta muito. Acho, porém, que sem isso não seremos capazes de atualizar o cristianismo.

Luiz Carlos Susin- Eu gostaria apenas de dar uma impressão de uma periferia de uma megalópole onde há dificuldades de comer, porque há fragmentos de comida, fragmentos de trabalhos e também fragmentos de religião, porque tudo se apresenta de forma caótica. E, às vezes, tive a tentação de interpretar o nosso momento com a teoria do caos, mas dentro dessa ambigüidade em que o caos tanto é lugar de muita morte quanto é lugar de muita criatividade. Na informalidade, na periferia, a gente percebe muita criatividade, muita energia, energia solta que se caracteriza, em parte, pela violência e que assusta muito, é o horror do caos. Mas também, muita energia criativa e que vai em direção à complexidade de formação que depois tem que se ver pelo lado institucional, pelo lado jurídico, até pelo lado metafísico. Acabo de receber um e-mail de Leonardo Boff muito aborrecido com nosso grupo que está lançando uma temática em vista de um fórum mundial de teologia e libertação⁷. Ele se queixa porque nosso grupo não está dando o devido lugar à questão ecológica como paradigma fundamental de nosso tempo. Ele insiste muito na imagem do Titanic. Nós estamos no Titanic, ele está para afundar e nós ficamos tratando de questões internas. Eu acho que também beira essa teoria, apenas não dá para resolver separadamente esses problemas.

IHU On-Line- O sofrimento é algo crucial na contemporaneidade. Onde ele está concentrado? Como está presente ou ausente na teologia? Deus sofre?

⁵ Hans Küng, importante teólogo alemão, presidente da Fundação de Ética Global, com sede em Tübingen, na Alemanha. É autor de inúmeros livros. Foram traduzidos para o português, entre outros, **Igreja Católica**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2002; **Uma ética global para política e economia mundiais**, Petrópolis: Vozes, 1999; **Religiões do Mundo. Em busca dos pontos comuns**, Verus Editora, 2004. O site da Fundação de Ética Global é <http://www.weltethos.org> (Nota do *IHU On-Line*).

⁶ Ludwig Feuerbach, filósofo alemão (1804-1872) autor, entre outros, dos livros, **Preleções sobre a essência da religião**, São Paulo: Papirus, 1989 e **A essência do cristianismo**. São Paulo: Papirus, 1997, 2ª. Edição. (Nota do *IHU On-Line*).

⁷ Refere-se ao I Fórum Mundial de Teologia e Libertação – FMTL, que realizar-se-á nos dias 21 a 25 de janeiro de 2005, na PUCRS, em Porto Alegre, precedendo o Fórum Social Mundial, que ocorre de 26 a 31 de janeiro de 2005. (Nota do *IHU On-Line*).

João Batista Libânio- Há dois grandes sofrimentos. As classes populares sofrem de miséria, de fome, de insegurança do futuro, de perda da dignidade, daquilo que Gustavo Gutiérrez⁸ define como não-homem, não-ser humano. As classes mais ricas sofrem de uma falta de sentido da vida, de um vazio, de um niilismo e portanto estão em busca de consolo, de religiões, de seções espiritualistas, porque, no fundo, encontram em um vazio. Se esses dois temas são trabalhados na teologia? Sim, a Teologia da Libertação trabalhou muito o problema do sofrimento e ainda a sua questão central é o pobre. Os últimos livros de Gustavo Gutiérrez insistem muito nisso⁹. Creio que a teologia européia está preocupada com esse niilismo que há nas suas sociedades. Portanto, os dois sofrimentos maiores são tratados pela teologia a seu modo, o que parece um consenso, sobretudo depois que Moltmann¹⁰ insistiu tanto no Deus crucificado, que já não temos mais a idéia da apatia de Deus da teologia clássica ou de origem grega. Para nós, hoje, Deus sofre no fato de ter nos criado e estar ao nosso lado, lutar ao nosso lado, para que tudo dê certo e, quando não dá certo, ele sofre conosco.

David Tracy- Estou convencido de que não existe nenhuma filosofia ou teologia que não tenha como tema, não digo único, mas central, a preocupação de encontrar uma resposta para o sofrimento inocente. O sofrimento dos indivíduos por enfermidades, infortúnios ou acidentes que podem acontecer às pessoas, o sofrimento psicológico, tão terrível... De certa forma, todos nós estamos num sofrimento geral. Não só os indivíduos, como povos inteiros, em todas as classes sociais. Eu concordo com Levinas¹¹ que toda teologia, e mesmo filosofia, que não responda a isso, é no atual momento, no mínimo, estranha, porque há tanto sofrimento que está ocorrendo no mundo e há tantas maneiras que a moderna tecnologia pode motivar qualquer um, incluindo os intelectuais, a encarar essa realidade, e a encarar a necessidade de se fazer algo, de pensar bem. Como disse um recente sociólogo americano, nós estamos sendo entretidos para a morte. Há sempre algo novo para ver, somos sempre levados a mudar de canal, a ter sempre novas experiências... E, não obstante, as religiões não oferecem uma sólida orientação para se tentar entender o sofrimento. A única coisa que vejo em todas as religiões é que elas consideram que o ego é o problema. O ego exige que se faça tudo para ele mesmo, que se trabalhe para ela e não se veja a realidade que está acontecendo aos outros e, eventualmente, o que está acontecendo a nós mesmos. Nós permitimos isso, nós permitimos que o povo goste disso, eventualmente permitimos que apressadamente se queira isso. E não obstante, a cruz exige que essas relações se dêem a partir de nós, no lugar onde estamos. Não é fácil, no presente momento histórico, ser um cidadão dos Estados Unidos, esse poderoso

⁸ O teólogo, filósofo e psicólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos iniciadores da Teologia da Libertação. Autor de diversos livros, destacamos: **Teologia da Libertação. Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2000 (Nota do *IHU On-Line*)

⁹ Alguns dos últimos livros de Gustavo Gutiérrez são: **Em busca dos pobres de Jesus Cristo. O pensamento de Bartolomeu de Las Casas**. (São Paulo: Paulus, 1992); e **Onde dormirão os pobres?** (São Paulo: Paulus, 2003). (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁰ Jürgen Moltmann é um dos maiores teólogos vivos. Ele concedeu entrevista ao *IHU On-Line* n.º 94, de 29 de março de 2004. Desse autor a Editora Unisinos publicou o livro **A vinda de Deus. Escatologia cristã**, São Leopoldo, 2003. Está sendo publicado mais um livro, proximamente, do mesmo autor, na Coleção Theologia Publica da Editora Unisinos, sob o título *Experiências de reflexão teológica. Caminhos e formas da Teologia Cristã*. (Nota do *IHU On-Line*)

¹¹ Emmanuel Levinas, filósofo e comentador talmúdico, nasceu em 1906, na Lituânia e faleceu em 1995, na França. Desde 1930 era naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger cuja obra **Ser e tempo** de 1927 o influenciou muito. "A ética precede a ontologia" é uma frase que caracteriza o pensamento de Levinas. Ele é autor do livro que o consagrou **Totalité er infini. Essai sur l'extériorité** que foi traduzido para o português com o título **Totalidade e Infinito**, Lisboa: Edições 70, 2000. No Brasil a Editora Perspectiva, publicou **Quatro leituras talmúdicas**, em 2003 e a Editora Vozes, **De Deus que vem a idéia**, em 2002. (Nota do *IHU On-Line*).

império, ou ser um crente da Igreja Católica Romana, que é outro império poderoso. Ambos são grandes organizações que pensam fazer um grande bem, mas de fato eles fizeram e fazem o mal. E, como membros responsáveis de ambos, devemos lutar, intelectualmente e de qualquer outra maneira que pudermos. Para mim, não é Moltmann que apresenta a solução. Já na Bíblia, e não com o pensamento moderno, ou Hegel, Deus sofre. E porque temos categorias que provêm dos gregos, e não originalmente da Bíblia, o sofrimento é sempre mudança, é sensibilidade com os outros que estão sofrendo e mudando. Em toda a cristandade, é o crucificado o desejado. Preciso dizer, em termos históricos, que, por causa do pensamento grego, se levantou uma noção da imutabilidade que influenciou os cristãos recentes, com algumas exceções no passado, para dar-se conta de que Deus também sofre. Deus está conosco. Como disse Dietrich Bonhoeffer¹² sobre os nazistas, sobre os que eventualmente foram mortos por eles, muitas vezes só o Deus que sofre pode ajudar. E o povo tem o direito de saber isso. E os teólogos têm a responsabilidade de articular isso de forma que oriente. Por que não tomo a cruz que representa o sofrimento e a alegria? É importante a experiência do *Abba*, pensamento cristão de que Deus é amor. Mas isso não pode ser dito num sentido tão sentimental, que não vai ajudar na perturbação e no sofrimento. Por isso também devemos evitar que cristãos desvirtuem a tradição católica, transformando o sofrimento num dolorismo ou num fatalismo ou dizendo que o povo pode sofrer agora para ser feliz depois. Isso não é uma resposta teológica adequada. O sofrimento tem o poder de induzir ao sofrimento ou de lutar contra o sofrimento, nesta vida, agora!

Michael Amaladoss- Não penso que o sofrimento seja algo particularmente pós-moderno. Penso que no passado, como no presente, os humanos enfrentam o sofrimento, vão contra o sofrimento, escapam do sofrimento. Esse é o primeiro aspecto: o povo enfrenta o sofrimento e atrás do sofrimento está a injustiça. Isso vale para formas de hinduísmo, de grupos sociais ou de ações políticas e outras. Em segundo lugar, as pessoas acreditam que certa forma de sofrimento é inerente à natureza e lutam contra o sofrimento. E, num grupo que avalia o sofrimento, a idéia é que precisamos crer na capacidade de humanizá-lo. Vejo que as posições do budismo na contemporaneidade devem ser bem entendidas. Buda envolveu-se com o sofrimento, mas não pregou a resignação, e sim a capacidade de superá-lo de forma humana, de humanizá-lo, aceitando-o e dando-lhe uma nova concepção humana. Como último aspecto, penso que o cristianismo é mais prospectivo do que o budismo, porque vê o sofrimento como algo que teve que ocorrer, mas esta ocorrência está ligada ao fato de que Deus aceita o sofrimento e nos impõe que enfrentemos o sofrimento e o humanizemos. Penso que tudo isso está se consolidando. Essa é uma experiência que não tem limites, que se torna apofática¹³. E isso é um mistério. É preciso entender o sofrimento e humanizá-lo. Ele é tão mistério como Deus. Assim, temos uma responsabilidade a esse respeito.

Lúcia Weiler- Eu vejo dois grandes sofrimentos: um é a exclusão, com suas formas sutis de excluir, que a pós-modernidade pratica e que faz as pessoas sofrerem muito. Eu trabalho no Centro de Estudos Bíblicos (Cebi) e vejo que, praticamente, 95% das pessoas que se relacionam conosco no Brasil, não têm internet nem uma possibilidade de comunicação que entre nós já é normal. Muitos não sabem ler, nem escrever, ouvem a Bíblia por meio de um

¹² **Importante teólogo do século XX, morreu assassinado pelos nazistas. Autor de muitos livros, citamos o seu importante Resistência e Submissão, São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003. (Nota do IHU On-Line)**

gravador. As mediações de exclusão são muito sutis, o que faz sofrer muito, porque tira a dignidade e a autoconfiança. Outra é a violência, o crime organizado, que se manifesta, muitas vezes, no plano doméstico, de forma velada, e aí a mulher é a grande vítima. A resposta que a teologia está procurando é desenvolver uma mística e uma resistência interligadas. Em nosso trabalho, tentamos aumentar esse modo de empoderamento dos pobres, especialmente de mulheres, com quem eu mais trabalho. Vejo uma distância muito grande ainda na academia. Acho que ela reflete, mas não chega a uma prática de assumir de fato o sofrimento que está aí. O Deus que sofre é aquele que escuta o clamor e desce. Acho que, em grande parte, nossa teologia ainda é triunfalista ou fundamentalista, busca verdades e não se preocupa tanto com convicções e práticas. A Bíblia dá uma grande perspectiva para quebrar o oficial e entrar com as pequenas histórias onde há libertações acontecendo. O clamor de Deus é o clamor do povo, seja para o próprio povo, para a academia ou para a teologia. O grito de Jesus em Marcos é uma convergência do clamor do pobre. em que é reconhecido que Ele é filho de Deus. Devemos resgatar o sofrimento não por ele mesmo, porque teríamos uma espada de dois gumes, mas a solidariedade no sofrimento, sim, é a grande obra de Deus, do amor de Deus. Estar lá onde a pessoa sofre. Uma mulher que ajudou muito na desconstrução de textos bíblicos foi Elza Tamez¹⁴, quando ela disse que Agar¹⁵ foi a mulher que complicou a história da salvação e justamente essa mulher vê aquele que vê o sofrimento, o clamor e por isso ela também entra na bênção. Precisamos ainda a prática, mas a sensibilidade por um Deus que sofre a temos, e não podemos fugir disso.

Andrés Torres Queiruga- Indubitavelmente, o sofrimento tem que ser um problema fundamental da teologia. Uma teologia que não seja sensível para isso, não tenha eficácia nisso, não é teologia. O que me preocupa é que essa situação tome formas racionais. Acho que seguimos mantendo um terrível mal-entendido teológico e que o cobrimos com retórica, porque não adianta dizer que Deus sofre ou que Deus se compadece, o que é verdade, se, ao mesmo tempo, não esclarecemos que sofre, porque é impossível evitar o mal. Nós seguimos mantendo um mito. Na verdade, eu prefiro dizer que Deus se compadece a dizer que ele sofre, o que me parece mais exato dentro da inexatidão. Enquanto se mantiver o preconceito de que Deus pode criar um paraíso no qual não haja sofrimento, ou que hoje Deus poderia eliminar o sofrimento, então estamos fazendo retórica que não leva a nada. De nada vale um Deus que se compadece de mim, se podendo tirar minha enfermidade ou tirar minha fome, não o faz. Então temos que distinguir dois caminhos: de um lado, há um Deus que está amando, de outro, é impossível evitar esse sofrimento. É a palavra de Isaías: “Pode uma mãe esquecer o filho de suas entranhas, ainda que ela o esqueça, eu não o esquecerei”¹⁶. Se eu vejo uma mãe sofrer à cabeceira do seu filho, sei que, para a mãe é impossível evitar esse sofrimento. Isso não pode levar a pensar em um Deus impotente, Deus é onipotente. O problema do mal não é de Deus, é nosso. É a nossa finitude a que faz impossível evitar todo mal. Então se realmente compreendemos que Deus, ao criar o mundo, sabe que, inevitavelmente, o limite do mundo vai impor conflitos, contradições, sofrimentos, e que uma liberdade finita permite a possibilidade de fazer coisas más, então Deus ou não cria, ou, se cria, tem que assumir que, no mundo, vai aparecer sofrimento, conflito e mal. Ou seja, não é possível evitar o mal, se não esclarecermos

¹⁴ Elza Tamez, teóloga mexicana, metodista, professora da Universidade Bíblica Latino-Americana da Costa Rica, com vários livros traduzidos para o português. (Nota do *IHU On-Line*).

¹⁵ Agar é a escrava egípcia de Abraão com a qual teve vários filhos. Cf. o livro do Gênesis, 21,1-21 e 25,12. (Nota do *IHU On-Line*)

¹⁶ Ele está citando Isaías 49,15 (Nota do *IHU On-Line*).

isso, estamos fazendo retórica. Ele mostra sua personalidade, lutando contra o mal, por isso eu inventei uma palavra: ponerologia para dizer que primeiro temos que dar-nos conta de que para um crente ou não-crente o mal é inevitável e Deus, situa-se ao nosso lado, naturalmente porque nos ama, apoiando-nos na luta contra o mal, ao nosso lado compadecendo-se de nós, mas animando-nos a lutar. Uma vez que compreendemos que o mal é inevitável, compreendemos que Deus é o antimal. O que está continuamente lutando, tentando evitar esse mal que o fere como nos fere, como a dor de um filho fere à mãe e fere ao pai. Portanto, não podemos crer em Deus antimal, se não colaboramos com Ele na luta contra o mal. E assim podemos ler o Evangelho: o único encargo que nos deixa Jesus é justamente a luta contra o mal, porque isso significa a lei da caridade. Amar é lutar contra o mal: dar de comer a quem tem fome, vestir o nu. O critério último é esse, porque a parábola do juízo final vai nos dizer que cremos em Deus, se realmente lutamos contra o mal. Por isso, para mim, é importante que rompamos o mal-entendido de que Deus pode evitar o mal. De nada valeria que nos quisesse muito e sofresse na cruz se, podendo evitar o mal, não o evita.

Luiz Carlos Susin- Quería lembrar que, talvez, a espiritualidade barroca ibérica depois que ganhou conotações latino-americanas entre nós, apesar da suas ambivalências, ela já tem uma experiência do que significa por um lado, aceitar a condição de criatura que sofre, e de outro, saber que isso não é desesperador, porque há a solidariedade de Deus de alguma forma no sofrimento que nós chamamos muito hoje de compaixão e que essas duas formas de sofrimento uma salva a outra, embora uma seja sofrimento para a vida e outra para morte, uma seja destrutiva, a outra seja regeneradora.

IHU On-Line- Que riquezas e limitações apontaria para o fazer teológico asiático, europeu, latino-americano e o que cada um deveria aproveitar do outro?

João Batista Libânio- Do fazer teológico da América Latina, eu colocaria duas características: o partir da experiência de Deus no pobre como a inspiração mais profunda na teologia, portanto é uma experiência de Deus, é algo tremendamente teológico, mas essa experiência de Deus se faz no pobre, no sofrimento, na dor, etc. Geralmente, formulamos com quatro preposições: uma teologia da práxis, na práxis, para a práxis, pela práxis. A primeira, porque ela colhe da prática do cristão e da prática de outras pessoas que estão envolvidas com esse processo de libertação e reflete sobre ele. Para a práxis, porque tenta devolver essa reflexão para essas pessoas para que elas, iluminadas pela teologia, possam agir mais cristãmente, mais lucidamente. Na práxis, porque supõe que o teólogo esteja comprometido com essa situação. E, talvez, o mais complicado, pela práxis, porque se deixa criticar na sua teologia pela própria práxis. De tal maneira que cristãos simples, pobres, podem criticar um teólogo acadêmico, porque ele percebe que daí vem elementos que a ele escapam, que esse lugar é tão original que critica o seu lugar acadêmico. Das outras teologias aprendemos muito. A teologia européia nos ensinou a metodologia, a hermenêutica e muitas outras coisas. Estamos aprendendo da teologia norte-americana, que infelizmente conheço menos, porque minha formação é mais européia, esse esforço de responder para uma sociedade na que o consumo, a riqueza, o poder é extremo e como esses teólogos estão tentando introduzir rupturas nessa homogeneidade para poder despertar, através desses dois elementos que David Tracy citou na sua conferência: a mística e a apocalíptica.

David Tracy- É muito claro que uma das grandes vantagens e esperanças do cristianismo nos dias atuais é que ele é global. Como disse antes, não é algo que vai demorar para aparecer. E isso significa que o cristianismo é ecumênico. Há um lugar teológico em minha tradição, como

católico, para, por exemplo, Calvino e o calvinismo. O que é necessário agora é aprender algo dessas diferentes formas de pensamento e prática cristã que emergem em toda a parte do novo mundo, especialmente o mais antigo, como o que aparece na Índia, onde há tantos jesuítas. Se bem há uma discussão sobre as religiões e sobre como o cristianismo transformou-se em uma religião minoritária, para mim, o mais importante é destacar que o cristianismo é o melhor de toda a cristandade¹⁷. De modo semelhante, parece-me muito claro que o problema, que está ocorrendo na história da filosofia e da teologia é o seguinte: Pierre Hadot¹⁸, do Collège de France, como sabem, fez vários estudos que ajudam a ver os problemas da cultura ocidental, em que há uma divisão entre teoria e prática. E isso ocorreu primeiro nos movimentos da teologia fora dos mosteiros, e recentemente, no âmbito das universidades. Mas, Tomás de Aquino ainda conseguiu ver esses conceitos conjuntamente. Separou-se cada vez mais a espiritualidade da teologia e a prática da teoria. Eu aprendi isso passando alguns dias numa discussão entre cristãos e budistas. A discussão foi bastante metafísica, bastante teológica, sobre ser e não ser, sobre Deus e a finitude, sobre a natureza do sofrimento, a natureza da ansiedade, etc. Os budistas procuram inserir as práticas espirituais na teoria, de uma maneira como os teólogos ocidentais, mesmo os que não exerceram práticas espirituais, o fazemos. É muito mais difícil, há uma grande divisão. As culturas modernas ocidentais, entre outras, e mesmo em relação ao antigo Ocidente, são peculiares, como Hadot mostrou. Toda a antiga filosofia, não precisamente as concepções cristãs e judaicas, apresentava esse aspecto. Assim, se você é estóico, no dia-a-dia, você vai engajar-se em exercícios para ligar o seu logos com o Logos que preside o universo. Se é epicurista, seus exercícios são feitos para aprender a deixar ir-se a sua ansiedade, numa forma de vida budista. A teologia cristã, por razões que estamos começando a entender, penso eu, fez uma divisão, isso apesar da grande visão de Tomás, acima mencionada, dizendo que não deve separar, quando distingue. E ele não o fez. Ele foi muito bom nisso. Mas, no século XIV isso se vai. E, na academia, nós ensinamos a teologia separadamente. E o povo que nos ouve, poderia ensinar-nos a repensar e a repensar publicamente, assim espero. Não é precisamente uma investigação avassaladora, questionando quando ocorreu a divisão e por quê. Vários pensadores, como Wittgenstein, Nietzsche, Foucault, e teólogos como Karl Rahner, e também outros, tentam colocar as coisas em comum. Todos devemos envolver-nos e eventualmente queremos ter êxito, pois atualmente, na academia, os cristãos têm diante de si todo o mundo global e todas as outras formas de cristianismo. Como sugeri, eles não promovem essa divisão e por isso podem não só ensinar a conhecê-la e superá-la, mas mostrar novos caminhos e, surpreendentemente, o antigo caminho é de ajuda para a filosofia e a teologia.

Michael Amaladoss- Sobre a filosofia asiática, podemos dizer o seguinte: na compreensão hinduísta e budista não há real divisão entre filosofia e teologia. Mesmo se os teólogos cristãos orientais aprenderam da tradição ocidental, sobre a relação entre razão e fé, entre filosofia e teologia, algumas coisas são vistas de outra maneira. Na Ásia, encara-se a teologia com uma visão integral. Também se relaciona com filosofia e ciências sociais, mas não se faz tanta

¹⁷ O autor está entendendo cristandade como toda a história e cultura cristãs e a forma concreta que o cristianismo foi tomando no decorrer da história.

¹⁸ Pierre Hadot, filósofo francês, é um dos co-autores do livro *Dicionário de ética e Filosofia Moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. Sus pesquisas concentraram-se primeiramente nas relações entre helenismo e cristianismo, em seguida, na mística neoplatônica e na filosofia da época helenística. Elas se orientam atualmente para uma descrição geral do fenômeno espiritual que a filosofia representa. Em português pode ser lido o livro de sua autoria *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999. Para uma resenha da obra confira a revista Síntese 75(1996), p. 547-551. A resenha do original francês é de Henrique C. de Lima Vaz. (Nota do *IHU On-Line*).

diferenciação entre as ciências. Segue-se uma visão integral de pensamento e reflexão, que não radicaliza a separação. Um segundo elemento importante é a presença de outras religiões e de outras teologias na Ásia que, em todo o mundo, só podem ser dialogais, dialogando com outras tradições, como o budismo, o hinduísmo, etc. E depois, esse pluralismo permite intercâmbios que levam a encarar certas colocações teológicas como relativas e de certa forma limitadas. Não se caminha mais no sentido da verdade absoluta na Bíblia, ou em relação a Jesus Cristo. Mas, todas as manifestações humanas são, de certa forma, afetadas por essa relatividade e pelo diálogo na linha do pluralismo. Todos se esforçam juntos na busca da plenitude e por isso unicamente Deus é o fim da busca. E onde está Deus? A teologia é o esforço de experimentar Deus, é sempre uma busca que nunca termina. Em terceiro lugar, penso que a teologia asiática poderia contribuir com alguns recursos. Herdamos muito da teologia cristã do Ocidente. Também herdamos toda a concepção racionalista da teologia, o aspecto conceitual, lógico, escolástico, numa tendência talvez não tanto tomista, mas antes neo-escolástica. Mas hoje, a real visão asiática é muito mais afetada por símbolos, numa visão mais holística, muito mais voltada para a terra, mesmo num sentido artístico, crendo que arte, filosofia, teologia, espiritualidade, conduzem todos para uma mesma direção. Minha concepção é bastante indiana. Como os cristãos na Ásia não estão sendo tão notórios, penso que eles devem ser redescobertos. Há uma aproximação artística, uma aproximação simbólica, e não uma aproximação conceitual, nem dogmática, ou lógica, uma aproximação para a reflexão teológica. Penso que nisso eles realmente podem contribuir. Talvez a Ásia também pode aprender de outros, especialmente da América Latina. Acontece que, por causa da tradição budista e hinduísta, os católicos aceitam o sofrimento com demasiada facilidade. Eles podem aprender o sentido do conflito, a luta contra ele, lutando contra o sofrimento, lutando pela libertação, o que não fazem suficientemente na Ásia. E para muitos de nós a teologia da libertação que vem da América Latina tem sido uma resposta nesse sentido.

Lúcia Weiler- Eu sinto que a teologia latino-americana está muito próxima da experiência, da prática e da vida. Então isso desenvolve criatividade novas e, sobretudo, é uma teologia mais narrativa do que dogmática, uma forma nova de teologizar mediações hermenêuticas novas, além de toda a Teologia da Libertação que continua dando passos. Sinto que, como América Latina, poderíamos integrar mais o diálogo entre a teologia sistemática e a teologia bíblica, sobretudo intuições como a de Carlos Mesters e outras, que, ao meu ver, estão sendo mais procuradas pela Europa que na própria América Latina. Eu participo do intercâmbio do Cebi com países de língua alemã. Já fomos para a Academia de Freiburg e lá querem o método do Cebi. Eu vejo isso como um intercâmbio enriquecedor para ambos. Quando olho para Europa, estudei lá dois anos, vejo que há todo um patrimônio de pesquisa que nós não temos. Então agradecemos o que a Europa nos oferece, mas acho que estaria na hora de desenvolver mais a pesquisa na área bíblica. Da Ásia, eu só tenho contato com a Indonésia, mais diretamente. A teologia desenvolve formas de reflexão na fé pelo contexto de serem poucos cristãos entre muitos de outras religiões. Eles diziam: "Nós precisamos formar para convicções de fé e não para repetir verdades de fé". O pensamento asiático, a arte, o lado contemplativo, reflexivo a interdisciplinaridade é um método que dá certo. Não é uma contemplação que aliena, mas um processo de reflexão. Acho que podemos aprender muito uns dos outros.0

Andrés Torres Queiruga- Curiosamente, sou o único europeu, mas não me sinto representando nem incorporando Europa. Penso que hoje a teologia necessita incorporar esta dialética da experiência, mas também da coerência racional. Indubitavelmente, a Europa tem o perigo de fazer livros sobre livros e idéias sobre idéias e perder a experiência. Nesse sentido, a

chamada Teologia da Libertação foi uma sacudida para a Europa para chamar-nos à experiência da realidade. Os exegetas americanos conhecem a exegese européia, mas estão mais livres, um oceano no meio parece que dá mais liberdade frente aos mestres. São mais realistas. A tradição asiática sempre é uma tradição de experimentar falando, de viver de dentro a vida. De todas as maneiras, não podemos renunciar à coerência racional. Sempre falando de uma razão ampliada, que inclua emoção, que inclua sentimento. Podemos afirmar pouco sobre Deus, mas aquilo que afirmamos deve ser coerente. Queiramos ou não, na cultura que vivemos somos racionais e se algo é incoerente, não o aceitamos. Assim, devemos superar o fundamentalismo bíblico. É uma tarefa radical pensar sobre experiência sem estarmos submetidos à palavra da Bíblia que está em termos muito míticos, muito intervencionistas, de um Deus que ainda não é cristão. A questão do pluralismo é evidente. Não há possibilidades de sintetizar todas as culturas, mas ao mesmo tempo não podemos renunciar ao diálogo entre elas. Se somos humanos, tem que haver pontos de contato. Não poderá haver identidade, mas tem que haver progresso no contato, maior espaço em comum. Nesse sentido, eu acho que, hoje, assim como estamos muito fascinados pela experiência budista, creio que uma oferta que o cristianismo não deve renunciar a oferecer é a experiência do *Abba* criador, do *Abba* que cria por amor, esta personalização do divino, que pode não ser uma pessoa humana, mas não pode ser menos que uma pessoa humana, em todo o caso mais que uma pessoa, portanto de uma relação pessoal, sabendo que estamos nos relacionando com alguém que nos ama. E aí verdadeiramente deve haver uma libertação do ego, mas não para trás, para o indiferente, senão para a comunhão, para a entrega no amor e para o outro. Seguramente, devemos aceitar da Ásia esse saber de que não somos os artífices absolutos da realidade. Que há algo que devemos deixar que a realidade nos fale, mas não renunciar a capacidade profética que temos na luta contra o mal, na realização do amor.

Luiz Carlos Susin- Da América Latina teríamos que resolver um complexo de Édipo, com a teologia européia sobretudo. Tínhamos um problema, de adolescentes talvez. Jon Sobrino¹⁹ procurou distinguir isso, dizendo que a Teologia da Europa teria enfrentado o primeiro iluminismo, aquele da compreensão e do sentido. A nós tocava em parceria com os movimentos de luta, de transformação resolver o problema do segundo iluminismo, aquele da práxis, da transformação da realidade. Praticamente todos os teólogos, nesse período foram nessa direção. Eu penso que, com isso, nós trabalhamos muito com distinções, também. Nas referências feitas à Euro-américa, não consigo imaginar que ali estivesse também a Latino-américa, porque a América Latina, como o nome diz, é um pouco de latino, um pouco de indígena e americano, mestiça, não tem muito de anglo-saxã, por exemplo. E isso nos permite uma riqueza uma complexidade que se, por um lado, nos tornou, em um certo momento, um pouco adolescentes agressivos, por outro, nós, hoje, aceitamos, com mais facilidade, aquilo que até em análises militares e de grandes organismos econômicos já se tratava: o mundo como regiões, não como continentes, não como se fossem mundos isolados, mas como regiões. Escutamos muitas vozes, muitos sujeitos, inclusive fazendo teologia, a presença da mulher é uma presença que aqui já se sente muito visivelmente. Estamos dentro de uma complexidade que nos faz voltar um pouco ao fascínio do outro e o fascínio de outro nos abre a experiências de outras religiões também.

IHU On-Line- Alguém gostaria de fazer mais algum comentário?

¹⁹ Jon Sobrino, teólogo jesuíta, professor na Universidade Centro-Americana de El Salvador é autor de inúmeros livros, muitos dos quais traduzidos para o português. (Nota do *IHU On-Line*).

David Tracy- Este debate foi muito rico, lastimo não entender bem o português. Fui por diversos anos perito no Concílio Vaticano II com outros grandes teólogos. Lembro Gustavo Gutierrez que se tornou um bom amigo e a maioria dos teólogos que encontrei foram pessoas muito boas. O que há precisamente a dizer é que fui me convencendo, ao longo das conferências deste Simpósio, que é muito importante que haja mais solidariedade intelectual e prática dos teólogos de todo o hemisfério. Há uma reunião anual dos teólogos católicos, incluindo o Canadá e o leste dos EUA. Presumo que daqui também participem alguns. Por que continuarmos distantes? Houve sérios problemas de alguns cristãos com seus governos, além do terrível escândalo que acompanhamos agora na Igreja. E creio importante mencionar também o povo indígena, que tem igualmente uma história terrível. Por último, a situação no Brasil, no Peru e no México, não é como na Argentina e outros lugares, e nos Estados Unidos. Temos vários apelos favoráveis à tradição indígena. É tão importante a inculturação religiosa. Convém repensar também a questão relacionada com os escravos, que também é uma experiência tão terrível, aqui, na história do Brasil, nos Estados Unidos e alhures. Eu espero poder organizar alguns aspectos regulares, em algumas dessas sociedades onde estive para encontros. As pessoas poderiam realmente aprender umas com as outras. Aprender algo relacionado com o hemisfério e até mesmo algo global. Aconteceu algo muito bonito no campo da literatura; todas as pessoas educadas da América Latina lêem os grandes autores latino-americanos. Aconteceu também com a música, com a pintura. Por que não acontece com a teologia?

João Batista Libânio- Eu penso que há uma dificuldade crescente, sobretudo para nós aqui, no hemisfério sul, porque as políticas das nações estão criando obstáculos. Muitos de nós hoje temos uma enorme dificuldade de viajar aos Estados Unidos, porque muitas vezes você passa por tal vexame, por tal humilhação ao entrar, que você não tem coragem de entrar. A política internacional atual não favorece encontros físicos entre nós, porque cada vez mais dificultam os países marginalizados de terem acesso aos países centrais. Mesmo entrar na Europa, é cada vez mais difícil e nos EUA muito mais difícil. Teríamos que passar por uma concepção nova de política internacional.

É NECESSÁRIO DESBLOQUEAR A EXPERIÊNCIA DE DEUS

Entrevista com Maria Clara Lucchetti Bingemer

A professora Maria Clara Bingemer concedeu a entrevista a seguir ao **IHU On-Line** sobre o Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*. No evento, a professora foi responsável por conduzir a oficina **Teologia e espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade ecológica e feminista**. Maria Clara é decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Graduou-se em Jornalismo, obteve o mestrado em Teologia pela PUC-Rio, e doutorou-se em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. É autora de, entre outros, **A experiência de Deus num corpo de mulher**. São Paulo: Loyola, 2002; e **Deus amor: graça que habita em nós**. São Paulo/Valência: Paulinas/ Siquem, 2003. **IHU On-Line** entrevistou a professora Maria Clara na edição n.º 84, de 17 de novembro de 2003, sobre a filósofa Simone Weil.

IHU On-Line – Qual é sua avaliação do Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*?

Maria Clara Bingemer – Fica, para mim, um sentimento de que a teologia está readquirindo importância, porque muita gente temia que, com essa eclosão do pluralismo religioso, do diálogo inter-religioso, das ciências da religião, a teologia fosse perdendo espaço, eu acho que está acontecendo o contrário, que a teologia está ganhando espaço, está despertando um novo interesse, porque, para pensar essas questões que o pluralismo religioso, o diálogo inter-religioso e as ciências da religião levantam, se faz necessária a teologia. Então eu achei que esse simpósio reafirmou que está havendo um interesse crescente pela teologia. Fiquei impressionada com a frequência e com as pessoas que vieram de longe, só para ouvir os teólogos. Os conferencistas foram todos excelentes. Gostei muitíssimo do David Tracy. Embora seja do Norte, é um homem muito aberto. Selecionou justamente os autores que estão marcando o pensamento teológico no Norte: o de Levinas, o pensamento judaico de Walter Benjamin e Simone Weil²⁰. Um pensamento que enfatiza essa abertura para o outro e que é igual ao nosso, quando tentamos fazer teologia dentro da realidade: uma realidade de opressão de pobreza, de injustiça. Achei que a teologia feita no hemisfério norte está podendo dialogar melhor com a teologia feita aqui nessas latitudes.

***IHU On-Line* – Quais são as maiores limitações no fazer teológico do hemisfério sul?**

Maria Clara Bingemer - Recursos. Eu acho que a nossa limitação fundamentalmente é essa. Recursos, distâncias dos centros onde as coisas estão acontecendo, pobreza das bibliotecas, pobreza de recursos bibliográficos.

***IHU On-Line* – Há diferenças importantes entre as linhas teológicas apresentadas pelos conferencistas do Simpósio?**

Maria Clara Bingemer - A diferença de fundo é a maneira de fazer teologia. Você vê que David Tracy elabora sua teologia de uma maneira muito diferente da de Andrés Queiruga e João Batista Libânio. Tracy já passou, no itinerário dele, pelo diálogo inter-religioso, agora está nitidamente na mística, mas é uma mística inter-religiosa, não é uma mística fechada. Eu acho que gostei tanto dele por isso, porque eu estou plenamente convicta de que só quem poderá dizer palavras que ajudem à humanidade neste momento são os místicos. Não acho que os teólogos sistemáticos, os filósofos, etc. possam nos ajudar muito nesse momento, em que estamos lidando com o fato de que a religião, muitas vezes, se torna um motivo de medo, de terror, de violência, como é o caso do Islã político, da guerra do Iraque, onde a religião está no centro, no epicentro do conflito como causadora dele, como atriz protagonista. Eu acho que quem está dizendo as palavras hoje, que realmente originam o pensar, são os místicos, ou os teólogos que incluem a mística no seu fazer teológico. Acho que Queiruga e Libânio não ignoram isso, o mencionam, inclusive quando Queiruga falou sobre Urs von Balthasar²¹, que trabalhou muito com a mística assim como Rahner. Mas acho que quem mais enfatizou isso foi Tracy justamente, ele disse que hoje ele está trabalhando diretamente com isso, apofatismo catafatismo, a mística está no centro das preocupações dele, a teologia do Amaladoss pelo fato de ser de um oriental já inclui isso. Os orientais trabalham isso muito melhor que nós. No Ocidente, nós exilamos a mística como uma coisa não séria, menos rigorosa, e eu acho que

²⁰ O *IHU On-Line* n.º 84, de 17 de novembro de 2003, teve como matéria de capa a vida e a obra da importante filósofa Simone Weil. Além da professora Maria Clara Bingemer, foram entrevistados Maria Carpi, Fernando Rey Puente e Emília Mendonça de Moraes. (Nota do *IHU On-Line*).

²¹ Hans Urs von Balthasar, teólogo, é autor de imensa obra teológica. A sua obra fundamental é *Theo-drama. Theological dramatic theory*, Ignatius Press, 1994. Em português pode ser consultado o livro *O cristão e a angústia*, Editora Cristã Novo Século, 2003 e *Meditar como cristãos*, Aparecida do Norte: Santuário, 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

hoje ela está adquirindo uma cidadania cada vez mais central e importante dentro da teologia. Isso eu percebi também aqui. Nas perguntas das pessoas, foi algo que apareceu bastante. O discurso que enfatiza que a teologia da libertação morreu, que não há mais preocupação pelos pobres, não é verdadeiro. Mostrou-se o tempo todo, essa preocupação do enraizamento na realidade. Agora revelou-se muito também uma crítica ao momento atual da Igreja, da instituição eclesial, o sentido do estrangulamento em que se encontra a instituição eclesial como um impedimento sério ao pensar teológico, mas isso eu acho que se sente mais dolorosamente aqui no Sul do que no Norte, porque no Norte eles são mais livres. Eles simplesmente não ligam para isso.

IHU On-Line - Mas, como se expressa no concreto esse estrangulamento?

Maria Clara Bingemer - Há uma marcha à ré em muitos Institutos de Teologia por normas vindas de Roma e pela nomeação dos bispos, que vão numa certa linha junto com novos movimentos neoconservadores como Opus Dei e Legionários de Cristo que estão ganhando cada vez mais espaços nas universidades. Uma recomendação que eu daria para a Companhia de Jesus: os jesuítas têm que ficar nas suas universidades, não podem entregá-las, porque senão nós todos vamos ficar nas mãos desses novos movimentos. Eu acabei de saber que Amaladoss foi chamado ao Vaticano, para responder por suas idéias. Isso esteriliza um teólogo. Leonardo Boff saiu, porque não agüentava mais ficar respondendo cartas, Gustavo Gutierrez se fez dominicano, porque senão passaria o tempo todo respondendo ao Cardeal de Lima, do Opus Dei, justificando daqui e dali. É um momento muito complicado na Igreja para a teologia.

IHU On-Line - Na situação atual da teologia brasileira, como poderia acontecer um reposicionamento na universidade, tendo em conta que também a universidade precisa ser questionada para se voltar mais para a sociedade. A teologia pode ajudar nesse sentido?

Maria Clara Bingemer - Não se deve fugir ao desafio de dialogar com o mundo acadêmico, que é um mundo agnóstico, letrado, que coloca questões agudas. Às vezes, na América Latina, nós nos voltamos mais para uma teologia mais popular, que é mais fácil. Havia até uma postura antiintelectualista que, para mim, não é correta. Por um lado, não se pode abandonar o diálogo com os não-crentes, com os que estão no mundo acadêmico, etc. Por outro, essa síntese que soubemos fazer neste Simpósio é preciosa, no sentido de voltar a reflexão que se faz na universidade a serviço do povo. É um desafio permanente, para todas as universidades, sobretudo para a universidade católica, para a universidade confessional. Na Europa e na América do Norte, a academia fica mais dentro da academia mesmo, mas há exceções, por exemplo, o Cardeal Martini²² que é um homem de uma erudição fantástica, além de um grande homem de Igreja, fundou, na Universidade de Milão, uma Cátedra chamada Cátedra dos que não crêem, em que ele abordava temas que interessam a toda a humanidade e dialogava com não-crentes. Saiu até um livro do diálogo dele com Umberto Eco muito interessante chamado *Em que crêem os que não crêem?*²³. Esse tipo de diálogo a universidade não pode deixar de fazer, embora também não possa deixar de fazer também o outro, o diálogo com as classes desfavorecidas, sobretudo em um continente que tem um terço de pessoas vivendo abaixo do nível de pobreza. Uma situação que antes era só nossa, mas hoje em dia, com a migração é

22 Carlo Maria Martini, teólogo, profundo conhecedor da Bíblia, jesuíta, foi cardeal-arcebispo de Milão, Itália. Atualmente vive em Jerusalém. Dos inúmeros livros de sua autoria, um grande número foi traduzido para o português. (Nota do ***IHU On-Line***).

²³ Livro editado pela Editora Record em 1999. (Nota do ***IHU On-Line***).

uma realidade também na Europa, é o tema número um da agenda dos Estados Unidos, não sei se é da agenda do Bush, mas o é da agenda dos Estados Unidos. Um teólogo como o Queiruga é ótimo que esteja na Espanha, porque a católica Espanha, no momento, tem a mais baixa taxa de natalidade da Europa inteira, e virou a sociedade do bem-estar. Como dizia Simone Weil, ser um intelectual é um privilégio terrível, terrível porque é uma responsabilidade incrível.

IHU On-Line – O estudioso da cultura Néstor García Canclini retrata fortemente os movimentos migratórios no nosso Continente dizendo que uma quinta parte dos mexicanos e uma quarta parte dos cubanos moram nos Estados Unidos. Los Angeles virou a terceira cidade mexicana, Miami, a segunda concentração de cubanos, Buenos Aires, a terceira urbe boliviana. Como a teologia pode ser feita em uma realidade nômade que atinge o cerne das questões identitárias?

Maria Clara Bingemer - A raiz do ser humano, o lugar, é uma coisa seriíssima. Para a Bíblia é fundamental: a maldição de Caim era andar errante, e justamente Deus diz não, ninguém vai matar Caim, porque eu vou botar a minha bênção, o meu sinal sobre a testa dele. O ser humano deseja raiz, deseja um lugar e mundo tal como está, com a globalização, com esses processos perversos do mercado que condena as pessoas a não terem raízes, a não terem lugar. Eu estive em Cuba agora e vi algo de cortar o coração: famílias que se desagregam, porque os filhos estão saindo da ilha e ficam os pais sozinhos, que acabam indo também, mas vão para os Estados Unidos para serem limpadores de piscinas, entregadores de pizza, vão ser sempre subcidadãos, não vão para um futuro melhor, talvez vão ter mais dinheiro no bolso, mas não sei se vai ser melhor, porque, em Cuba, eles eram cidadãos plenos, é a terra deles, e eles morrem de saudades, mas estão condenados a ir para lá, senão morrem de fome na sua terra. É uma situação horrível. E os mexicanos que atravessam o deserto para chegar aos EUA... Essas mexidas mostram que as pessoas estão procurando viver, buscando a vida, porque não estão conseguindo viver nos lugares onde gostariam. O mesmo acontece com os nordestinos no Brasil que vêm para São Paulo e muitos se matam, jogando-se do Viaduto, porque estão morrendo de fome. Vieram em busca de uma vida melhor, de dinheiro para mandar para suas famílias, e somem. As famílias nunca mais têm notícias deles. Acho que há valores fundamentais na humanidade que estão sendo "assassinados" por esse tipo de situação. Isso é uma coisa que tem que ser muito pensada, citando Simone Weil outra vez. A obra-prima dela chamada **O Enraizamento** analisa justamente isso.

IHU On-Line- A Teologia da Libertação nasceu em um contexto político muito definido. Atualmente, a política toma novas formas como o mostram novos movimentos políticos na Argentina, no México, no Brasil, que não passam pelas estruturas tradicionais de partido político, sindicato, etc., formas de democracia direta. Como a teologia pode se deixar influenciar por este novo contexto?

Maria Clara Bingemer - Acho que a teologia atual tem que estar muito aberta para auscultar esses problemas, perceber que eles mudam numa velocidade muito maior do que se modificavam antes. A Teologia da Libertação nasceu num contexto claro de opressão política, inclusive ditaduras. Hoje temos uma democracia, há que ver o que se entende por democracia, se é só escolher os líderes políticos pelo voto, porque não sei se um país com mais de 30 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza, pode fazer uma escolha muito livre... Acho que esses movimentos políticos importantes, depois que os meios de comunicação que

transformaram, segundo McLuhan²⁴, o mundo numa aldeia global, não há mais esse tipo de fronteiras, ou seja, os chamarizes do mercado. Querem transformar o sujeito pós-moderno num sujeito consumidor, que consome, inclusive pornografia. Estão entrando tanto nas favelas, como nas casas das famílias da classe média. Não é só o menino da classe média que deseja o último modelo de tênis, o favelado também, só que ele não tem como comprar, então isso gera nele a frustração, que gera a violência, que o faz procurar o tráfico pra ele ter dinheiro para adquirir as coisas que quer. Essa questão do narcotráfico também é um dos problemas muito sérios que desafia bastante a teologia. Falar em valores como a paz e a alegria, que são os frutos do Espírito que são sempre os valores cristãos por excelência, está muito complicado hoje. Então, por isso, me parece que a teologia deve estar cada vez mais aberta para as outras religiões e para as propostas que as outras religiões fazem no sentido de que as religiões têm que se unir para ver se esses valores são trazidos de volta, porque sem eles a humanidade tem um curto de futuro me parece.

IHU On-Line - O que você acha mais urgente mudar na Igreja?

Maria Clara Bingemer – Mudar as prioridades, porque parece que a prioridade número um está em guardar bem a ortodoxia e a correta doutrina. Eu acho que a prioridade número um para a Igreja devia ser suscitar, facilitar, desobstaculizar, desbloquear a experiência de Deus das pessoas, porque todo o resto vem depois, a norma vindo na frente ela não é abraçada, a imposição vindo na frente também não é abraçada. No momento, porém, que as pessoas fazem as experiências de Deus, que são referência para toda a vida de amor, de ser amado, elas entendem certas coisas, relevam outras, abraçam a norma, passam a amar a liturgia, que é chatíssima. Se elas não têm essa experiência de Deus, não tem sentido nenhum para elas, por isso o jovem não quer ir à missa, porque acha “um saco”, e eu entendo que ache. Seria muito importante mudar esse foco. Para isso a igreja tem que se tornar mais permeável, mais flexível, mais aberta, mais acolhedora.

IHU On-Line - Por que a necessidade de uma teologia feminina? Como está isso aqui no Brasil?

Maria Clara Bingemer - Eu não acredito muito em uma teologia feminista, constituída só de mulheres sem os homens. Não gosto disso. A humanidade é homem e mulher, eu não acho a menor graça num mundo sem homens. Como um mundo sem mulheres é horrível, sem homens também. É muito importante que a mulher faça teologia, porque ela o fará de uma maneira diferente, com o sentido da mulher, com o corpo da mulher, com a experiência da mulher... Se a mulher não entra nesse fazer teológico, a teologia fica mais pobre, assim como se o homem se retirasse, ficaria mais pobre também. A vida familiar se enriqueceu com a maior participação dos homens, dos pais na educação das crianças, homem que cozinha, homem que lava pratos, que acontece hoje com os casais mais jovens. Com a teologia, pode acontecer a mesma coisa, ainda mais que a Igreja Católica, que é uma Igreja clerical, é um mundo só masculino, onde a mulher não entra nem pela tangente. Então acho que as mulheres pensarem, fazerem os cursos teológicos, elas o farão necessariamente com base na própria experiência, a maneira delas, selecionando dados, a maneira de elaborar os dados, a maneira de pensar, misturando a espiritualidade, o que a mulher sabe fazer muito bem, ao contrário do homem separa muito mais as coisas. Será um enriquecimento para todos.

²⁴ Marshall McLuhan (1911-1980) professor canadense que declarou, no final dos anos 60, que o meio é a mensagem e que todos vivemos em uma aldeia global. (Nota do *IHU On-Line*)

IHU On-Line- Olhando a situação sócio-política brasileira atual. Qual é o papel mais urgente das religiões e da teologia?

Maria Clara Bingemer - Segurar a esperança, porque a esperança está “indo pro brejo”. A vitória de Lula foi simbólica. Isso já foi um ganho. Só isto: colocar um operário sentado na cadeira de Presidente da República foi um ganho que o Brasil lavrou pra sempre! Agora, no desenrolar, todo o mundo esperava um Brasil diferente e, de repente, foi acontecendo o mesmo e hoje passado um ano e meio, eu vejo as pessoas muito desencantadas e o pior é que não sabem mais para onde ir, porque antes, se desencantavam, mas diziam: “Tem esperança ali”. A Igreja é a responsável, é a guardiã, sempre foi, as igrejas, eu acho, porque elas são as encarregadas de lembrar o povo de que a gente não pode nunca apostar todas as nossas fichas num projeto humano. A transcendência está aí, embora ela passe pelo histórico. Nós temos obrigação de procurar, de investir se o negócio desenvolve, finalmente não desfraldar as esperanças, sobretudo dos mais humildes, por outro lado não deixar que todas as nossas esperanças morram na praia. É nesse sentido que eu falo de segurar a esperança do povo, acho que, no Brasil, a Igreja tem uma grande responsabilidade nesse ponto.

A TEOLOGIA E A UNIVERSIDADE DEVEM VOLTAR-SE PARA OS MAIS NECESSITADOS

Entrevista com Johan Maria Herman Josef Konings, SJ

*O professor no Instituto Santo Inácio, de Minas Gerais, padre Johan Konings, conversou com o IHU On-Line no decorrer do Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI. Ele ministrou a oficina **Hermenêutica e Teologia no século XXI** no evento. Johan Konings é licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, licenciado e bacharel em Teologia e licenciado em Teologia Bíblica pela Universidade Católica de Louvain. Concluiu o doutorado em Teologia pela Universidade Católica de Louvain em 1977. Entre seus livros publicados, citamos **Ser Cristão. Fé e prática**. Petrópolis: Vozes, 2003; e **Liturgia Dominical. Mistério de Cristo e formação dos fiéis (anos A – B – C)**. Petrópolis: Vozes, 2003.*

IHU On-Line – Quais as idéias expressadas no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI que o senhor considera mais interessantes?

Johan Konings – Infelizmente só participei de algumas conferências. Concordo profundamente com Andrés Torres Queiruga que esse termo pós-modernidade pode ser usado abusivamente. Aqui entre nós, me pergunto, às vezes, se já entramos na modernidade. Deixemos os franceses falarem da sua pós-modernidade, mas aqui a questão é modernidade. É a assimilação de uma cultura crítica, nacional, na medida do possível, internacional, é uma figura pela qual toda a humanidade tem que passar. Então, acho que é muito prematuro querer falar sobre pós-modernidade. Ainda não entramos na modernidade. Ora, o que está sendo questionado, que é o colocado em pauta, é no fundo o que a tradição cristã tem a dizer para este momento que nós vivemos aqui na América Latina, aqui no Brasil. E eu fico sempre com esse jogo de palavras de revelar e relevar. Será que aquilo que nós chamamos de revelação é também relevante, ou seja, será que nós chamamos de revelação alguma coisa que já temos em nós, ou alguma coisa que é capaz de responder àquilo que a nossa tradição nos transmite? Isso eu chamo relevância, releva alguma coisa em nós. Se a tradição é mera repetição de fórmulas e se o veículo desta tradição é uma instituição que apenas quer se continuar a si mesma, corremos o perigo de não termos nada a dizer, nada a comunicar. O que seria a negação mesmo desta tradição que, numa das suas mais belas expressões chama o iniciador dessa tradição de

palavra, Palavra de Deus. O prólogo do Evangelho de João²⁵ identifica o fundador da nossa tradição como uma Palavra de Deus. Ora, se esta palavra não leva em consideração o funcionamento do nosso ouvido, então estamos num diálogo de mudos. Em outros termos, devemos verificar se aquilo que nós transmitimos como palavra de Deus realmente é uma palavra para ser ouvida ou uma espécie de barulhão que nos ensurdece. É como a diferença entre música e som. Hoje em dia, nas danceterias, não há música, só há som quase ensurdecedor. Mas eu me pergunto se, às vezes, aquilo que nós chamamos de tradição, e nos esquecemos que se trata da transmissão de Jesus de Nazaré, não é mais uma coisa ensurdecedora do que uma palavra que toque a sensibilidade do homem e da mulher modernos neste momento histórico em que vivemos. Então, a preocupação dele ser e estabelecer exatamente um diálogo entre esta palavra assim como ela nasceu naquele momento histórico que viveu Jesus de Nazaré e o momento histórico que nós estamos vivendo. Uma cultura que não é homogênea, uniforme, mas plural, composta de elementos étnicos diversos, de tradições culturais diversas, e mais do que isso, talvez seja aquilo que se poderia chamar de toque pós-moderno, a simultaneidade de diversas figuras culturais no mesmo momento, porque nunca, na história, foi possível reunir, ao mesmo tempo, tantas experiências diversas no mesmo e lugar. Diante desta pluralidade, nós devemos, então, introduzir esta palavra que Deus nos falou com muito amor e que se chama Jesus de Nazaré.

IHU On-Line – O senhor acha que, na América Latina, a Teologia soube responder mais aos pobres e na Europa às universidades?

Johan Konings - Eu me criei mais no mundo germânico e, de fato, sobretudo na Alemanha, há faculdades de Teologia que desenvolveram uma disciplina bem universitária. Mas eu não vejo assim uma diferença muito fundamental em termos de experiência popular. Por exemplo, a Teologia do século XX, na Alemanha, nasceu da experiência popular contra a teologia acadêmica. O maior teólogo protestante da Alemanha do século XX, com todo o respeito por Rahner, mas como biblista eu tenho muita simpatia por Rudolf Bultmann²⁶, seu questionamento nasceu, porque depois da destruição causada pela primeira guerra mundial, uma destruição mais cultural e espiritual do que teológica ou material, Bultmann viu, na prática de pastor, juntamente com as populações operárias, onde ele trabalhava, que tudo deveria ser novamente, criteriosamente repensado. E ele se deu ao trabalho de estabelecer critérios na teologia crítica. Isso não nasceu do ambiente universitário, mas sim da Pastoral Operária. O que acontece no Brasil, na América Latina, hoje com a Teologia da Libertação, é exatamente a mesma coisa. Teólogos com uma formação altamente acadêmica, praticamente todos eles estudaram na Europa, França, Itália, Bélgica, Alemanha, confrontados com a experiência do povo na América Latina vêem que o veículo tradicional não responde àquilo que o povo está vivendo.

IHU On-Line - E como vê a presença da Teologia na universidade no Brasil?

Johan Konings - Eu nunca me preocupei muito com isso, embora tenha sido coordenador de Cultura Religiosa da PUC de Porto Alegre. Aliás, nunca me preocupei muito com a presença da

²⁵ Evangelho de João, capítulo 1, 1-18. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁶ Rudolf Bultmann (1884- 1976) é um teólogo alemão. Juntamente com Karl Barth e F. Gogarten, é um dos protagonistas da teologia dialética. Não a história, mas o 'querigma', isto é, a proclamação da primeira cristandade, está na raiz da fé. Essa é a tese fundamental de Bultmann, que marca a teologia do século XX. No Brasil, acaba de ser publicada a sua obra fundamental intitulada Teologia do Novo Testamento, São Paulo: Editora Teológica, 2004. O livro, com 928 páginas, foi traduzido por Ilson Kayser e revisado por Nélio Schneider. (Nota do *IHU On-Line*)

teologia em geral, claro, eu sou teólogo, a minha profissão é formular melhor, de maneira mais adequada, o discurso sobre Deus. Mas, o que importa na universidade, tenha Faculdade de Teologia ou não, é que se faça pesquisa e ensino de uma maneira científica e que o resultado disso se destine honestamente ao ser humano e, em primeiro lugar, ao ser humano mais necessitado. Isso para mim é o teor teológico da universidade.

IHU On-Line – Qual a lição mais importante que tirou de sua longa experiência na Pastoral Universitária?

Johan Konings - Sim, eu me envolvi bastante na Pastoral Universitária. Ora, eu não considero a universidade um âmbito muito especial para a elaboração de um discurso cristão. Deve haver faculdades de Teologia, dentro ou fora da Universidade, para se especializar no estudo da tradição cristã, eventualmente para preparar ministros cristãos, tudo bem, mas a Pastoral como tal não se faz num âmbito separado. O universitário vive numa família, espero, porque muitos, atualmente já nem conhecem mais a experiência daquilo que é uma família. Ele vive num ambiente mais amplo, trabalho - ele tem que trabalhar para pagar seus estudos-, e talvez esse ambiente de trabalho seja mais importante do que as três horas noturnas que ele passa na universidade. E também num ambiente cultural amplo, um ambiente político, etc. Então a Pastoral deve estar presente em tudo isso, não pode ser setorizada. Se, na universidade, lhe mostram modelos bonitinhos, mas que não funcionam, quando vai para casa, para que serve isso? A Pastoral Universitária não deve ser outra coisa senão um prolongamento da experiência cristã em toda a vida do universitário.

A TEOLOGIA E A IDÉIA DE DESENVOLVIMENTO NACIONAL

Entrevista com Rubens Ricupero

IHU On-Line entrevistou Rubens Ricupero, secretário geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), que ministrou a conferência de abertura do Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, na noite do dia 24 de maio, sobre **A grande transformação socioeconômica da sociedade capitalista pós-moderna: desafios e perspectivas tendo em vista o lugar da universidade e da teologia no século XXI**. Rubens Ricupero foi nomeado secretário geral da UNCTAD em setembro de 1995. Anteriormente foi subchefe da Casa Civil da Presidência em 1985, e conselheiro especial do Presidente da República em 1986. Em 1993, foi nomeado ministro do Meio-Ambiente e da Amazônia pelo Presidente Itamar Franco, antes de tornar-se ministro da Fazenda em 1994, quando supervisionou o lançamento do programa brasileiro de estabilização econômica (Plano Real). Rubens Ricupero é professor de Teoria das Relações Internacionais na Universidade de Brasília, desde 1979, e professor de História das Relações Diplomáticas do Brasil, no Instituto Rio Branco, desde 1980. É também autor de diversos livros e ensaios sobre relações internacionais, problemas do desenvolvimento econômico, comércio internacional e história da diplomacia. Entre eles, citamos **A ALCA**, São Paulo: Publifolha, 2003. De Ricupero, *IHU On-Line* publicou dois textos: *Uma reforma anacrônica?* e *Reforma agrária não é questão de polícia*, na 69ª edição, de 4 de agosto de 2003, e um artigo dele sobre Norberto Bobbio na 89ª edição, de 12 de janeiro de 2004

IHU On-Line - O senhor vem, entre outros aspectos, abordar a questão do capitalismo na pós-modernidade, mas onde está o Brasil nessa pós-modernidade, na medida em que nós temos uma realidade brasileira que, em muitos casos, é anterior a essa pós-modernidade?

Rubens Ricupero - Isso é verdade. Eu acho que o caso brasileiro é de uma particular heterogeneidade, no sentido que Celso Furtado havia definido muitos anos atrás. Isto é, temos um tipo de economia capitalista em que há regiões que estão em distintos tempos do capitalismo. Isso traz o atraso de umas em relação a outras, mas são diferentes de natureza, justamente como diz a palavra heterogeneidade. Isso, no Brasil, se nota claramente num exemplo, entre muitos, mas este exemplo eu acho muito claro, que é o conflito pela terra. Nós temos, ao mesmo tempo uma das agriculturas mais modernas e mais intensivas em capital e tecnologia do mundo, que é essa grande agricultura do agro-negócio exportador, mas ao mesmo tempo temos um movimento de camponeses sem terra. Esses dois fenômenos, normalmente, não coexistem porque nos países onde há uma agricultura muito capitalizada, com muita tecnologia, a fase da reforma agrária, do acesso à terra, já se cumpriu, no passado. Enquanto que no Brasil, curiosamente, nós temos essa coexistência com tensões, de uma agricultura muito moderna, exportadora, concentradora do capital, e um movimento de milhares de agricultores que não têm, ainda, terra. Portanto, só isso já mostra a complexidade da estrutura brasileira. Eu citei esse exemplo porque é um exemplo dramático, não resolvido, um problema que até hoje não se vê claramente qual será a solução. Porque, embora a agricultura moderna seja muito útil para o País, em termos de comércio exterior, ela não tende a gerar muitos empregos. Então, ela não resolve o problema dessa massa de gente deslocada. E como o País não está crescendo, não há também geração de empregos na indústria e nos serviços que possa absorver esses trabalhadores agrícolas.

IHU On-Line - Na Folha de S. Paulo do último dia 23 de maio, o senhor chama a atenção para a necessidade de o País criar uma marca forte, à luz da experiência asiática, quem sabe, e chamava a atenção para a necessidade de definir algumas características de uma estratégia nacional de desenvolvimento. Que características seriam essas?

Rubens Ricupero - Eu parto de um ponto que me parece crucial: o Brasil tem que abandonar a ilusão que cultivou nesses últimos dois anos, e que é baseada na suposição que nós só vamos crescer com capital vindo de fora; que nós precisamos inelutavelmente, importar poupança externa e por isso, para podermos atingir o que os economistas chamam "o grau de investimento", *investment grade*, que nós temos que seguir uma política além, até, da ortodoxia, em termos de superávit primário, de orçamento, taxas de juros. Eu acho que se essa visão equivocada não for abandonada, não há solução viável para o Brasil, porque eu acho que ela se baseia num grande equívoco: na hipótese de que nós temos um sistema financeiro mundial estável, que recompensa os países que têm bom comportamento. E isso não é verdade. Nós temos um sistema financeiro extremamente volátil, que se deixa levar por considerações muitas vezes irracionais e, por mais que o Brasil se esforce em atingir as metas ortodoxas, ele nunca será recompensado, estará sempre em situações como nós estamos agora, de novo, ameaçados por uma outra crise. Nós temos que encontrar outra solução para sairmos dessa prisão da dívida. Essa solução só pode ser através da produção, por muitos anos, de saldos comerciais apreciáveis, com o câmbio favorável para exportação, e através desses saldos comerciais, reduzir ao mínimo absoluto a nossa necessidade de recursos de fora. Isso é o que fizeram os países que estão crescendo. Países como a China e a Índia, que crescem a oito ou a seis por cento porque nunca cometeram o erro brasileiro de acreditar na globalização financeira, mantiveram sempre a sua autonomia financeira, não se endividaram em relação aos mercados internacionais, acumularam enormes reservas. São países que podem crescer mesmo em condições que no Brasil são impensáveis. Por exemplo: a Índia está crescendo seis por cento ao ano com um déficit consolidado no setor público, somando o governo central e os estados, de 10% do PIB, com uma inflação baixa, mais baixa do que a

brasileira. Ela só consegue fazer isso porque ela não depende dos mercados internacionais. Então, o que eu defendo no meu artigo, é o caminho do comércio exterior, que passa pela conquista da eficiência, e aí é que vem a idéia da “marca Brasil”. Porque há muita coisa que nos prejudica, hoje, que depende apenas de nós mesmos, não do mundo exterior. Por exemplo: nós temos uma burocracia pesada e onerosa no comércio exterior, é difícil exportar. Isso depende apenas de uma maior racionalidade. Nós temos até hoje um sistema de tributos, de impostos, que oneram as exportações; isso só depende de nós mudarmos, não são os americanos que nos impedem; nós temos que melhorar a administração dos portos, que são caros, mal administrados, com algumas exceções. Então, o que eu propugno, é um esforço sistemático em todas as áreas que dependem de um esforço nacional de competitividade para criar a obsessão necessária pela independência.

IHU On-Line - O senhor chamava atenção, nos seus textos de alguns meses atrás, da necessidade de implantar algumas política distributivistas, com base em alguns estudos do Ipea. Alguma coisa disso – porque essa característica do governo brasileiro, que o senhor assinalou, de confiança extremada na globalização financeira, ela já vem de outros governos...

Rubens Ricupero - Veio a partir do Collor, e se manteve, eu devo dizer que no período em que eu fui Ministro da Fazenda, eu nunca acreditei nisso, tanto assim que eu nunca visitei o Fundo Monetário Internacional, e nesse período eu fui contra a apreciação da moeda. Eu aceitei, e disse isso no Congresso, que o real se valorizasse, pois ele foi lançado no meu período, apenas por algumas semanas, porque no início não se acreditava no real. Então, a valorização frente ao dólar teve um efeito psicológico. Eu lamento enormemente que depois de eu ter saído, os que ficaram, que são meus amigos, mas eu acho que cometeram um erro grave – Gustavo Franco, Pedro Malan, o presidente Fernando Henrique – persistiram nisso até 1998, com resultados desastrosos.

IHU On-Line - Qual é o papel da Universidade nessa problemática?

Rubens Ricupero - Eu acho que a universidade tem que desempenhar um papel de consciência crítica, de avaliação dessas teorias que estão por aí. Uma das causas do mal que está nos dominando, na América Latina, é que infelizmente muitos dos nossos economistas formaram-se em universidades norte-americanas. E isso foi deliberado, a partir dos anos de 1960, com programas de bolsa, e esqueceu-se uma coisa que Raul Prebisch, o fundador da Cepal, o fundador da Unctad, que eu dirijo, e amigo do Celso Furtado, dizia, que as teorias neoclássicas, as teorias econômicas do Norte, são valiosas, não devemos ter arrogância, temos muito o que aprender com elas, mas nós temos que avaliá-las com olhos críticos, a partir da nossa realidade, mas os economistas importam essas teorias.... Eu acho que o papel da universidade é produzir um pensamento crítico e potente, para ser levado a sério, mas que seja capaz de questionar essas teorias, essas abordagens, que não são adequadas para o tipo de necessidade que nós temos. Então eu acho que a Universidade deveria ser o ponto de reflexão do projeto nacional de desenvolvimento, que está faltando ao Brasil. Nós vemos que os governos se sucedem e estão todos um pouco perdidos, nenhum deles têm uma idéia de nação, de um projeto a construir, perdeu-se isso há muito tempo. Eu vejo aí um papel muito grande da Universidade em busca desse projeto, a universidade teria que animar esse projeto.

IHU On-Line - Ela está ausente?

Rubens Ricupero - Eu acho que ela está muito modesta, porque grandes universidades do passado que tinham um bom prestígio, como a Universidade de São Paulo, se tornaram um

pouco técnicas, afastadas da realidade social. Eu acho que ainda há esse papel na Unicamp, por exemplo, que tem um foco de pensamento crítico. Mas vejamos um exemplo concreto: a mim me chama muito a atenção a agricultura de exportação. Eu sempre me pergunto se essa grande agricultura de soja, de algodão, a criação de gado no Mato Grosso, que nos enche de orgulho, como brasileiros, qual é o impacto social dessa agricultura na região? Qual é o impacto do nível de emprego? No nível de salário? Na questão da terra? Que eu saiba, não há estudos. Ora, à Universidade competiria esses estudos, sobre a realidade nacional. Nós precisamos saber o que está acontecendo. Esse tipo de agricultura pode coexistir com a reforma agrária, com a propriedade familiar? Como criar um espaço para a agricultura familiar? Isso compete aos pesquisadores da Universidade, os agrônomos, os economistas... Eu confesso que fico um pouco surpreso de ver que o que há de mais interessante nessa área vem de iniciativas, ou do Ipea²⁷, que é um órgão oficial, que produz coisas muito boas, inclusive os melhores estudos sobre o problema da Alca, na distribuição da renda, são todos do Ipea, assim como os estudos sobre a concentração de renda. O único problema do Ipea é que ele deveria orientar o governo e o governo não lê os próprios estudos, produz mas não lê, não utiliza. Outros estudos são de pessoas isoladas, como os do professor Márcio Pochman, da Universidade de Campinas²⁸. Mas um País como o Brasil cujo problema central é a extraordinária desigualdade de miséria, da pobreza, devia ser essa a primeira prioridade da Universidade, em cada lugar, aqui, no Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso, partindo da realidade local, estudar. Não se vê isso, a universidade nem sempre contribui para o conhecimento da realidade local, ela muitas vezes fica prisioneira de currículos, que são adequados mas um tanto acadêmicos e tradicionais. Falta um pouco esse contato com a realidade. A segunda coisa que eu vejo, é que de um lado há um excesso de indulgência com universidades privadas que são fábricas de diplomas, eu não sou contra a universidade privada, pelo contrário, sou contra aquelas que são indústrias para construir fortunas, como algumas. Por outro lado há muita rigidez para quem quer criar cursos novos, com currículos mais inovadores. Por exemplo: hoje em dia, quando é nítida a idéia de que o desenvolvimento é um processo contínuo de aprendizagem, a universidade deveria estar atenta para acompanhar as demandas que a economia moderna exige. A Universidade de Genebra, onde eu moro, ela tem três grandes ramos. Um que prepara os professores para o sistema de ensino; outro que é sobre os ensinos especiais, minorias, excepcionais; e um terceiro ramo que é a da educação permanente exigida pela vida moderna. Eu não vejo essa preocupação nos cursos de Pedagogia do Brasil, nós somos um pouco atrasados, nisso. Então eu acho que a Universidade, para ser levada a sério, precisa começar a produzir conhecimento e colocar-se “à frente da curva”, não apenas importar de fora as coisas novas.

IHU On-Line - Onde entra a teologia, nesse movimento?

Rubens Ricupero - Eu sou muito favorável a que haja Teologia na Universidade. Na minha opinião, seguimos o sistema francês, que é o da laicização radical. Na universidade, o ensino e a pesquisa foram separados do ensino da Teologia. A França fez isso com a Revolução Francesa porque rompeu com as tradições do Ocidente, mas essa ruptura nunca ocorreu nos países do mundo germânico ou do mundo inglês, em que sempre se compreendeu que o

²⁷ IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, existente há 40 anos, é uma fundação pública subordinada ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão com a atribuição de elaborar estudos e pesquisas para subsidiar o planejamento de políticas governamentais. (Nota do *IHU On-Line*)

²⁸ De Márcio Pochmann o *IHU On-Line* publicou a entrevista intitulada “Nunca esteve tão longe a distância entre o País que podemos ser e o País que somos”, na 98ª edição, de 26 de abril de 2004. (Nota do *IHU On-Line*)

ensino da Teologia não tem nada a ver com o confessionalismo. Em Viena, há anos, eu conheci muitos estudantes de Teologia não eram sequer pessoas religiosas, eram pessoas que, muitas vezes, tinham dúvidas existenciais e faziam cursos de Teologia, como os de Filosofia, em busca de uma resposta para o sentido da vida, mas não porque estivessem se preparando para o sacerdócio, ou porque fossem católicos ou protestantes. Eu acho que a Teologia faz parte do conceito de universidade, porque essa palavra, nós sabemos, vem dessa raiz latina que é a totalidade do conhecimento humano. Então não se pode excluir um segmento do conhecimento humano, como é a reflexão sobre o transcendental, sob o argumento de que isso não tem nada a ver com o Estado leigo. Eu acho que é necessário que haja o ensino da teologia mas um ensino aberto, não pode ser um ensino de tipo positivo, inquisitorial, mas um ensino inclusive para contestar a própria teologia. Curiosamente o Darcy Ribeiro, quando fundou a Universidade de Brasília, e eu fui testemunha disso, ele queria criar o Instituto de Teologia, embora ele mesmo fosse agnóstico, não tivesse nenhuma fé religiosa, ele tinha muita ligação com o Frei Mateus Rocha, que é um grande dominicano e que morreu prematuramente em um acidente de automóvel. Um homem que nos deixou um livro maravilhoso, chamado “Um programa de vida radical”, que era justamente a vivência do Evangelho. O Frei Mateus estava trabalhando com Darcy para criar esse Instituto de Teologia dentro da Universidade. Mas houve o golpe militar e projeto foi abandonado, Mas vê-se que houve pessoas que entenderam isso. Acho que deveríamos ter a teologia nas universidades, não apenas a Teologia católica, mas ter teologia como um espaço ecumênico.

IHU On-Line - Frente à complexidade brasileira, que prejuízos nós tivemos com a ausência desses estudos teológicos?

Rubens Ricupero - Eu acho que prejuízo que nós tivemos é que o conceito de desenvolvimento que nós devemos buscar, e aí vem a idéia do nosso fracasso, não é apenas a idéia do desenvolvimento material, eu não creio que nós devamos imitar uma sociedade como a norte-americana, cada vez mais preocupada em acumular riquezas. Para mim, a melhor definição de desenvolvimento é a de Jacques Maritain²⁹, o grande filósofo católico, em que ele dizia que era a promoção de todos os homens e a promoção do homem como um todo. O que ele queria dizer com isso: a promoção de todos os homens e mulheres, sem discriminação de classe, raças ou de religião. E do homem como um todo, que era a promoção de tudo aquilo que o homem tinha, as suas necessidades materiais mas também as suas necessidades – eu não diria nem espiritual, porque isso já implica uma fé religiosa – falando numa linguagem totalmente leiga, as suas necessidades simbólicas, de cultura. Esse tipo de coisa, se ficar faltando, acaba produzindo um homem incompleto, aquilo que Marcuse chamava de um homem unidimensional. Que é o que nós estamos vendo hoje em sociedades como a norte-americana, que é o que abre caminho para os fundamentalismos, que torna mais fácil, curiosamente, o domínio dos fanatismos religiosos, quando eles aparecem. Justamente, um ser humano despreparado, não desenvolvido em todas as suas dimensões, ele cai mais facilmente nessa armadilha dos fundamentalistas, ele não tem um pensamento crítico.

IHU On-Line - Nexos que o senhor estabelece entre o seu interesse pela teologia e a sua vida, como foi o seu percurso como cristão...

²⁹ Jacques Maritain, filósofo e pensador político, nascido em 1882 e falecido em 1973, foi um dos principais expoentes do tomismo no século XX e influente intérprete do pensamento de S. Tomás de Aquino. Uma de suas obras principais é **Por um humanismo cristão**, São Paulo: Paulus, 1999. A editora Loyola acaba de publicar o livro **A filosofia da natureza**, 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

Rubens Ricupero - Eu não sou uma pessoa muito dotada para a especulação filosófica ou teológica, para o pensamento abstrato. Eu tenho uma abordagem em geral histórica e tenho uma grande atração pelas artes, em geral. Mas tenho fé religiosa e desde os tempos em que eu era estudante, aos 18, 19 anos, na Faculdade de Direito, em São Paulo, eu fazia parte de uma Conferência Vicentina e sempre me aproximei da militância pelo lado do trabalho concreto. A Conferência de São Vicente de Paulo lembra um pouco os movimentos que algumas ONGs vêm repetindo, de procurar aliviar as misérias humanas, mesmo sabendo que aquilo não vai resolver o problema na raiz. Eu comecei por aí, trabalhei em favelas, em 1995, acho, com um grupo de estudantes, fui visitar Dom Helder Câmara, no Rio de Janeiro³⁰, nós queríamos iniciar um trabalho nas favelas ... Essa preocupação com a pobreza, trabalhar diretamente com o povo pobre, foi uma coisa que me acompanhou toda a vida. Até hoje, eu trato das questões do desenvolvimento por causa disso, eu me convenci, vendo, nas favelas, que só a caridade não resolve. A influência que eu tenho é do catolicismo francês do pós-guerra, o de Jacques Maritain, através de Alceu Amoroso Lima. Sou hoje presidente do Conselho do Instituto Jacques Maritain, em São Paulo. Tive muita influência dos teólogos dominicanos e a minha espiritualidade é, sobretudo, beneditina, eu sou muito ligado aos beneditinos. Na verdade creio que a Ordem de São Bento, é o espaço onde eu me sinto bem, mas tenho também uma ligação com os jesuítas através da vida intelectual, visitei inclusive a casa de Santo Ignacio de Loyola na Espanha.

LITERATURA COMO LUGAR DA TEOLOGIA

Entrevista com Geraldo De Mori

IHU On-Line conversou com o Prof. Dr. Pe. Geraldo Luiz De Mori, SJ, durante o Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, no qual o professor ministrou o minicurso **A pós-modernidade e a teologia: desafios e tarefas**. Bacharel em Filosofia e em Teologia pelas Faculdades de Filosofia e Teologia, respectivamente, do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, Minas Gerais, é mestre e doutor em Teologia pela Faculdade de Teologia do Centre Sèvres, de Paris. Atualmente é professor de Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte.

IHU On-Line –Você trabalhou a temática do tempo em Teologia, na sua tese de doutorado. Quais as principais reflexões tiradas dessa pesquisa?

Geraldo de Mori- Interessei-me por essa problemática a partir do meu mestrado. Na dissertação, trabalhei a Teologia da Cruz em Moltmann e Sobrino, um alemão e outro da América Central. Quando eu estava estudando estes dois teólogos, percebi que todo o pensamento deles, na verdade era determinado por uma problemática temporal, eles tinham uma interpretação do evento da cruz a partir da escatologia, que é coração na revelação cristã. Só que eles entendiam diferentemente a escatologia. Um era mais marcado pela questão do futuro, Moltmann; e Sobrino, mais pelo presente, muito preocupado com o sofrimento no presente. Porque a questão do tempo é antiga, Santo Agostinho é um dos grandes teólogos do tempo. E depois muitos filósofos e teólogos se debruçaram sobre isso ao longo da história.

³⁰ D. Hélder Câmara, cearense, foi bispo auxiliar do Rio de Janeiro, fundador, em 1952, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – e, em 1964, assumiu o cargo de arcebispo de Recife. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Ele foi amplamente citado no *IHU On-Line*, n.º 96, de 12 de abril de 2004 que debateu o golpe militar de 1964. Confira especialmente a entrevista do historiador e padre José Oscar Beozzo. (Nota do *IHU On-Line*)

Para o doutorado, então, lendo Paul Ricoeur³¹, descobri que poderia tentar pensar o tempo com base na nossa situação aqui do Brasil e na da literatura. Ricoeur afirma que o tempo não é algo que pensamos, mas algo que contamos. Contamos o tempo, quando contamos a história. O homem é um ser temporal porque ele conta a sua própria história, a sua própria vida, faz narração. Então a partir disso tentei pensar que histórias sobre nós, brasileiros foram narradas, que dizem algo sobre nós, mas que ao mesmo tempo falam sobre a nossa maneira de viver, ou de pensar, ou de ser no tempo. Eu já conhecia um romance de um escritor baiano, João Ubaldo Ribeiro, que se chama *Viva o Povo Brasileiro*, e fiz uma leitura desse romance, aplicando a ele uma categoria de Ricoeur que ele chama de verdadeiras fábulas do tempo. Achei que esse romance poderia ser uma fábula do tempo brasileiro. Então tentei fazer a leitura do romance como fala do tempo brasileiro e depois tentei ler a Bíblia como uma “fábula” do tempo da revelação. E a minha tese é um pouco disso, tentar ver como essa fábula do tempo brasileiro apresenta questões teológicas e como a fábula do tempo da revelação ajuda a pensar essa primeira.

IHU On-Line- Quais as principais conclusões que tirou confrontando ambas as “fábulas”?

Geraldo de Mori- Na verdade, a tese de Ricoeur se desdobra em três subteses. As minhas conclusões vão nestas três direções. A primeira é que o tempo só pode ser contado. Quando contamos o tempo, contamos com um começo, um meio, um fim; uma história. Então eu tentei ver como nós contamos a história aqui no Brasil para nós mesmos a partir desse romance. A conclusão que cheguei é que primeiro nós temos um problema muito grande com a nossa memória, o passado, que é o começo. Porque aqui no Brasil, normalmente, temos muito problema com a memória, facilmente esquecemos, não somos muito amigos de ficar pesquisando o passado. Porque o romance, que acontece em trezentos anos de história do Brasil e tem duas *anamneses*, duas, digamos assim, voltas, ou releituras ao passado histórico do Brasil todo. Uma que é feita pela oralidade, chamada, digamos assim, através de uma personagem, que é uma mãe de santo que conta, quando ela faz cem anos, a história dela. A isso chamo de *anamnese* da oralidade. E a outra, é uma personagem já do final do romance, que se tornou um general do exército, e no final da vida, narra todas as suas peripécias, começa a escrever as memórias. Assim, a primeira é uma memória oral e a última é uma memória escrita, só que ele não consegue ler, nós não conseguimos ler porque ela é roubada, a memória é roubada. No livro, quando esse personagem morre, no dia em que completa cem anos, quando vão enterrá-lo, aparecem ladrões na sua casa e levam uma espécie de canastra onde estão essas memórias escritas. Então, nós só temos acesso ao nosso passado, ou através da oralidade, das histórias que escutamos, mas a história contada por escrito, existe, mas não conta realmente. A verdadeira história do povo brasileiro, que é povo, não são só os heróis do romance, mas é o “povão”. Então um pouco de toda essa problemática da história, que ela emerge muito forte no romance, que tem a ver com uma categoria que o autor chama *identidade narrativa* é uma categoria que eu trabalho muito. Então, para você entender sua identidade, saber quem é você, tem que saber, quais são as histórias que você ouviu que compõem a sua identidade. Para saber quem é o Brasil, devemos ouvir as histórias dos diferentes povos, culturas, que se misturaram e que formaram essa cultura.

³¹ Paul Ricoeur, filósofo, francês, autor do importante livro **O conflito das interpretações**, São Paulo: Imago, 1978. Completou 90 anos de vida no ano passado. O **IHU On-Line** publicou, de Paul Ricoeur, um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, na 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10 de março de 2003. (Nota do **IHU On-Line**)

IHU On-Line- E quais as conclusões em relação a como o povo brasileiro trabalha o presente e o futuro?

Geraldo de Mori- Muitas vezes, falamos que o Brasil é o país do futuro, que nós somos o povo da esperança, então me perguntei qual é o tempo do Brasil? É o futuro. Qual é a temporalidade do brasileiro? O brasileiro é o povo que vive voltado para o futuro. Mas, no romance, a temporalidade do brasileiro é outra. Descobri um personagem dentro do romance que simboliza o Brasil, que se chama Capiroba. Ele é antropófago, que podemos associar com todas as teorias do Oswald de Andrade, do Manifesto de Antropofagia, da Semana de Arte Moderna, que caracteriza nossa cultura como antropófaga. Isso aparece no romance de maneira curiosa, interessante e instigante. Será que a temporalidade da antropofagia é futura? É presente? É passada? O que é? Seria uma temporalidade mestiça, antropofagia significa mestiçagem, a morte daqueles que entram na relação para nascer algo novo, então nesse sentido ela é futura, tem muito a ver com o futuro, o brasileiro, digamos assim, a própria identidade dele, a identidade narrativa dele, que depende do passado, mas ela é futura, ela está em construção. Na verdade o antropófago é o presente. Aí eu vou trabalhar com um personagem brasileiro que é muito forte, que encarna bem isso dentro do romance, o Leléu, que é a encarnação do jeitinho brasileiro, isto é, onde ele puder encontrar um nicho para driblar a própria sorte, ele entra. Então aquilo que eu achava sobre a temporalidade brasileira mais voltada para o futuro, comecei a perceber que o jeitinho é o que você pode fazer agora para viver, para se virar. Fiquei muito instigado com essa figura.

IHU On-Line- Como a análise do tempo torna-se uma problemática teológica na sua análise?

Geraldo de Mori- Normalmente, quando se pensa essa problemática do tempo, pensa-se não só em termos de presente, passado e futuro, em termos da questão da identidade, do contar, narrar, mas tem toda a pergunta sobre o fundamento do tempo. Normalmente na história do pensamento filosófico e teológico, o fundamento do tempo é a eternidade, que, no romance, aparece através das reencarnações do personagem Capiroba, a alma dele, que se chama no final do romance a alma brasileira, na verdade é um pouco a saga do povo brasileiro. Ela se reencarna de novo para poder aprender, porque ela não aprendeu o suficiente, para representar progressivamente a alma brasileira, o romance termina assim. No Brasil, muitos acreditam na reencarnação, mas não é tanto na perspectiva religiosa. Eu quis pegar mais um pouco o que aqui na América Latina, a teoria literária chama de realismo mágico. Isso funciona como um realismo mágico, quer dizer, como o fundamento do tempo, não é eternidade abstrata, mas é um pouco também dessa capacidade de encontrar sentido onde quer que você possa. Então eu vou tentar pensar teologia a partir de um diálogo, digamos assim, com a literatura, com a antropologia, com a cultura, não simplesmente fazer uma Teologia que vem assim do alto.

IHU On-Line- Você utilizou textos bíblicos específicos aplicando a categoria de “fábula”?

Geraldo de Mori- Eu peguei uma perspectiva que é privilegiada na exegese teológica hoje, que não seleciona um texto ou uma parte da Bíblia específica, mas faz uma leitura canônica da Bíblia, ou uma leitura bíblica como livro, com um começo, um meio e um fim. Ler a Bíblia como se fosse um “romance” e tentar perceber qual seria o começo do texto bíblico, o meio e o fim. Que categorias esse texto me oferece, ou que temáticas ele trabalha.

IHU On-Line- Por onde caminha a teologia hoje? Que linhas teológicas que estão surgindo na contemporaneidade são mais instigantes?

Geraldo de Mori- Eu acho que as temáticas que foram abordadas aqui no Simpósio, mostram um pouco para onde está indo a teologia. Uma das temáticas fundamentais é o diálogo inter-religioso. Essa é uma das temáticas que tem que ser aprofundada, ela tem que encontrar espaço dentro da teologia. Uma outra, não tanto temática, e sim lugar da teologia é a literatura. A literatura é um espaço que deveria ser mais explorado pela teologia, é um lugar privilegiado para fazer teologia.

IHU On-Line- Que crítica faria à teologia, ou melhor a que tipo de teologia faria uma crítica?

Geraldo de Mori- À teologia que é feita só para o interior da Igreja, que está preocupada só com os problemas da Igreja, que quer dar normas, regras, ou que quer pensar normas, as regras que já existem e dar a elas uma espécie de embasamento, mas que não é voltada para a vida das pessoas. Acho que uma teologia muito voltada para a Igreja somente, Igreja enquanto Instituição ou mesmo Igreja enquanto comunidade, ou para as Comunidades Eclesiais de Base, por exemplo, não responde a nosso tempo. A teologia tem que ter essa versatilidade para poder estar com antenas ligadas, preocupada com as diferentes problemáticas. O câncer da teologia é quando ela se fecha. Ela é chamada sempre a estar aberta às realidades onde ela se insere, onde se insere a comunidade cristã, eu acho que a teologia tem que estar sempre tentando refletir a vida onde os cristãos estão inseridos. Agora falamos muito de pós-modernidade, que é uma espécie de elevação à enésima potência do indivíduo, um ego, não diria nem um egocentrismo, senão pode parecer quase que uma leitura analista, mas uma espécie de supervalorização do indivíduo e do eu e que pode repercutir na teologia, em ela preocupar-se cada vez mais somente em dar sentido para as questões levantadas pelo indivíduo, no caso. A mesma crítica que eu faria para uma teologia voltada só para a Instituição, eu diria o mesmo para uma teologia voltada só para os problemas do indivíduo. A teologia tem que ouvir essa rede na qual a pessoa está inserida, que é o mundo, que são as outras pessoas, que é a sociedade, os diferentes lugares onde ela vive. Se ela se fechar sobre qualquer forma, cria muros para não ouvir, ou para não ver, aí eu acho que ela começa a morrer.

ECOS DO SIMPÓSIO

Acompanhe o que alguns participantes do evento acharam do espetáculo Morte e Vida Severina, apresentado no dia 25 de maio, durante o Sempre às Terças, no anfiteatro Padre Werner:

“Achei lindíssimo. Além do aspecto artístico, essa peça se destaca pelo conteúdo, que é muito próprio dentro do tema do Simpósio. Foi muito interessante a forma de os atores se identificarem com seus papéis”.

Lúcia Weiler, professora de Teologia na ESTEF, de Porto Alegre, e ministrante de oficina no Simpósio.

“Foi bonito e muito interessante. João Cabral de Mello Neto mostra muito bem a realidade brasileira, e só é possível fazer uma teologia verdadeira com os pés no chão, de frente para a realidade. Essa peça nos passa justamente essa questão da desigualdade”.

José William Araújo, teólogo de Petrópolis – RJ.

“Foi lindo, muito bem trabalhado e artisticamente bem elaborado. Mais espetacular ainda é a mensagem que se passou, da esperança sem negar o sofrimento e a miséria. A teologia se ocupa dessa realidade. A realidade oferece seu conteúdo para que a teologia faça seu trabalho”.

Aldir Crocoli, professor de Teologia na ESTEF, de Porto Alegre.

“A peça foi bem organizada, com boa seqüência, mostrando o ser humano como centro na questão da realidade, além da mensagem da vida. O espetáculo também traz muito a questão da religiosidade, nos induzindo a uma profunda reflexão”.

Analice Formagini, professora de Ensino Religioso no município de Fontoura Xavier – RS.

A seguir, a opinião e avaliação de participantes do evento:

“O evento foi interessante porque cada conferencista ofereceu uma visão de suas pesquisas, seus estudos, a respeito das temáticas propostas. Isso enriqueceu muito a visão que temos a respeito da teologia, sobretudo esses desafios que a pós-modernidade apresenta. Sairemos daqui com maiores elementos para lidar com as problemáticas e oferecer contribuições também no trabalho que realizamos em diversos lugares. Temos descoberto, cada vez mais, sobretudo nessas conferências, como a teologia tem, de fato, seu lugar específico, conjuntamente com outras ciências, outros campos e saberes, oferecendo uma crítica e uma outra maneira de entender as coisas. Em sua palestra, o padre Libânio disse que nem todos os saberes juntos são capazes de oferecer elementos para a compreensão da realidade como um todo. A realidade como tal nos escapa a todos. Nesse espaço que resta sempre, e que nenhuma ciência é capaz de resolver, encarar ou explicitar, que a teologia vai encontrando sempre o seu lugar. Claro que saímos com muito mais perguntas do que respostas, mas isso é bom!”

Sancley Lopes Gondim, professor de Antropologia Teológica na Faculdade Santa Marcelina, de São Paulo – SP.

“Achei a organização do evento ótima. Contamos com pessoas muito bem preparadas. A estrutura da Unisinos favoreceu muito o Simpósio, pelo ambiente, biblioteca, para os tempos vagos que ficaram. O nível das palestras foi muito bom. Não posso me queixar de nada. Precisamos tentar encontrar o espaço da teologia e da mensagem cristã para o mundo. É o último imperativo de Jesus: ide e anunciai o Evangelho a toda criatura. Temos que levar a sério esse mandamento e fazer a diferença no mundo. Na universidade, que é um espaço de reflexão e de pensar a própria fé, nós podemos dialogar com as outras ciências e culturas. O contato com pessoas de outros continentes e nacionalidades nos permite abrir mais os horizontes”.

Leandro Luis Fontana, aluno da graduação em Teologia da PUCRS, de Porto Alegre.

“O que me fez procurar este evento é uma falta de atualização do assunto. Eu trabalho numa escola e percebo que lá estamos um pouco atrás da modernidade. Achei muito bom porque

veio ao encontro do que eu esperava. Minhas expectativas foram atendidas. Esse tema também me interessa por realização pessoal. Gosto de todo assunto que envolva a teologia e o estudo de Deus. Discutir o lugar da teologia na universidade é fundamental, porque o ser humano está sempre em busca, com sede de Deus. Dentro da universidade, geralmente os jovens, estão nessa procura. É muito importante que a teologia entre na universidade para uma complementação da auto-realização humana”.

Maura Leni Loewenstein, professora do Ensino Fundamental em São Leopoldo.

“Aprendi várias coisas diferentes da nossa religião, a católica, me aprofundando nas religiões orientais. O evento foi bom para aprofundar minha própria fé e para realizar melhor minha missão. Pude conhecer o que a Igreja tem de bom para falar para as pessoas que às vezes a criticam. Meu âmbito é pequeno, mas vou passando para as pessoas o que ouvi aqui. Em todas as conferências tivemos uma visão muito ampla do assunto tratado”.

Ir. Miriam Dolores Fontanive, irmã missionária de Cristo Crucificado, que atua na Vila dos Papeleiros em Porto Alegre

“Foi pouco tempo para a complexidade do tema. Tiro um proveito muito bom desse evento. Sou teólogo, trabalho e pesquiso na área da teologia. Também sou professor e o tema me chamou a atenção. Precisamos ficar na ponta do que está acontecendo, estar por dentro dos temas, e conhecer pessoas representativas da área, o que esse evento permitiu”.

Nélio Schneider, teólogo, professor e tradutor em Porto Alegre

“O simpósio foi fantástico porque foi algo profundamente contemporâneo, essencial para o momento teológico e universitário que vivemos no Brasil. Como eu trabalho tanto na teologia como na universidade, vejo que essa integração da realidade universidade – teologia vai produzir uma riqueza muito grande para as duas áreas. Se um dia a universidade nasceu dentro de um projeto teológico, agora é hora de a teologia encontrar seu espaço para integrar melhor todos os cursos e tudo aquilo que pode ser feito na universidade. Uma cidadania responsável, solidária, planetária, exigirá a presença da teologia. Esse simpósio foi uma iniciativa honrável para a ciência humana, para a ciência da religião e para o viver humano. Trazer para nós a visão de Karl Rahner foi muito importante. O evento não foi rico só pelas palestras, mas pela convivência, pelo ambiente de encontrar pessoas de várias universidades do Brasil. Esse encontro humano com o outro, nos corredores, nos momentos vagos, é um momento forte para nós. As palestras são provocadoras, mas a expectativa que vem depois é o importante. Sou doutorando da Universidade Livre de Amsterdã. O simpósio contribuiu também para a tese de doutorado que estou fazendo, que é sobre a teologia como sabedoria, numa proposta de ensinar teologia sistemática no contexto da globalização e da exclusão social”.

Rev. MS Silas Barbosa Dias, coordenador do curso de Teologia do Centro Universitário Filadélfia – UNIFIL, de Londrina – PR e doutorando em teologia em Amsterdã, na Holanda.

“A teologia tem que prestar contas sobre o seu lugar na Universidade no concerto das demais disciplinas. No Brasil, recentemente a teologia conquistou seu lugar ao sol e passou a ser reconhecida como ciência na Universidade. Na Europa, sua existência vem sendo questionada.

Além disso, ela se encontra ante a difícil tarefa de se legitimar em relação às Ciências da Religião e àquelas ciências reunidas sob o conceito “cultura”. Parece-me que muitas das temáticas da teologia estão migrando para as Ciências da Religião e para a História da Cultura, para a Filosofia da Cultura. A própria teologia parece estar fazendo sua “liquidação de inverno”, quando busca legitimar-se com um conceito bastante abrangente de Ética – entendida como estética ou como teoria comportamental – ou da História da Cultura. Não basta afirmar, por exemplo, que a teologia pode dar uma contribuição religiosa para uma nova ética de nossa sociedade. Por vezes, parece-me que, nessa área, alguns filósofos e biólogos conseguem dar melhor e mais abalizada contribuição. Algumas tentativas, feitas por teólogos, de apresentar uma hermenêutica da cultura, perdem, em muito, para filósofos mais qualificados. Não deve causar espanto o fato de alguns filósofos afirmarem que a ética de muitos teólogos, depurada de todo o skandalon é redundante e desnecessária. O que resta quando a teologia não tem mais a coragem de falar do pecado, é o exorcismo. Como o ser humano é fundamentalmente bom, toda a maldade e ausência de ética não é de responsabilidade sua, coram deo, mas consequência do fato de ser vítima de demônios, se assim o quisermos, que precisam ser exorcizados. E o reino de Deus se instalará, quando todos estiverem exorcizados.

Como ciência que se ocupa com o cristianismo, a teologia formula questões que, é verdade, também são formuladas pelas Ciências da Religião. Num ponto, contudo, a teologia difere das Ciências da Religião: o cristianismo não lhe é apenas objeto de pesquisa, mas também um momento de seu próprio ser. A fé cristã ou religião cristã faz auto-reflexão e presta contas, argumentando. Ela crê. Em “crer”, “ter fé”, expressa-se a relação cristã com Deus. Trata-se da relação crente com Jesus de Nazaré, enquanto revelação definitiva de Deus. Na Universidade, a teologia não poderá furtar-se de dizer isso com clareza. Como “religião de livro”, deverá ter a coragem de interpretar a atualidade que lhe é presente com base nesse livro. É a Bíblia que interpreta a atualidade. Não é a atualidade quem interpreta a Bíblia. Disso tudo decorre, que a teologia ousa falar de Deus e não apenas a respeito de uma idéia de Deus. Tal falar de Deus, porém, não pode estar dissociado da fé que ousa sair para o mundo, e esse sair para o mundo acontece em solidariedade com os outros, especialmente com os que sofrem e os que são injustiçados. Se isso não acontecer, a fé será egoísmo salvífico. Só então o falar de Deus alcançará credibilidade. Resta saber dentro de que critérios a teologia busca lugar na Universidade e se Universidade está disposta a aceitar em seu meio esta incômoda teologia”.

Prof. Dr. Martin Dreher, pastor luterano e professor no PPG em História da Unisinos

“Em primeiro lugar, quero parabenizar a Unisinos pela organização, pela idéia do Simpósio, pelo alto nível alcançado, tanto pelos conferencistas convidados quanto pelas oficinas, minicursos e também pelas pessoas que estão participando. O Simpósio também mostra a importância crescente que a teologia vem tendo dentro do espaço universitário. Já há alguns anos, a teologia é reconhecida pelo Estado brasileiro como uma área de conhecimento habilitada a dar títulos reconhecidos no nível da pós-graduação. E a teologia vem ganhando então uma importância crescente dentro da Universidade como uma área de conhecimento que tem algo de fundamental a dizer e uma contribuição capital hoje não só para o mundo acadêmico, quanto para a sociedade de um modo geral. Essa tem sido a marca deste Simpósio. A Sociedade de Teologia e Ciências da religião (Soter) é uma sociedade científica que reúne teólogas, teólogos e pessoas ligadas à ciência da religião no Brasil. Hoje nós temos cerca de quatrocentos e cinquenta sócios. Como presidente da Soter, que tem como objetivo, entre outras coisas, exatamente o apoio à pesquisa na área de Teologia e Ciências da Religião, me orgulho deste evento. A Soter apóia as várias iniciativas que vem ocorrendo e estimula que,

cada vez mais, se reflita e se pesquise sobre teologia no País e por isso é com grande alegria que vemos acontecer esse Simpósio aqui na Unisinos.

Paulo Fernando Carneiro de Andrade, professor na PUC-Rio e presidente nacional da SOTER

IHU On-Line ouviu a síntese de alguns palestrantes sobre os minicursos que conduziram durante o Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*.

Minicurso Teologia aplicada: camino epistemológico para el dialogo de la teología y las otras disciplinas en la universidad, com o Prof. Dr. Jose Luis Meza Rueda – Professor na Pontifícia Universidad Javeriana – Colômbia

“O tema abordado no dia de hoje é o da Teologia Aplicada, considerando-a como um caminho epistemológico para dialogar, ou para gerar um melhor diálogo entre a teologia e as outras disciplinas. O grupo do minicurso foi bastante atento à explanação, tanto que no final da palestra, como chamam vocês, houve reações favoráveis. Acreditamos que, para que a teologia tenha um lugar na universidade, ela deve ter uma atitude dialogal para poder escutar e aprender com as outras disciplinas e poder compreender os problemas que são de interesse tanto para as outras disciplinas como para a teologia”.

Minicurso Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, com o Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho – Professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo

“A confluência, a interface literatura e teologia e também a área análoga que é a literatura e os estudos de religião, atualmente é uma das mais férteis, mais fecundas, em praticamente todos os lugares do mundo, além de extremamente rica para um diálogo entre a teologia e a literatura, quando a teologia descobre que a literatura pode ser uma interlocutora, uma parceira de diálogo. No caso específico do nosso minicurso, procuramos trabalhar tomando como estudo de caso a obra *Vidas Secas*, conhecido romance de Graciliano Ramos, apresentando, com base no tema da justiça, uma ponte com a literatura profética do Antigo Testamento, e, a partir daí, fazendo o diálogo entre a teologia, no caso a teologia bíblica, que trata muito do tema da justiça, da crítica social, com a literatura de Graciliano Ramos, que é uma crítica social feita no mesmo estilo e mesmo espírito da crítica profética da literatura bíblica do Antigo Testamento, mesmo Graciliano Ramos sendo, no seu tempo, um homem não religioso, alguém que não tinha nenhuma prática religiosa. Eu entendo isso como manifestação da graça de Deus”.

Minicurso Características da educação crítico-humanizadora no século XXI, com a Profª MS Nilza Simões Corrêa de Albuquerque e Profª MS Yara Maria Leal Heliodoro – Professoras na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Professora Nilza diz que “o que nós buscamos com esse minicurso é descobrir a educação crítico humanizadora com base no questionamento do paradigma moderno, porque nós temos uma educação crítico-humanizadora dentro da modernidade. O que buscamos foi justamente avançar essa compreensão de paradigmas pós-modernos críticos. Mesmo assim, questionando, por exemplo, determinados conceitos como verdade, sujeito, sujeito racional, etc., e a partir daí, buscamos, discutindo ideologia e espiritualidade, toda contribuição possível procurando-se pensar uma educação crítico-humanizadora referenciada por novos paradigmas, mas mesmo assim, dentro dessa perspectiva. Como somos de universidade católica, temos

inspiração a partir da espiritualidade que nós chamamos de inaciana e a partir daí buscamos ainda articular com esta dimensão que seria crítico-humanizadora a partir dessa influência”.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da semana

O PRINCÍPIO PREVENTIVO

Traduzimos e reproduzimos o artigo a seguir, de autoria do economista e especialista em biotecnologia, Jeremy Rifkin, publicado no jornal **El País**, em 18 de abril de 2004. Rifkin é considerado um thinker, denominação que se dá a pensadores que influenciam políticas governamentais. É presidente da Fundação sobre Tendências Econômicas de Washington, conselheiro da União Européia, consultor e autor de vários livros. Sua última obra intitula-se **The Hydrogen Economy: The Creation of the World Wide Energy Web and the Redistribution of Power on Earth**, Ed. JP Tarcher, EUA, 2002, tendo como edição brasileira **A economia do hidrogênio. A criação de uma nova fonte de energia e a redistribuição do poder na terra**, São Paulo: Makron Books do Brasil, 2003. É sobre a temática desse livro que versa uma entrevista que publicamos no **IHU On-Line** n.º 67, de 7 de julho de 2003. De Jeremy Rifkin, publicamos também uma entrevista na edição número 51, de 17 de março de 2003, um artigo na 82ª edição, de 3 de novembro de 2003, e outro artigo na 98ª edição, de 26 de abril de 2004. Rifkin também é autor de vários livros sobre o impacto da ciência e da tecnologia na economia, na sociedade e no meio ambiente, como **O Fim dos Empregos** (1995); **O século da biotecnologia** (1999); e **A Era do Acesso** (2000); todos editados pela Makron Books, de São Paulo.

É muito provável que a maioria das pessoas nunca tenha ouvido falar do "princípio preventivo". Entretanto, este termo relativamente novo é a idéia mais radical sobre a relação da humanidade com o mundo natural que existe desde o Iluminismo europeu do século XVIII. Seus possíveis efeitos já se sentem no mundo empresarial e nos corredores oficiais, com tremendas repercussões em nossa maneira de viver o dia-a-dia.

No mês passado, um comitê do Congresso dos Estados Unidos tornou públicos correios eletrônicos trocados entre funcionários da Casa Branca, o setor químico estadunidense e altos funcionários europeus, sobre as novas normas da União Européia (EU) sobre a liberação de substâncias químicas no meio ambiente. A correspondência revelou um inflamado debate nos bastidores, entre os Estados Unidos e a Europa, sobre o futuro da investigação científica, a inovação tecnológica e os riscos empresariais.

O motivo é a nova norma proposta pela UE, que obrigaria as companhias a demonstrar que os produtos químicos introduzidos no mercado são seguros antes de obter a permissão para comercializá-los. As leis existentes na UE e nos Estados Unidos, e, de fato, em todos os outros países do mundo, permitem apresentar quase todos os produtos químicos sem que a empresa ofereça garantias prévias de sua segurança. O resultado é que 99% daqueles vendidos na Europa não se submetem, com antecedência, a nenhum processo para comprovar seus efeitos sobre o meio ambiente nem à saúde. E o mesmo ocorre com o resto do mundo industrializado.

De acordo com as novas regras propostas pela UE, as empresas seriam obrigadas a inscrever e comprovar a segurança de mais de 30.000 produtos químicos, com um custo que se calcula

em quase 6.000 milhões de euros para o setor químico e os fabricantes que utilizam substâncias químicas em seus produtos. A nova norma proposta se chama REACH: Regulations, Evolution and Authorization of Chemicals (Normas, evolução e autorização de substâncias químicas). A comissária do meio ambiente da UE, Margot Wallstrom, destaca que "as autoridades públicas já não precisam provar que são perigosos. Agora, a carga da prova recai sobre a indústria", que necessita demonstrar a seguridade de seus produtos.

O setor químico estadunidense está furioso com os novos regulamentos. Os Estados Unidos dizem que as normas da UE ameaçam a exportação de produtos químicos que chegam a mais de 20.000 milhões de dólares, que os Estados Unidos vendem para a Europa cada ano. O secretário adjunto do comércio, Bill Lasch, adverte que a "REACH poderia pôr em perigo centenas de milhares de postos de trabalho, não só no setor químico, mas também em todos os setores, do automóvel até o têxtil". Nos últimos meses, segundo a correspondência entre a Casa Branca e o Departamento de Estado, tornada pública, o Governo dos Estados Unidos, em colaboração com a indústria química estadunidense, exerceu uma pressão sem precedentes sobre os governos europeus para deter a norma química proposta pela UE. Interveio, inclusive, o secretário de estado, Colin Powell. O que está em jogo ultrapassa, em muito, o setor químico. A UE tenta estabelecer uma forma completamente nova de abordar a ciência e a tecnologia, baseada no princípio do desenvolvimento sustentável e a gestão global do meio ambiente terrestre.

Em novembro de 2002, a Comissão Européia aprovou um documento sobre o uso do que denomina o "princípio preventivo" na regulação das inovações científicas e tecnológicas e a introdução de produtos novos no mercado. O objetivo do princípio preventivo é permitir que as autoridades reajam, tanto de antemão como quando já existe dano, com um limite de certeza científica inferior ao que se estava acostumado a aplicar até agora. A "certeza científica" ficou atenuada mediante o conceito de "motivos razoáveis de preocupação". O princípio preventivo dá ao Governo a flexibilidade e a capacidade de manobra necessárias para reagir, antes que ocorram os danos ou assim que aconteçam, de forma que seja possível prevenir ou reduzir as conseqüências negativas enquanto se analisam e avaliam as supostas causas do mal.

Os partidários do princípio preventivo afirmam que, se se tivesse recorrido a ele no passado, se poderiam ter evitado - ou, ao menos, mitigado - muitos dos efeitos negativos dos novos avanços científicos e tecnológicos, e mencionam a introdução dos halocarbonos e o buraco na camada de ozônio da Terra, o início de encefalopatia espongiiforme no gado³², o número crescente de bactérias resistentes aos antibióticos, devido ao excesso de medicação dos animais de granja e as numerosas mortes causadas pelo asbesto, o benzeno e os PCB.

O princípio preventivo expõe a diferença fundamental entre a Europa e os Estados Unidos quanto à percepção do risco. Na Europa, os intelectuais debatem cada vez mais sobre a grande transição de uma era em que se corriam riscos para uma era de prevenção. É um debate que praticamente não existe entre os intelectuais estadunidenses. Os novos intelectuais europeus asseguram que o ponto fraco dos riscos é a vulnerabilidade. Se os indivíduos e a sociedade em seu conjunto consideram que correr riscos tem mais vantagens que inconvenientes, são "intrépidos". Os estadunidenses são intrépidos. Os europeus, por sua vez, são muito mais prudentes ante o risco. Esta atitude procede, em grande parte, de uma história acidentada, em que o fato de correr riscos teve importantes conseqüências negativas para a sociedade e a posteridade.

A mudança qualitativa do último meio século, das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, revela que agora os riscos de qualquer tipo são de dimensão mundial, duração indefinida e

³² Vulgarmente conhecida como a doença da vaca louca (Nota do *IHU On-Line*).

conseqüências incalculáveis e não oferecem compensações. Entre as novas ameaças provocadas pelo ser humano estão a chuva ácida, o buraco na camada de ozônio, a difusão de vírus virtuais e biológicos, o aquecimento global e a extinção de espécies. Há um impacto universal, significando que ninguém pode livrar-se de seus possíveis efeitos. Os riscos se democratizaram, verdadeiramente, porque todo o mundo é vulnerável. E, quando todo o mundo é vulnerável e se pode perder tudo, os conceitos tradicionais de cálculo e divisão de riscos perdem praticamente seu sentido. Isso é o que os intelectuais europeus chamam de uma sociedade de risco.

A União Européia confia em que o princípio preventivo aos tratados internacionais e acordos multilaterais converta-se em um critério indiscutível ao qual recorram os governos para supervisionar e regular a ciência e a tecnologia em todo o mundo. Embora os Estados Unidos integraram certos aspectos do princípio preventivo em algumas de suas normas ambientais, em geral, o ponto de vista e os critérios estadunidenses são muito menos estritos que os da UE, ainda que, sem dúvida, melhores que os de muitos outros países.

Os Estados Unidos consideram que o novo regulamento da Europa, mais estrito, é uma corda no pescoço das exportações estadunidenses e estão decididos a impedir que o princípio preventivo se converta em uma norma inapelável para todo o mundo. O Conselho Nacional de Comércio Exterior dos Estados Unidos é o que melhor expressou a inquietação do governo e da indústria de seu país ante as possíveis repercussões do princípio preventivo. Disse que o recurso da UE desse princípio "impede, na prática, todas as exportações de produtos considerados perigosos procedentes dos Estados Unidos e de outros países fora da UE, e sufoca a inovação e os avanços científicos e industriais".

O princípio preventivo contradiz por completo as idéias tradicionais do Iluminismo sobre a ciência. Por fim, os riscos constituem a base da ciência moderna. Tentar pôr limites ou restrições aos avanços científicos e à introdução de novas tecnologias, até conhecer com mais segurança suas possíveis repercussões sobre o meio ambiente e a saúde pública, é uma mudança extraordinária na política de vigilância. Alguns cientistas dizem que o princípio preventivo equivale a esmagar o espírito científico e nossa noção de progresso.

Os defensores do princípio preventivo explicam que a enorme dimensão das intervenções científicas e tecnológicas atuais devem ter forçosamente repercussões importantes e duradouras no resto da natureza, e que essas repercussões podem chegar a ser catastróficas e irreversíveis. De fato, o princípio preventivo afirma que, como o que está em jogo é muito, temos que avaliar inclusive os resultados mais espetaculares com a perspectiva de conseqüências ainda mais destrutivas. A velha ciência do Iluminismo é demasiado primitiva e principiante para enfrentar um mundo em que o portal de risco já está na possível extinção. Quando todo mundo está em perigo pelo alcance da intervenção humana, necessita-se de um novo enfoque científico que leve em conta o mundo inteiro. Nessa lógica, se baseia o princípio preventivo.

Entrevista da semana

UM CRESCIMENTO INFINITO É IMPOSSÍVEL EM UM MUNDO FINITO

Entrevista com René Passet

René Passet é professor emérito de Ciências Econômicas na Universidade Paris-I Panthéon-Sorbonne e ex-presidente do conselho científico da Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos (ATTAC³³). É autor de vários livros, entre eles, *L'Économique et le Vivant*. 2. ed. Paris: Econômica, 1996, premiado pela Académie des Sciences Morales et Politiques; *A ilusão neoliberal* (Une économie de rêve) São Paulo: Record, 2002; e *Elogio da globalização. Por um contestador assumido*. São Paulo: Record, 2003. Dele publicamos um artigo na 83ª edição, de 10 de novembro de 2003. A entrevista foi concedida por telefone, e a tradução do francês pelo Prof. Dr. Fernando Althoff, coordenador do PPG em Geologia da Unisinos, a quem agradecemos.

Com a publicação dessa entrevista continuamos a discussão do boletim *IHU On-Line*, n.º 100, de 10 de maio de 2004, cujo tema de capa foi “Como salvar o planeta e a humanidade? Decrescimento ou desenvolvimento sustentável”.

IHU On-Line- Quais seriam as diferenças fundamentais entre *crecimento e desenvolvimento sustentável*?

René Passet- Antes de responder, eu gostaria de dizer que, na minha opinião, a questão que os teóricos do decrescimento³⁴ suscitam é um falso problema, uma simples disputa de palavras, porque já faz tempo que um certo número de pessoas distinguiu o crescimento material, econômico, quantitativo, e chamou a atenção para os seus malefícios, para os estragos que ele pode criar em um mundo finito. É por isso que elaboramos, há mais de 30 anos, um conceito que era claro e bem aceito por todos: o de *desenvolvimento*. Dizemos que existe desenvolvimento, quando o crescimento respeita as normas de reprodução do meio, as normas sociais e ambientais. Isso estava bem claro. Penso que este debate, que agora nos propõem, que nos infligem, sobre o decrescimento, só serve para confundir as palavras. É uma disputa de palavras que não traz nada de novo, que apenas redescobre o problema que nós já salientamos há mais de 30 anos, e em relação ao qual falamos de *desenvolvimento* em vez de *crecimento*. Portanto, isso embaralha os conceitos. Eu e outras pessoas combatemos sempre o crescimento a qualquer preço. A discussão do decrescimento pode desviar a atenção dos verdadeiros problemas, que são de responsabilidade do sistema econômico. Voltando à sua pergunta: o *crecimento*, como todo mundo o definiu, é um aumento do produto nacional, que até hoje foi essencialmente de base material. É evidente que um crescimento infinito é impossível em um mundo finito. E é por isso que vários autores, como François Perroux (um dos maiores economistas franceses), e eu mesmo, opuseram à palavra *crecimento* a palavra *desenvolvimento*, dizendo que um *crecimento* só é um *desenvolvimento* se respeita as normas ambientais e humanas. Então, nesta idéia de *desenvolvimento* já está a idéia de *desenvolvimento sustentável*.

³³ Attac é um movimento internacional criado em dezembro de 1998 e visa o controle democrático dos mercados financeiros e das suas instituições. Para maiores informações: www.attac.org. (Nota do *IHU On-Line*)

³⁴ Sobre este tema confira a entrevista de Serge Latouche publicada no *IHU On-Line*, no. 100, de 10 de maio de 2004.

IHU On-Line- Para o senhor, então o desenvolvimento verdadeiro é um desenvolvimento sustentável?

René Passet- A expressão *desenvolvimento sustentável* apareceu no Relatório Brundtland (relatório preparado para a ONU pela Primeira Ministra da Noruega Go Harlem Brundtland). A sra. Brundtland introduziu a idéia de *desenvolvimento sustentável*, que é, na realidade, um *desenvolvimento* que respeita as normas sociais e ambientais de tal maneira que, conforme a definição bem conhecida, as gerações atuais possam satisfazer suas necessidades sem comprometer a possibilidade das gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades.

IHU On-Line- E quais seriam as diferenças entre *crescimento sustentável* e *decrescimento*?

René Passet- Os teóricos do *decrescimento* raciocinam sobre conceitos que eles não definiram. Alguns deles, e é o caso de Serge Latouche, dizem que o *decrescimento* não é o contrário do *crescimento*, que não é um verdadeiro *decrescimento*, e sim um *decrescimento* moderado, controlado, lento; um outro tipo de *crescimento* orientado para coisas menos materiais - saúde, cultura, educação. É claro que aqui me refiro aos países ricos. Se é isso, estamos de acordo, mas por que chamar isso de *decrescimento*? Isso já tem nome há mais de 30 anos, é o que denominamos *desenvolvimento*. Mudam-se as palavras para dizer a mesma coisa. Este é o primeiro conceito, a primeira concepção do *decrescimento*, mas em outras ocasiões dizem que é *um verdadeiro decrescimento*. Dizem, por exemplo, que se trata de fazer decrescer a totalidade da renda nacional. Vou dar um exemplo sobre isso: há um autor que diz que, para o *decrescimento* ser sustentável, basta fazer baixar o produto nacional 5% durante cinquenta anos. Isso significa que, ao fim de cinquenta anos, o produto nacional diminuirá 92,3%! Isso é absolutamente impossível. Resumirei dizendo o seguinte: "Se não é um verdadeiro *decrescimento*, por que denominá-lo assim? Eles apenas reinventam o que já existe. E se for um verdadeiro *decrescimento* propõem uma solução impossível".

IHU On-Line- O senhor acredita que pode haver felicidade sem crescimento econômico?

René Passet- Sim. Com certeza. É sempre a mesma coisa. Não se deve reduzir o *decrescimento* apenas à sua dimensão material. Claro, para os países pobres o *crescimento* é primeiramente material. É preciso fazê-los se alimentar, equipá-los, etc., e também há uma parte de satisfação de bens de serviço, artísticos, culturais, etc. Mas, nas nossas economias (nos países ricos), pode-se conceber isso muito bem. Não creio que o movimento da história possa parar. Mas será preciso que o nosso *crescimento* - se ele continuar - se engaje em vias mais econômicas de matéria-prima e de energia; que se produza a mesma quantidade de produtos acabados, mas desperdiçando menos matéria-prima e menos energia. E penso que há boas possibilidades de economia desse lado. É preciso engajar a luta pela economia dos meios de produção e, ao mesmo tempo, pela orientação para a saúde, cultura, educação, lazer, serviço. Certamente pode haver felicidade sem *crescimento* material!

IHU On-Line- Como seria isso possível para os países do terceiro mundo que enfrentam a fome e o desemprego. É possível resolver esses problemas sem crescimento?

René Passet- Não. É preciso que o *crescimento* econômico desses países seja material. Nós (os países ricos) também começamos dessa forma. Eles devem, por sua vez, satisfazer suas necessidades básicas, e este é o grande desafio para a humanidade. O grande problema para todos, e mais para os países pobres do que para os ricos, é o de conseguir desconectar o consumo dos meios de produção - de energia, matéria prima, etc. Por exemplo, a China é rica

em carvão. Mas será preciso que ela, se a humanidade não quiser se acabar com a poluição gerada por este uso, invente meios de desenvolvimento muito mais econômicos em energia e carvão, e que ela se oriente para eles. Em todo o caso, o decrescimento preconizado pelos países ricos não é para os países pobres. Isso seria um absurdo, seria mesmo uma infâmia. Creio que nós, nos países ricos, podemos muito bem, limitando nosso desperdício, diminuir o consumo material.

IHU On-Line- Seria possível modificar o conceito de *necessidade*, hoje tão presente nas sociedades ocidentais mais consumistas?

René Passet- Creio que é preciso ampliar a questão, porque aqui tocamos a lógica do sistema econômico em que vivemos. Enquanto vivermos em um sistema que é dominado pela ambição do capital financeiro de ter os rendimentos mais elevados no menor tempo possível, a economia sempre se engajará nesta corrida produtivista, que destrói o meio natural. Toda a economia trabalhará sempre para criar necessidades nos consumidores, até mesmo as mais artificiais. E em vez de bens duráveis, procurará produzir bens pouco duráveis, e procurará fazer com que os troquemos (quando estragam) em vez de consertá-los. Creio que esta questão se coloca no nível da lógica do sistema econômico. Este sistema que é governado pela lógica das finanças, que foi estabelecido nos anos 1980 sob a ação do presidente Reagan e da sra. Thatcher, com a liberação do movimento internacional de capital, e que permitiu ao capital se concentrar e mandar no mundo. O grande desafio é fazer com que os estados se associem e estabeleçam uma nova base para o controle da função política sobre a função financeira. Enquanto as finanças reinarem no mundo, não haverá nenhuma solução.

IHU On-Line- Como o senhor vê hoje o Brasil, um país tão rico em recursos naturais e com tantos problemas sociais?

René Passet- Existem muitos países que são ricos e têm problemas bastante graves. Aí perto de vocês está a Argentina. Existem países ricamente dotados em matéria-prima, dos quais só se consegue compreender a situação, considerando-os no contexto internacional. Há vinte ou trinta anos, para compreender o funcionamento da economia, era preciso partir das nações para entender o que elas faziam em escala mundial. Atualmente, é preciso partir da lógica da economia mundial para tentar entender a situação das nações. Esta é uma lógica sufocante para países como o Brasil e a Argentina. Vocês têm todo o peso da dívida - não preciso contar essa história. Vocês a conhecem melhor do que eu. Vocês sabem que os países ricos têm sua parte de responsabilidade no aumento da dívida de países como o Brasil ou a Argentina. Em grande parte, estes países são vítimas da economia mundial, são vítimas da pressão das economias desenvolvidas, são vítimas do pagamento da dívida - que eles têm muitas dificuldades para parcelar -, e são vítimas do plano de ajustamento estrutural, que os impede de criar sua infra-estrutura de base, que os obriga a sacrificar todos os investimentos, que são rendimentos de longo prazo, e que são exatamente aqueles sobre os quais deve se apoiar qualquer desenvolvimento. Para mim, as dificuldades de países como o Brasil e a Argentina são dificuldades inteiramente criadas pelo sistema financeiro. Stiglitz³⁵ demonstra tudo isso muito bem, com vários exemplos.

³⁵ Joseph Stiglitz, ex-vice-presidente do Banco Mundial – Bird -, foi chefe dos economistas do governo Clinton, nos EUA, prêmio Nobel de Economia. Ele é autor, entre outros, dos seguintes livros, traduzidos para o português: **A globalização e seus malefícios**, São Paulo: Futura, 2003 e **Os Exuberantes anos 90**, São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Deste autor o **IHU On-Line** publicou uma entrevista intitulada *Fracasso da OMC – Vitória da democracia*, na 82ª edição, de 3 de novembro de 2003. (Nota do **IHU On-Line**)

IHU On-Line- O desenvolvimento sustentável não é incluído nas políticas da esquerda nem da direita, mas está sempre presente no discurso eleitoral. Como fazer para transformar a política, para que esse desenvolvimento seja incluído de maneira pragmática na política?

René Passet- Concordo com este julgamento. O desenvolvimento sustentável está no discurso dos políticos. É um tema eleitoral. Nosso presidente Chirac pronunciou palavras duras em Johannesburgo, falou que “o planeta queima” (discurso na Cúpula Mundial sobre o desenvolvimento sustentável, em setembro de 2002). Fez um discurso muito bonito, mas esqueceu dele logo que o terminou. É assim com todos os políticos. Então, é preciso obrigá-los a fazerem o que eles não querem.

IHU On-Line- E por que eles não querem fazer?

René Passet- Bem, vejo isso na França, mas penso que vale para o mundo inteiro: o discurso dos políticos deixou de ser político. Não há mais enfrentamento ideológico. Estamos na presença de um discurso que é puramente técnico. Ouvimos falar de dívida, plano de ajustamento estrutural, cláusula de estabilidade de Bruxelas, equilíbrio do orçamento do estado, equilíbrio das contas sociais da nação, ou seja, cada vez mais os políticos pensam no curto prazo e no imediato, pensam em termos técnicos. Eles perderam completamente a essência do problema. Aqui entra o papel do movimento *altermundialista*³⁶ contrário à globalização liberal e que atua em vários países.. Eu participo de um desses movimentos na França, que é o Attac (Associação pela Taxação das Transações financeiras em Apoio aos Cidadãos), do qual fui presidente do Conselho Científico à época da sua criação. Inclusive fui a Porto Alegre (participar do I Fórum Social Mundial). Como eu dizia, creio que é preciso obrigar os políticos a fazerem o que não querem fazer. Podemos obrigá-los, inicialmente, no plano nacional, porque freqüentemente eles nos dizem que são as instituições internacionais que são responsáveis, mas, na verdade, são os nossos *experts* nacionais que estão nas instituições internacionais. Penso que, no plano nacional, devemos exigir que o governo nos diga quais são as orientações que dá aos *experts*, e que nos preste contas do que eles fizeram. Também penso na pressão das ruas, nas grandes mobilizações mundiais. Mobilizações pacíficas, é claro, porque se não conseguirmos resolver o problema pacificamente deixaremos o caminho livre para todo tipo de terrorismo e para sofrimentos terríveis para a humanidade. Atualmente, uma das minhas esperanças é o despertar dos povos, que mostrou sua eficácia em várias ocasiões. É preciso ir mais longe. Nós continuamos a trabalhar. Resta-nos refletir juntos para construir juntos, fazer proposições. No que diz respeito ao movimento Attac, nós fazemos bastante. Por exemplo, temos reivindicações precisas sobre a Europa que vai ser construída, propusemos um projeto de reforma das instituições financeiras internacionais, etc. Creio que a pressão do povo deve ultrapassar o estágio da pura contestação e entrar no da proposição. Isso também é difícil, mas é uma esperança.

IHU On-Line- Considerando os problemas do gênero humano, os relatórios sobre o estado do mundo, como o senhor se sente? O senhor está pessimista?

René Passet- Quando se reflete objetivamente, vê-se que o mundo, da maneira como vai atualmente, dirige-se para uma enorme catástrofe ambiental. Entre os problemas enormes que

³⁶ O entrevistado se refere ao movimento anti-globalização ou também chamado de movimento por uma outra globalização. Este movimento se expressa, por exemplo, nos Fóruns Sociais Mundiais. René Passet participou do primeiro Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre. (Nota do *IHU On-Line*).

será preciso resolver estão o esgotamento da energia fóssil e a sua substituição por outras fontes de energia, o reequilíbrio extraordinário das populações no mundo, (a mudança do) sistema com base financeira que continua a explorar e a semear o ódio. O mundo caminha para uma catástrofe enorme e quando vejo meus netos temo por eles; fico muito triste. É preciso acelerar a tomada de consciência e fazer o máximo de pressão para limitar ao máximo as conseqüências dessa catástrofe. Meu papel é tentar prevenir, para limitá-la ao máximo. Para ser mais exato: a crise enorme de energia que se anuncia para o futuro, faz décadas que ela é noticiada. Poderíamos tê-la evitado aumentando a pesquisa sobre a energia renovável, etc. Não fizemos isso, e essa crise, não a evitaremos. Devemos continuar a lutar para limitar seus efeitos e devemos fazer que desta crise saia o melhor. Que dela apareçam novas formas de energia de onde surgirá uma outra economia e uma outra humanidade.

Não sei se isso é pessimismo. É uma esperança, apesar de tudo é a esperança que domina. Algumas vezes, eu tenho uma fórmula mais amena para tratar deste assunto, que eu vou dizer apenas para causar riso: “Sou otimista, pois tudo está perdido”. Muitas vezes, eu respondo: “Sim, sou bastante otimista”, e quando me perguntam “por quê”, eu digo: “Porque tudo está perdido”. Considerando o que vai acontecer, todas as esperanças são permitidas. Mas isso é apenas um chiste.

Também gostaria de dizer que acredito em um parto com dores. E para não falar somente da energia, diria que temos de fazer um trabalho constante para levar a humanidade a modificar o seu modo de vida. Uma maneira de viver menos materialista é um aspecto sobre o qual muitos de nós estamos de acordo.

IHU On-Line- Na sua opinião, quais seriam os grupos que deveriam ter o papel mais ativo para efetuar esta mudança?

René Passet- Creio que isso diz respeito a todos os cidadãos. Os movimentos que denominamos *altermundialismo* começaram este trabalho, mas não é só um grupo limitado de cidadãos que pode fazê-lo. Alguns grupos podem tomar a frente de um movimento, podem ajudar nas mobilizações, na tomada de consciência, mas, se em algum lugar público, não se efetuar um revezamento muito grande em relação aos cidadãos, penso que se ficará pregando no vazio. Como universitário, eu me dediquei a essa tarefa. Quando me aposentei, passei a participar mais ativamente de outros movimentos. Acredito que cada um, que é pessoalmente tocado por isso, deve atuar no seu lugar. Estamos todos envolvidos, somos todos atores da história e não devemos esperar a salvação vir de um determinado movimento, porque esperar isso de um movimento, seja ele religioso, seja universitário, seja político, significa que renunciamos a ser humanos, que não enfrentamos nossas responsabilidades. De uma maneira geral, uma das características deste mundo ferido é a de não estar mais dominado pela procura de valores. Os valores são algo que colocamos acima de nós, e pelo qual vivemos. Eu estive em uma grande manifestação, convidado por dirigentes de empresas, e todos falavam de ética, ética, ética. Eu lhes disse: “Ética, muito bem, concordo com vocês, mas reflitam: a ética deveria ser colocada acima de vocês mesmos e acima dos seus valores financeiros e deveria comandar esses valores. Para mim, os valores devem ser colocados acima da vida, por eles se vive e, às vezes, se morre. O homem aparece como um meio a serviço desse meio, que é a acumulação financeira. É preciso reinventar os valores. É preciso perseguir isso juntos. O valor supremo para mim, no qual os religiosos e os não-religiosos – os laicos - podem se encontrar, é o ser humano. Precisamos recolocar o ser humano como valor central das economias, de maneira que a gestão da nossa humanidade não seja feita em função de considerações de puro lucro, mas se faça também em função das finalidades humanas.

Filme da semana

ELEFANTE

Os filmes recomendados nesta editoria foram assistidos por algum integrante do IHU

FICHA TÉCNICA

Nome original: Elephant

Origem: EUA

Realização: 2003

Gênero: Drama

Duração: 81 min.

Classificação: 14 anos

Direção: Gus Van Sant

Elenco: Alex Frost (Alex), Eric Deulen (Eric), John Robinson (John McFarland), Elias McConnell (Elias), Jordan Taylor (Jordan)

Reproduzimos a seguir, o comentário de Neusa Barbosa sobre o filme Elefante, que foi publicado no sítio da Cineweb (www.cineweb.com.br), em 19 de maio de 2003.

Gus Van Sant, que tem uma carreira pontuada por altos (Drugstore Cowboy, Um Sonho sem Limites) e baixos (a refilmagem de Psicose) faz um mergulho vigoroso no universo adolescente. Com um elenco de novatos, que ele filma com um distanciamento peculiar, reconstitui o universo de uma escola de classe média alta em sua terra natal, Portland, refinando o olhar para esmiuçar o cotidiano dos jovens, suas manias, futilidades, namoros, problemas com a autoridade, conversas banais, com uma riqueza de detalhes que aproxima o filme de um tom quase documental.

Tudo isso para preparar um processo que, na parte final, culmina com dois desses jovens, de aparência tão inofensiva quanto qualquer um deles, desencadeando, na escola, um massacre em tudo semelhante ao de Columbine - objeto do documentário premiado com o Oscar 2003, Tiros em Columbine, de Michael Moore.

Sem psicologizar nada nem avançar explicações sobre o comportamento dos dois assassinos, Elefante deixa no ar uma inquietação diferente de Tiros em Columbine - que formulava hipóteses bem claras em torno da gênese da violência na cultura americana. Van Sant foi bem mais modesto. Fechou o foco no universo dos adolescentes americanos de um interior rico e urbanizado, retratando-os como prisioneiros de uma ratoeira que, mesmo sendo dourada e confortável, aprisiona-os num mundo estreito de regras e falta de participação e perspectivas que alguns, como os dois garotos, pegam como senha para explosões insanas como essa.

Elefante não se propõe a dar respostas. Mas, ao confiar tanto nos seus intérpretes, parece chegar bem perto da alma adolescente, de uma maneira mais ampla e sensível do que Larry Clark, em trabalhos como Kids, Bully e Ken Park.

Em Cannes/2003, onde venceu a Palma de Ouro e o troféu de melhor diretor, Van Sant não negou que o título tem mesmo alguma relação com o paquiderme que é o símbolo do Partido Republicano, do presidente George W. Bush. Mas não fica nisso. Para Van Sant, o elefante é também o símbolo desse gigantesco mal-estar que percorre todo o vazio da cultura americana

neste momento e que a maioria das pessoas finge nem ver. "Ninguém fala deste 'elefante' na sala de jantar", sintetizou o diretor.

O distanciamento do filme foi, na visão de Van Sant, uma fórmula que considerou mais cabível para "fazer a platéia sentar e observar, ao invés de uma construção tradicional de personagens que os jogasse na história". E arrematou: "Não quis explicar nada. Tenho minhas próprias idéias, claro, sobre os motivos pelos quais tudo aquilo ocorreu em Columbine e outros lugares. Mas queria deixar no filme o espaço para que o público incluísse suas próprias explicações".

Análise de conjuntura

“O BRASIL É O ÚNICO PAÍS DE RENDA MÉDIA QUE PERSISTE NESTE CAMINHO DA PSEUDO-ORTODOXIA ECONÔMICA”

*Reproduzimos a entrevista com Roberto Mangabeira Unger, publicada no **Jornal do Brasil**, 30-5-04.*

A voz é mansa e pausada, com sotaque gringo que pode até confundir os mais afoitos. Mas o entusiasmo juvenil é de um genuíno baiano arretado, como se diz no sertão. O cientista político Roberto Mangabeira Unger, aos 56 anos, poderia estar surfando na onda do sucesso que a vida acadêmica lhe reservou na charmosa Cambridge, um dos principais pólos intelectuais dos EUA, sede da conceituada Universidade de Harvard. Não é isso, no entanto, que faz o privilegiado cérebro de Mangabeira pulsar. "Gosto de vir ao Brasil, de poder contribuir com o debate intelectual. Acho que temos solução." Ele está no Rio de Janeiro para o lançamento do livro **O Direito e o futuro da Democracia** (Editora Boitempo) – originalmente lançado em inglês – e aproveitou o pouco tempo livre para contar ao *Jornal do Brasil* seus estudos e análises.

Com base na teoria exposta no livro, assegura que o Brasil tem, sim, proposta alternativa viável. "Há propostas pormenorizadas, mas não são discutidas." O professor afirma que a receita é simples: estimular "uma multidão empreendedora emergente no Brasil". Com isso, diz, será possível crescer com as próprias pernas. E faz um grave alerta: "A nossa economia está à beira de um colapso financeiro." Defende um novo nome para as eleições de 2006 e ataca a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva. "O governo está de mãos atadas porque atou as mãos. Lula passou a ser um sub-Mandela que caiu no gosto dos países ricos."

O livro que o senhor está lançando critica a idéia de que as possibilidades de transformação são muito limitadas. Não há mais grandes alternativas. O pensamento se tornou incapaz de imaginar novos modelos?

A única maneira de entender um fenômeno é compreender suas condições de transformação. O que ocorreu na história do pensamento social é que a idéia das alternativas culturais, que era a idéia central das grandes doutrinas do século 19 e do início do século 20, foi desacreditada pela experiência. Sumiram com a noção das alternativas. Num ambiente como o europeu e o americano, é muito difícil desafiar isso, porque falta um ingrediente indispensável: a experiência concreta e histórica de transformação. Como são sociedades estagnadas, todas as idéias transformadoras parecem fantasias, utópicas. Em países como China, Rússia, Índia, Brasil, seria mais fácil imaginar alternativas.

No Brasil? Aqui, as propostas de mudança são classificadas como irresponsáveis, aventureiras.

Há muitos anos venho tentando contribuir para uma formação de idéias que demonstre haver uma alternativa do ponto de vista nacional e democratizante para o país. Mas há obstáculos a uma proposta como essa. Primeiro, a disciplina do capital. Nós nos abraçamos a um conjunto de políticas econômicas que nos tornaram muito vulneráveis. O governo fica com as mãos atadas porque atou as próprias mãos. O segundo obstáculo são os estratagemas dos interesses dos poderosos. Há uma aliança de interesses no sentido contrário. E o terceiro obstáculo é um novo fatalismo, exemplificado no uso vulgar da análise econômica.

O presidente Lula chegou ao poder com a força do discurso da mudança. Que avaliação o sr. faz do governo, quando o presidente se proclama um líder que passou fome e, por isso, uma pessoa especial, um agente de transformação?

O povo brasileiro votou maciçamente em 2002 por uma mudança política. Todas as consultas de opinião demonstravam que a grande maioria queria não um pequeno ajuste, mas uma grande mudança de rumo. Todos os quatro candidatos à Presidência, inclusive o da situação, tiveram que se apresentar ao povo como agentes dessa mudança. E votaram por essa mudança radical em 2002 e não a tiveram em 2003. O que receberam foi uma rendição a essa falsa necessidade. O meu livro é muito ligado a essa problemática porque um dos vários fatores que propiciaram essa rendição foi a idéia fatalista assimilada por grande parte da classe média, que aceitou essa tese que lhe foi proposta de que não há alternativa. Ou que essa alternativa seria uma aventura.

O presidente vai pagar um preço caro? Sua popularidade deve cair?

Não sei prever qual vai ser a redução desta popularidade. Os sinais são de que a resistência começa a se consolidar na classe média e, daí, para o resto. Mas esse não é o problema fundamental. O problema político fundamental no Brasil é que a política brasileira está organizada entre duas coalizões. Uma chefiada por Lula e outra chefiada pelo antecessor, que representam a mesma coisa repudiada pelo povo brasileiro em 2002. E o povo brasileiro não tem diante de si, visível, nenhuma força política ou conjunto de pessoas que se apresente como agente plausível daquilo pelo qual ele votou em 2002.

Os críticos dizem que não existe plano B, que o mundo todo já experimentou outras alternativas...

É o oposto da verdade. Este é o conteúdo da minha polêmica programática. Há propostas muito pormenorizadas de alternativas e não são discutidas. A imprensa todo dia divulga a idéia de que não há alternativa e que ninguém as propõe, mas propostas não são discutidas. Há discussão de intrigas, conspirações, acertos... A grande dificuldade no Brasil é que nem 10% da população brasileira tem acesso à palavra escrita. O único meio de divulgação em massa é a televisão ou o fato político de boca em boca. Há, portanto, um bloqueio nisso. Há uma classe média que está desesperada em pagar mensalidade escolar, plano privado de saúde, desestabilizada psicologicamente por essa idéia de que não há alternativa, perigosamente recebida no país antes de organizadas as condições para liberdade coletiva. Mas tudo isso mudaria num instante se conseguirmos furar o bloqueio e construir uma alternativa visível para pelo menos uma parte grande do país. O Brasil é o único país de renda média que persiste neste caminho da pseudo-ortodoxia econômica. Todos os outros, sem exceção, já romperam, a começar com a China, Índia e a Rússia, e todos estão crescendo. Mais ou menos, mas crescem. O Brasil é o único que permanece com o palavreiro do dever de casa, as metáforas do aluno passivo e omissor. E é o único que não cresce.

Os defensores do dever de casa argumentam que a reforma foi incompleta, que o ambiente institucional brasileiro não foi modificado...

Ministra-se o remédio, o paciente começa a desfalecer e o médico diz que não tomou a dose suficiente. Que dobre a dose. Mas isso vai acabar, porque o país está caminhando para o colapso financeiro. A expressão mais direta disso é a dinâmica da dívida. Ao contrário do que imagina o país, a dívida não está sendo paga. Estamos com um extrativismo fiscal arrasador para a produção, o juro real é superior à taxa média de retorno dos negócios. Portanto toda atividade produtiva no Brasil é irracional. Estamos fazendo um sacrifício de superávit fiscal primário de quase 5% do PIB. Com isso - é o que o país não sabe - estamos pagando, a cada mês, menos da metade do serviço da dívida. Não é a amortização. A bola de neve continua a rolar. Isto em condições externas excepcionalmente favoráveis. Qualquer trauma externo revelará a fragilidade deste governo e precipitará um colapso financeiro no Brasil.

Quais seriam os traumas externos?

Aumento de juros nos EUA. Queda brusca da demanda chinesa. Estamos muito vulneráveis porque nos tornamos muito vulneráveis. Aí vão continuar dizendo: "Não é conosco, é porque a economia mundial..." E o Brasil vai ser o primeiro a cair. A China, a Índia e a Rússia não. E vamos expulsar jornalista americano, fichar os americanos no aeroporto pra fazer marola... Enquanto isso, ajoelhados em Washington e mandando soldados para o Haiti.

Qual a alternativa?

Temos que ter uma candidatura presidencial em 2006. Só isso que vai virar o jogo no país. Duas coisas são necessárias e elas têm de estar juntas. Tenho uma experiência muito direta com isso. Precisamos ter uma proposta concreta para este país acessível à classe média e, depois, traduzida em termos que toda a população possa compreender. E essa proposta precisa estar ligada a um projeto de poder. Se a proposta programática não tem vínculo com o projeto de poder, passa por especulação acadêmica. Proposta de poder tem de ser uma candidatura presidencial, para virar esse jogo.

Mas o Lula parecia ser esta candidatura até 2002. O que pode ser diferente nessa transição da campanha para o governo?

Ele passou para o outro lado. Na verdade, ele já estava meio no outro lado. Mas agora está completamente do outro lado. Ele se transformou numa espécie de sub-Mandela, que é o que os europeus e os americanos gostam: falar que o sujeito tem um coração grande, preocupado com os pobres, que dá cestas de comida. Começou com um programa de governo que era de confiança internacional num país que, por isso mesmo, está na antevéspera de um *crack* financeiro. Essa é a situação, que a grande mídia já anunciou: que a próxima sucessão presidencial já é um jogo fechado, encomendado entre o PT e o PSDB, entre Lula e FH ou um substituto de FH. E fim de conversa. Já está anunciado nos jornais o que será a sucessão presidencial. É muito simples. Temos de quebrar isso.

Esse outro nome já existe?

Temos que começar a discutir. A minha proposta é não transigir com esperteza eleitoreira. Em política, o pragmatismo antipragmático não deu certo no Brasil. E vamos começar, nem que seja com um nome desconhecido. Até há muitos nomes, mas eles são desconhecidos. Vamos fazer como fizeram os republicanos. Tudo o que deu certo no Brasil foi quando a classe média rompeu com a plutocracia neocolonial, e começou um movimento intransigente e inconformado. Inicialmente desprezado, ridicularizado, mas foi ali que o Brasil sempre começou mudanças a

sério. Eu me refiro à abolição da escravatura, ao movimento republicano, à aliança liberal, ao desenvolvimentismo dos anos 50, às Diretas Já... Tudo o que mudou no Brasil ocorreu assim.

Mas foram sempre transformações muito limitadas...

Certamente. Porque sempre tem o problema do legado institucional. (Getúlio) Vargas até que tem um legado institucional, mas agora estamos com uma outra problemática. Duas coisas precisam ocorrer no Brasil: a idéia de que há uma alternativa, e que essa história de que a alternativa é mágica, milagre, como disse o Lula, não é verdade. Segunda coisa: disputa para valer. Não se deve entrar nessa história das duas coalizões existentes, ambas sediadas em São Paulo. Também não é preconceito contra São Paulo. Paradoxalmente, São Paulo foi a maior vítima desse projeto pseudopaulista.

Como o Sr. explicaria esse projeto de poder, se tivesse que apresentar isso para um cidadão comum?

Começaria com duas coisas. Temos de mobilizar nossos recursos e andar com nossas pernas. Nenhum país fica livre com dinheiro dos outros. Capital estrangeiro é tanto mais útil quanto menos se depende dele. Vamos ter uma economia de guerra sem guerra. Esse é o primeiro ponto. Todo mundo pode compreender. Vamos andar com nossas próprias pernas, andar com nossos próprios recursos, cuidar de nossa própria vida. Segundo: vamos ter uma estratégia de crescimento baseada essencialmente na democratização das oportunidades de produção e de consumo. Este tem que ser o motor. Em vez de ter lá uma fila especial no BNDES dos apaniguados que vão receber o dinheiro subsidiado do Estado, vamos abrir a uma massa, a uma multidão empreendedora emergente no Brasil. Ser amigo, ser aliado. Vamos dar braços e asas a essa gente. Começa por aí, e isso tem que acontecer no ambiente dessa democracia quente, organizada para mudança e não para perpetuar.

Deu nos jornais

O que está acontecendo com Lula?

Com este título, o jornal espanhol *El País* do dia 25-5-04, publicou um artigo, analisando a decepção do governo Lula. O texto, publicado na página de opinião do jornal, é assinado por Antonio Sáenz de Miera. Ele dirige um observatório no Brasil sobre a política social do Governo de Lula, segundo o jornal. O longo artigo conclui que "é preciso reconhecer que o sentimento de desilusão é o que prevalece nestes momentos em muitos setores da sociedade brasileira sobre a capacidade de Lula para levar a bom porto seu ambicioso projeto de mudança social".

Governo tem R\$ 25 bi em superávit acumulado

"As contas do Tesouro Nacional registrou superávit de R\$ 7,52 bilhões no mês de abril. O resultado do mês contribuiu para que, no ano, houvesse um saldo positivo de R\$ 25,15 bilhões, volume R\$ 5,1 bilhões maior do que o estabelecido pela Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO)". A informação é da *Gazeta Mercantil*, 24-5-04. O jornal informa que "com base no resultado apurado para o governo central no primeiro quadrimestre deste ano, o secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy, disse que há uma 'margem de conforto' para que as metas estabelecidas com o Fundo Monetário Internacional (FMI) sejam cumpridas". Com esse resultado, "o superávit primário do governo central nos quatro primeiros meses do ano já corresponde a mais da metade da projeção de R\$ 41,5 bilhões feita para todo o ano de 2004

pela LDO. O secretário do Tesouro afirmou que as contas estão numa 'rota tranqüila' de convergência para as metas anuais”.

Consumo de alto luxo ignora crise

“Enquanto 85% dos brasileiros não têm renda suficiente para chegar ao fim do mês com as contas em dia, as principais grifes internacionais parecem alheias às turbulências na economia e mantêm planos ousados para o País”. A constatação é do **Jornal do Brasil**, 23-5-04, analisando o segmento do consumo de alto luxo no País. De acordo com o jornal, “apesar de o País não ter mostrado sinais de crescimento mais vigoroso nos últimos anos, redes como Louis Vuitton, Armani e Tiffany apostam em peças capazes de despertar o desejo dos consumidores de produtos de alto luxo”. Neste segmento, o preço pouco importa. “Essas marcas não trabalham com preço, e sim com sedução. O negócio delas é atrair os consumidores por meio do emocional” - disse Carlos Ferreirinha, consultor de negócios em moda da Associação Brasileira da Indústria Têxtil.

Alguns exemplos do consumo de alto luxo

“Com vitrines que exibem camisas sociais a R\$ 890,00, a italiana Ermenegildo Zegna, maior rede de ternos masculinos do mundo, com faturamento anual de US\$ 700 milhões, também está em franco crescimento no Brasil. Até o fim deste ano, mais duas lojas serão abertas entre Rio e São Paulo”. Sem ficar atrás, “a Armani tem no País uma de suas maiores lojas do mundo. Com butikues entre o eixo Rio-São Paulo, a grife pretende abrir mais quatro lojas nos próximos dois anos. Os preços oscilam entre R\$ 195,00 para camisetas básicas, e R\$ 6 mil, para as peças mais sofisticadas”. Por sua vez, “a Louis Vuitton faturou cerca de US\$ 4 bilhões no ano passado nos países onde está presente. Em 2003, as vendas cresceram 70%, em dólar, na loja do Rio e 20%, em São Paulo”. Marcelo Noschese, diretor geral da Louis Vuitton no Brasil, afirma que “a loja de São Paulo é a terceira mais lucrativa do mundo por metro quadrado”. Entre as *top* na linha de luxo, está a Montblanc. Freddy Rablat, diretor executivo da empresa no Brasil, está animado com as vendas: “Vamos abrir mais lojas. Hoje, as novas coleções chegam ao Brasil ao mesmo tempo que em países europeus”. De sapatos a bolsas das grandes grifes, a estudante Suzana Loques, de 22 anos, não abre mão: “Adoro as peças importadas. Já fiquei várias vezes em filas de espera. Não abro mão de uma boa marca - disse ela, que gasta, em média, R\$ 4 mil por mês com roupas e acessórios”, conclui a matéria do **Jornal do Brasil**.

Brasileiro fica mais tempo *on-line* do que americano

“O brasileiro que entra na rede mundial de computadores (web) em casa, passou mais tempo *on-line* em abril do que o internauta que mora nos Estados Unidos. Essa é a primeira vez que isso acontece desde que o Ibope/NetRatings, companhia de medição de audiência na internet, responsável pela pesquisa, iniciou o levantamento, em setembro de 2000. A pesquisa considera tanto o acesso discado, quanto via banda larga. Segundo a empresa, os internautas residenciais brasileiros navegaram em média no mês passado 13 horas e 43 minutos, tempo cerca de 2,7% maior do que o gasto pelos internautas americanos. Em setembro de 2000, o tempo médio de navegação dos brasileiros era de 7h50 min”. A informação é d' **O Globo**, 23-5-04.

Unctad pretende deflagrar a rodada Sul-Sul

A XI Conferência Internacional sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) que será realizada entre 13 e 18 de junho em São Paulo - um evento internacional comparável em importância à

Eco 92 – deverá deflagrar a terceira rodada do Sistema Global de Preferências Comerciais (SGPC). Trata-se de um sistema de preferências de acesso a mercado e redução de barreiras tarifárias entre os países. No caso, a rodada Sul-Sul, como vem sendo chamada, aconteceria entre os países em desenvolvimento. Os EUA olham com desconfiança para esse sistema, pois consideram uma afronta a OMC. A notícia é da **Gazeta Mercantil**, 24-5-04. Entretanto, de acordo com a matéria do jornal, “o subsecretário-geral de Assuntos Econômicos e Tecnológicos do Ministério das Relações Exteriores, embaixador Clodoaldo Huguene, disse que a organização dos países em desenvolvimento em torno do SGPC não deve ser interpretada como um confronto às negociações multilaterais da Organização Mundial do Comércio (OMC) e justifica, ‘primeiro, porque o SGPC não pode ser uma alternativa: 60% do comércio mundial são com os Estados Unidos, Europa e Japão, ou seja, negociações no marco da OMC são extremamente importantes. Segundo, porque as negociações na OMC têm uma amplitude que as negociações dos países em desenvolvimento nunca terão em termos de solução de controvérsias e de regras entre os setores. E, terceiro, existem sistemas preferenciais muito difundidos sobretudo na Europa’”. “Para países como o Brasil, o estabelecimento de um acordo de preferências comerciais entre países do Hemisfério Sul tende a favorecer as exportações de produtos manufaturados. É um país que se apresenta como potencial comprador de produtos industrializados e que também funciona como plataforma para as negociações com os países em desenvolvimento”, destaca a matéria.

Mal da vaca louca volta a assustar Europa

A informação é do Caderno de Ciência d’ **O Globo**, 24-5-04 e tem como base estudo publicado na última edição da **Nature Medicine**. O estudo “revela que príons (as proteínas alteradas que causariam a doença) foram encontrados no tecido muscular de ovelhas muito antes de os animais apresentarem os sintomas da doença. A nova variante do mal de Creutzfeldt-Jakob, a forma da doença que ataca humanos, pode ser resultado do consumo de animais contaminados pelo príon, segundo especialistas. O estudo foi coordenado por Olivier Andréoletti, da Escola Nacional de Veterinária de Toulouse, na França”.

Até 16 mil pessoas podem estar contaminadas no Reino Unido

“Um outro estudo, publicado na última edição da **Journal of Pathology**, sugere que até 16 mil pessoas na Grã-Bretanha podem estar infectadas pela proteína que causa a forma humana do mal da vaca louca. O número é muito superior às estimativas aceitas nos últimos meses, segundo as quais a doença teria entrado em declínio desde que a epidemia nos rebanhos foi controlada no fim dos anos 1990. De acordo com o estudo, os cientistas concluíram que 3,8 mil pessoas podem ser portadoras do mal da vaca louca na Grã-Bretanha. Mas avaliando outras variantes, o número pode oscilar entre 1,3 mil e 16 mil”.

EUA quer substituir as fronteiras físicas por virtuais

Os EUA está prestes a assinar o maior contrato da sua recente história para um sistema de amplo alcance que poderá custar US\$ 15 bilhões e empregará uma rede de bancos de dados de computadores para rastrear as pessoas que visitam os EUA muito antes de porem os pés no país. A informação é d’ **O Estado de S. Paulo**, 25-5-04, reproduzindo matéria do **The New York Times**. “O programa, conhecido como US-Visit (Visita aos EUA) e parcialmente enraizado num conceito desenvolvido pelo Pentágono após o 11 de Setembro, tem por finalidade substituir as fronteiras físicas da nação com o que as autoridades chamam de fronteiras virtuais”. A matéria revela que “quem quer que conquiste o contrato será solicitado a desenvolver um padrão de identificação dos visitantes, usando uma variedade de ferramentas - desde fotografias e

impressões digitais, já usadas em alguns aeroportos, a técnicas como escaneamento da íris, reconhecimento facial e chips de radiofrequência para ler passaportes ou identificar veículos”. Com “a instalação de uma fronteira virtual, a atual guarda de fronteira se tornará o último ponto de defesa, pois cada visitante já terá sido triado por uma teia global de bancos de dados. Quando os visitantes chegarem aos postos de controle nos EUA, enfrentarão uma ‘identificação em tempo real’ ou autenticação instantânea para confirmar se eles são quem dizem ser”.

Biodiversidade – a luta interna

“Biodiversidade. Os recursos biológicos brasileiros são pilhados por universidades e empresas dos países do Norte”. Com esta manchete, o *Libération*, 24-5-04, destaca a luta da ministra do meio ambiente Marina Silva, em adotar uma legislação mais dura contra a biopirataria. A matéria destaca que “a ex-ecologista militante Marina da Silva, agora Ministra do Meio Ambiente, decidiu adotar uma legislação que seja capaz de garantir uma contrapartida financeira às comunidades locais pela exploração do seu conhecimento”. Entretanto, “o seu texto de lei enfrenta resistência e oposição em três ministérios (Indústria, Agricultura e Ciência e Tecnologia)”, sublinha a matéria. A matéria do *Libération* destaca ainda que a ministra Marina Silva “definiu 900 áreas de grande valor biológico onde a conservação adquirirá caráter prioritário. Listou igualmente 238 espécies de invertebrados aquáticos ameaçados de extinção, proibindo sua comercialização”. O jornal comenta a destruição acelerada da floresta Amazônica, que perdeu, entre 2002 e 2003, 23.750 km² de área, cedendo lugar à exploração de gado e a cultura da soja. O jornal francês fala da luta da ministra e conclui: “nada indica que a ministra conseguirá. No interior do governo a proteção do meio ambiente passa por um obstáculo, a do desenvolvimento econômico”.

Transporte: trabalhador perde até 4 horas por dia

“Quase um terço (31,1%) dos trabalhadores no País gastam entre uma e quatro horas para se locomover de casa até o trabalho e depois fazer o caminho inverso. Como esse tempo não é remunerado, o trabalhador e o País perde, no período de um ano, a renda potencial de R\$ 92,83 bilhões”. Os dados fazem parte de pesquisa - divulgada nos principais jornais do País - do economista Márcio Pochmann, secretário de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura de São Paulo. Pochmann cruzou dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, com estatísticas das companhias de transporte coletivo. A pesquisa revela que, na média, o trabalhador no Rio gasta hoje 1,4 hora para chegar ao trabalho e voltar para casa, todos os dias, acima da média do País inteiro (1,2 hora). Em São Paulo, o tempo também chega a 1,4 hora.

Desemprego bate recorde histórico em abril

A taxa de desemprego no mês de abril da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do IBGE, divulgada na semana passada, ficou em 13,1%, a maior da série iniciada em outubro de 2001. A informação é do portal *JB Online*. Entretanto, o índice “está dentro do esperado, se considerada a série histórica”. A opinião é do gerente da PME, Cimar Azeredo Pereira. Segundo ele, a taxa reflete o volume de pessoas que buscam emprego no período e, por isso, o primeiro semestre registra movimento tipicamente ascendente. “Mais pessoas procuram emprego até o meio do ano. Isso é histórico”, explicou o gerente. A economista do IBGE, Maria Lúcia Vieira disse que, apesar de ascendente, a taxa não desperta tanto pessimismo. “Não é tão feio quanto parece. Essas pessoas podem não ser absorvidas no mercado, mas a taxa de ocupação também não cai”, destacou. Entre os desocupados, 20% estavam em busca do primeiro emprego e apenas 26,3% eram chefes de família. Por período de tempo, 47,5%

estavam procurando emprego por mais de 31 dias e menos de seis meses e 27% buscavam trabalho por pelo menos 1 ano. A população jovem, com menos de 24 anos, representava 47% dos desocupados. Em relação à escolaridade, 43,1% tinham o segundo grau completo.

“Lula faz um ajuste neoliberal incorreto”

A opinião é do economista e professor da Universidade de São Paulo (USP), João Sayad, comentando, de forma irônica, a decisão do governo em manter a taxa de juros e o superávit primário elevados. A informação é do **Valor Econômico**, 26-5-04. A matéria destaca que “Sayad, em palestra a alunos da Faculdade de Economia da PUC-SP, defendeu que o governo aumente os investimentos públicos para reconduzir o País à rota de crescimento econômico”. “O ex-ministro afirmou que ‘a economia é mais sensível ao investimento público do que aos juros.’” “Segundo o economista, ‘se o Conselho de Política Monetária (Copom) houvesse reduzido 0,5 ponto percentual na taxa Selic na quarta-feira passada, o governo teria economizado R\$ 2 bilhões em juros, quantia suficiente para terminar algumas obras de infraestrutura federais’. ‘Os jovens que determinam a política monetária no País não aceitam contradições, não conhecem a realidade’, alfinetou. E continuou. ‘Falta ironia ao PT para conduzir um programa de metas de inflação (...) O PT tem chance de ser neoliberal literalmente’”. A matéria conclui com a opinião do economista sobre o Banco Central: “O Banco Central parece uma criança: quanto mais se fala que está errado, mais insiste no erro”.

Brasil: insignificante na exportação de produtos com valor agregado

“O Brasil tem participação insignificante na exportação dos produtos mais dinâmicos no comércio internacional”. A constatação faz parte de um estudo da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), noticiado pelo **Valor Econômico**, 26-5-04. O estudo - que será apresentado em sua reunião ministerial, que ocorrerá entre 13 e 18 de junho, em São Paulo - revela que “o Brasil é um grande exportador de produtos agrícolas, mas, entre as nações em desenvolvimento, só está entre os principais exportadores de dois entre os 20 produtos mais dinâmicos e com maior valor agregado: motores e veículos. A China está entre os maiores exportadores de 16 desses produtos e o México, de 12”. A matéria, citando dados da Unctad, revela que “quanto ao Brasil, entre os cinco principais exportadores em desenvolvimento, figura em apenas duas posições: é quinto na venda de motores, com fatia de mercado global de 0,3% e terceiro na exportação de veículos, com 1,4% do mercado”.

A Mata Atlântica define

“Apenas cerca de 7,6% da Mata Atlântica original restam no Brasil”, noticia **O Globo**, 27-5-04. A informação faz parte do *Atlas dos Municípios da Mata Atlântica*, um trabalho da organização não-governamental SOS Mata Atlântica, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Imagens de satélite de todo o País registraram 94% do território nacional, onde estão as florestas, as restingas e os mangues. O Atlas está disponível no site www.sosmatatlantica.org.br. A SOS Mata Atlântica preparou uma lista com as dez cidades de cada estado com maiores percentuais da vegetação. Florianópolis é a capital com mais mata preservada. “Uma das integrantes da SOS Mata Atlântica, Márcia Hirota, disse ontem que o mais surpreendente no Atlas, que foi finalizado em 2002, foi a quantidade de desmatamento recente: “Imaginava-se que o desmatamento tinha diminuído na década passada. Mas verificamos que é um processo atual” disse Márcia.

Inserção na globalização não reduz pobreza

“Os países que se ‘abriram’ com cautela avançaram no combate à pobreza”. A manchete é do **La Jornada**, 26-5-04, divulgando estudo da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (Unctad). Destaca a matéria: “Um crescente comércio exterior não se traduz necessariamente em um maior bem-estar para a população dos países em desenvolvimento é o que diz estudo da Unctad”. O **La Jornada**, afirma, que com base nos exemplos de países pobres, como Etiópia, Senegal, Yemen ou Zâmbia, o estudo revela que inserção na globalização não significa menos pobreza e que a esses países são exigidas medidas de importações e exportações mais duras que a alguns países industrializados. Por outro lado, destaca o jornal, “de acordo com o informe da Unctad, os países que registraram maiores avanços na luta contra a pobreza foram aqueles que se abriram com cautela aos mercados”, e cita os casos de Bangladesh e Uganda.

Arvorismo – nova modalidade para os RHs

“Não consigo imaginar um engenheiro grisalho de 50 anos subindo numa árvore”, afirma uma das participantes, de uma empresa de Recursos Humanos, enviada para viver a experiência do “arvorismo” e dar seu parecer quando voltar ao escritório. O “arvorismo” é uma técnica de gestão para a área de Recursos Humanos e já foi adotada por empresas como a Coca-Cola, Pfizer, Bellsouth e TIM. No Brasil, essa atividade está só começando, apenas quatro empresas já fizeram o treinamento, informa a matéria do **Valor Econômico**, 26-5-04 que faz referência a mais nova modalidade em treinamento de trabalhadores. “O arvorismo - destaca a matéria - é uma espécie de esporte semi-radical praticado na copa das árvores. Sempre presos a um cabo de segurança, os participantes escalam redes e árvores, caminham sobre cabos de aço, equilibram-se em estribos, atravessam pontes suspensas e deslizam por tirolesas. Criado na Europa como instrumento para biólogos e botânicos que estudam espécies encontradas somente na parte mais alta das florestas, o conceito foi adotado pela turma do esporte de aventuras - e não demorou muito para ser adaptado para o cardápio de atividades extracurriculares do departamento de RH das empresas”. As provas são feitas “para aguçar a concentração e a capacidade de reação diante das dificuldades”. Alejandra Figini, argentina que dirige os treinamentos afirma que “o enfoque é individual, tudo é pensado para que a pessoa descubra um pouco mais de si mesma”. Mas há também exercícios em grupo: “Cinco pessoas de mãos atadas têm que comandar as outras cinco, de olhos vendados, na armação de uma barraca”. Alejandra explica que “todo o treinamento é baseado nas teorias sobre inteligência emocional desenvolvidas pelo professor de Harvard, Daniel Goleman - cujos livros sobre o assunto são *best-sellers* no mundo inteiro. É preciso levar as pessoas a uma auto-análise”, diz ela.

Observação: A editoria Deu nos jornais foi preparada em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT com sede em Curitiba. Para maiores informações: cepat@brturbo.com.

Frases da semana

O PT e o salário mínimo de R\$ 260

“É extremamente contraditório o Partido dos Trabalhadores definir que você não pode dar um pequeno passo no sentido da distribuição de renda. Fechar questão é não nos dar o direito de discutir”. - **Chico Alencar** (PT-RJ), falando sobre o salário mínimo de R\$ 260 - **Folha de S. Paulo**, 25-5-04.

“Fechar questão contra um pequeno passo de distribuição de renda é algo inaceitável para a história do PT”. - **Chico Alencar**, deputado federal – PT-RJ, sobre o endosso da cúpula partidária aos R\$ 260 – *Folha de S. Paulo*, 27-5-04.

Lula e as dívidas sociais

“Quando você ganha eleição, percebe que as coisas não acontecem nem no tempo nem com a facilidade que as pessoas acreditam que possa acontecer. Não posso, em apenas quatro anos, recuperar todas as dívidas sociais que foram acumuladas em 500 anos no Brasil. É humanamente impossível”. - **Luís Inácio Lula da Silva**, presidente do Brasil, em entrevista ao jornal chinês *Diário do Povo* - *Folha de S. Paulo*, 25-5-04.

Lula: sei o que é a fome!

“Sei o que é a fome e sei o que é a pobreza. Não é possível que as vacas em alguns países desenvolvidos recebam mais de dois dólares em subsídios a cada dia, enquanto metade da população do globo tem de sobreviver com menos do que isso” – **Luís Inácio Lula da Silva**, presidente do Brasil – *Jornal do Brasil*, 27-5-04.

Índia e China: crescimento não igualitário

“Os resultados das eleições na Índia são claramente indicativos de que existe uma insatisfação reprimida em processos de crescimento acelerado de uma forma não igualitária. A China terá de administrar esse processo com muita competência; e seus desafios não serão pequenos, quer no campo econômico, quer na política” - **Roberto Teixeira da Costa**, economista, é sócio-fundador da Prospectiva Consultoria Brasileira de Assuntos Internacionais e fundador do Cebri (Centro Brasileiro de Relações Internacionais) – *Folha de S. Paulo*, 30-5-04.

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

IHU Idéias

JOGO, SEDUÇÃO E PRESCRIÇÃO NOS DISCURSOS TELEVISIVOS

A Prof.^a Dr.^a Nisia Martins do Rosário, das Ciências da Comunicação da Unisinos, apresentará o tema *Jogo, sedução e prescrição nos discursos televisivos*, durante o **IHU Idéias**, no próximo dia 3 de junho, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

A professora Nisia é graduada em Comunicação Social pela Unisinos, mestre em Comunicação Social também pela Unisinos, com dissertação intitulada *Mostrar e esconder: o eterno jogo da sedução: um estudo do discurso da sedução no corpo fotografado*, e concluiu o doutorado no ano passado, na PUCRS. Sua tese intitulou-se *Nos discursos do corpo televisivo: jogo, sedução e prescrição* e é com base nela que a professora apresentará a temática da próxima quinta-feira. A professora é autora, ao lado de Beatriz Dorneles, do livro **Mídia, imprensa e novas tecnologias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. Nisia Martins do Rosário concedeu uma entrevista por e-mail ao **IHU On-Line**, que reproduzimos a seguir, na qual adianta como irá conduzir a explanação.

IHU On-Line - Quais as principais idéias que irá desenvolver no tema Jogo, sedução e prescrição nos discursos televisivos?

Nisia Martins do Rosário - Entre as principais idéias, estão os domínios do jogo, da sedução e da prescrição como inspiradores dos discursos do corpo na televisão. Cada um desses domínios se organiza com base em um conjunto de estratégias específicas. Ambos (domínios e estratégias) ajudam a melhor compreender a configuração dos discursos na televisão, abrindo possibilidades de entendê-los não apenas como manipulatórios, mas como articulados sobre aspectos próprios da cultura e da comunicação. Esse ponto de vista convida a entender os discursos televisivos de uma forma mais complexa, transpassada pela diversidade de elementos organizadores dos sentidos no mundo contemporâneo.

IHU On-Line - Por que é importante que o público universitário em geral, não só estudantes e professores de comunicação, aprofunde a reflexão sobre discursos televisivos?

Nisia Martins do Rosário - Somos todos sujeitos conectados à televisão. É impossível negá-la como parte de nosso cotidiano, bem como parte da construção do nosso prazer, entretenimento, conhecimento do mundo... Em grande maioria, somos alfabetizados para a leitura de palavras, mas somos analfabetos ou semi-analfabetos nas leituras e desenvolvimento de senso crítico para a mídia. Nem é preciso enfatizar a importância de refletir sobre a tevê. Refletir, às vezes, 'dói', ocupa tempo, precisa de conhecimento, mas é, ao que me parece, o que pode nos tornar humanos.

IHU On-Line - O que caracteriza a concepção televisiva do corpo?

Nisia Martins do Rosário - A minha pesquisa, em canais abertos de televisão, encontrou uma diversidade de corpos - que poderia representar a democratização. A maneira como esses corpos são inseridos nos discursos, entretanto (a depender de que domínio o direciona e de que estratégia o organiza) varia muito. Se tais discursos trazem sentidos de divertimento, beleza, prazer, conhecimento, entre outros, por um lado, traz também sentidos de exclusão, de excesso, de autoria, por outro. Entendo que discutir a mídia e, sobretudo, a televisão requer uma reflexão aprofundada; exige que se tente aprofundar os sentidos e significações dos discursos produzidos, bem como identificar estratégias que regem esses discursos. Esse trabalho é responsabilidade dos pesquisadores da comunicação, mas também de todos aqueles que se conectam à televisão.

Confira a programação das próximas edições:

17/06/04 – “Comunicação Visual Urbana: pensando o uso do espaço visual público” – Prof.^a Dr.^a Lara Regina Morales Espinosa – Professora na Unisinos

24/06/04 - “Limites éticos da pesquisa científica: reflexões a propósito da genética” – Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Junior – Professor na Unicamp

Ciclo de Estudos sobre *O Método*, de Edgar Morin

A VIDA DA VIDA E A RELAÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA

Entrevista com Juremir Machado da Silva

A próxima edição do **Ciclo de Estudos sobre O Método, de Edgar Morin**, na próxima quinta-feira, dia 3 de junho, das 14h às 17h, na sala 1G119 do IHU, contará com a explanação do professor Dr. Juremir Machado da Silva, do PPG em Comunicação da PUCRS. Ele desenvolverá o Seminário sobre **O Método II: A Vida da vida**. Nascido em 29 de janeiro de 1962, em Santana do Livramento, RS, Brasil, Juremir Machado da Silva é jornalista, historiador formado pela PUCRS, e doutor em Sociologia pela Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, França. Leciona nos cursos de graduação e de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisador do CNPq, fez pós-doutorado em Sociologia da Cultura, na Sorbonne, orientado por Michel Maffesoli, Jean Baudrillard e Edgar Morin. Publicou onze livros, entre eles: **A miséria do cotidiano** (Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991), **Muito além da liberdade** (Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1991), sobre o tema do moderno e do pós-moderno; **O pensamento do fim do século** (Porto Alegre: L&PM, 1993); **Anjos da perdição - futuro e presente na cultura brasileira** (tese de doutorado, Porto Alegre: Sulina, 1996); **Visões de uma certa Europa** (entrevistas, Porto Alegre: Edipucrs, 1998); e **A Miséria do jornalismo brasileiro** (Rio de Janeiro: Vozes, 2000). Na França, publicou **Le Brésil, pays du présent** (Paris: Desclée de Brouwer, 1999). Atualmente, edita a **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, é correspondente das revistas francesas **Sociétés** e **Cultures en Mouvement**, membro do Conselho Editorial do site **Trópico**, pertencente à **Folha de S. Paulo**, e coordenador da coleção "Comunicação" da EDIPUCRS. O professor Juremir traduziu livros de Edgar Morin (**O Método**, volumes 3, 4 e 5), Michel Maffesoli (**A transfiguração do político**), Jean Baudrillard (**Tela total e Telemorfose**), Alain Robbe-Grillet (**Os últimos dias de Corinto**), Michel Houellebecq (**Partículas elementares e Extensão do domínio da luta**), Pierre Michon (**Rimbaud, o filho**), Cioran (**Entrevistas com S. Jaudeau**) e Yves Simon (**O Próximo amor**). Traduziu e organizou, com Francisco Menezes, **Para navegar no século 21 — tecnologias do imaginário e cibercultura**, Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 1999, e **As duas globalizações**, com textos de Edgar Morin e Joaquim Clotet (Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2001).

O professor apresentou o **IHU Idéias** do dia 11 de setembro de 2003, que teve como tema 11 de setembro: Ano III. Uma reflexão a partir de Jean Baudrillard". Sobre esse tema concedeu uma entrevista na 74ª edição, de 8 de setembro de 2003, sob o título "11 de setembro segundo Jean Baudrillard".

Confira a seguir a entrevista que o professor concedeu por telefone ao **IHU On-Line** na última semana, diretamente de seu gabinete na PUCRS, onde comenta aspectos fundamentais da obra que será trabalhada.

IHU On-Line – Quais os aspectos que o senhor mais vai destacar na apresentação da obra *A vida da vida*?

Juremir Machado da Silva – Minha idéia é destacar a especificidade do livro em relação aos outros volumes de *O Método*. Cada volume de *O Método*, apesar de ser uma obra interligada, cada volume remete ao anterior, e mesmo ao posterior, de toda maneira tem uma especificidade. Então pretendo analisar essa especificidade na tentativa de mostrar que, apesar de ser um dos volumes mais dirigido a questões, como por exemplo, de ciência, de biologia, etc., ainda assim é um livro que especula profundamente sobre a organização da vida como um todo social, cultural, político, ético. Quero abordar esses aspectos, de como a produção da ciência é mais ampla do que simplesmente a discussão dos aspectos objetivos da produção do conhecimento. *A Vida da vida* é um livro que, antes de mais nada, destaca a idéia de que a vida é um processo. E que, ao mesmo tempo, em que se está produzindo vida, se está produzindo morte, se está destruindo a vida. Há um elemento central em tudo isso, no caso do nosso pequeno planeta, que é o homem. O único ser capaz de, conscientemente, tomar a decisão de destruir o planeta. *A Vida da vida* é um livro que inaugura, dentro do pensamento de Edgar Morin, a idéia de uma espécie de biossociologia. A idéia de que a vida não depende exclusivamente de processos naturais, mas que cada vez mais ela está dependente de processos culturais. A própria produção da ciência é uma intervenção sobre a natureza. A ciência, de alguma maneira, nunca é natural, apesar de existir esta expressão "ciências

naturais”. Sempre há intervenções culturais sobre a natureza. O que interessa mesmo nesse livro é como se dá a relação entre o homem e a natureza.

***IHU On-Line* – Em que sentido a obra pode ajudar a compreender a sociedade contemporânea?**

Juremir Machado da Silva – O fundamental no livro para a compreensão da sociedade atual está justamente no fato de que o homem é, ao mesmo tempo, o protagonista principal dessa dramatização que é a vida, e pode ser a principal vítima da sua ação. Ele é sujeito e objeto. O homem, com uma visão etnocêntrica e antropocêntrica, acaba acreditando que ele pode tudo decidir e controlar totalmente os processos vitais, e o que ele está produzindo é o contrário. Se o livro tivesse uma mensagem, passaria a lição de dizer que o homem, mais do que um construtor de progresso, pode ser apenas a principal vítima da sua ação e que pode ser o principal parasita da vida e, em conseqüência, aquele que mais destrói os ecossistemas e que, em certa medida, muita coisa já não tem mais conserto. Cabe ao homem agora tomar uma decisão, se ele quer continuar destruindo ou se ele quer começar a salvar o planeta.

***IHU On-Line* – Qual é a principal contribuição do autor para a sociedade contemporânea?**

Juremir Machado da Silva – A principal contribuição de Morin é no sentido de dizer que é preciso romper com a idéia de hiperespecialização. É preciso retomar uma visão de conjunto das coisas, adotar uma visão compreensiva dos fenômenos sociais, que é preciso repolitizar a visão do mundo. A contribuição realmente essencial é no sentido de que não dá para produzir conhecimento separando, simplificando, temos que produzir uma visão complexa de conhecimento.

***IHU On-Line* – Como a obra pode ajudar a compreender o momento atual brasileiro?**

Juremir Machado da Silva – *A Vida da vida* é um livro que, diferente de outros volumes, como o 4 e o 5, serve, antes de tudo, na vida acadêmica, nos espaços de pesquisa, porque dá uma idéia particular, normalmente não a dominante, de como se deve produzir conhecimento. É um livro de metodologia nesse sentido, de epistemologia, que diz que pesquisar não é assim, não dá para continuar pesquisando dessa maneira fragmentadora, compartimentada, separada; é preciso integrar as coisas. Mais do que qualquer coisa, é um convite, uma incitação a um tipo de pesquisa interdisciplinar, transdisciplinar, multidisciplinar, de pesquisa compartilhada. Há uma reforma do pensamento em relação à própria ciência. Na medida em que a ciência é produtora de boa parte daquilo que é a nossa realidade, se formos pensar que é da ciência que vêm os computadores que nós usamos, os remédios que nós tomamos, a energia que nós usamos para nos aquecer, tudo. A maneira de produzir conhecimento e ciência incide diretamente sobre a realidade. Claro que ela não incide de uma maneira simplificada, como se eu quisesse fazer esse projeto científico para mudar a realidade, mas é em conseqüência disso que as coisas acontecem. Se conseguirmos fazer uma reforma do pensamento como Morin propõe, com certeza estaremos incidindo sobre todas as coisas da realidade, a forma de fazer política, as escolhas sobre uma série de coisas. O Brasil está discutindo o acordo nuclear com a China, que deveria ser debatido por toda a população, desde que ela tenha condições de pensar quais são as conseqüências para o conjunto da sociedade e da natureza, do uso na energia nuclear. Se sairmos de uma concepção fragmentadora do tipo “os políticos e os especialistas decidem”, podemos chegar a uma participação de todos, porque toca o cotidiano de todos.

IHU REPÓRTER

Isamara Della Favera Allegretti



“O que faz brilhar os nossos olhos é o contato com o aluno”. Essa é a definição da professora Isamara Della Favera Allegretti, coordenadora executiva do curso de Administração em Recursos Humanos da Unisinos, ao comentar sua profissão. Psicóloga por formação, ela conta, na entrevista a seguir, sua história de vida e os caminhos percorridos, com o apoio da família, para chegar ao posto conquistado.

Origens – Nasci em 1964, e sou natural de Cruz Alta. Sou descendente de italianos por parte de pai e mãe. Costumo brincar com meus alunos que eu falo com as mãos de tão italiana que sou. Minha mãe é professora aposentada. Meu pai foi agente dos Correios e Telégrafos e faleceu quando eu tinha 7 anos. Foi uma perda bastante marcante na minha vida. Minha mãe ficou viúva aos 32 anos, com três filhos para criar. Com isso, fomos morar

com meus avós maternos, também em Cruz Alta. Tive três pais e duas mães. Minha avó foi minha segunda mãe, assim como meu avô foi também meu pai e, anos depois, minha mãe voltou a se casar e meu padrasto tornou-se um pai para mim também. Desse período ficaram as marcas de um convívio familiar muito intenso. O que sou como pessoa devo à minha família. Minha mãe sempre foi muito batalhadora. Tive pouca convivência com meu pai, só ficaram as lembranças. E meu padrasto legou-me uma forte influência intelectual, nos meus gostos literários e na minha forma de concepção de mundo. Sou a filha do meio. Tivemos uma irmã adotada, que não sobreviveu. Pegou uma pneumonia, porque foi colocada na porta de casa muito pequena. Meu irmão mais velho é engenheiro, mas atualmente trabalha como consultor de empresas. Minha irmã menor é formada em Relações Públicas. Hoje nossa família nuclear é pequena: os três irmãos e minha mãe. Nenhum de nós é casado, e, para a infelicidade da minha mãe, também não temos filhos. Meus avós já faleceram, e meu padrasto também faleceu há três anos.

Formação – Minha mãe era professora da escola onde comecei a estudar. Meu irmão não queria ir sozinho para a escola, então acabei entrando junto e fiz o jardim da infância desde os 3 anos de idade. Cursei o primeiro grau quase completo em Cruz Alta, no Grupo Escolar Margarida Pardelhas. Quando eu tinha 12 anos, nos mudamos para Porto Alegre, porque minha mãe queria que meu irmão cursasse o segundo grau no Colégio Militar, para uma melhor preparação para o vestibular. Eu concluí a sétima e oitava séries do primeiro grau no Colégio Estadual Luciana de Abreu. Cursei todo o segundo grau no Colégio Júlio de Castilhos, uma escola estadual, e onde tive excelente formação. Na hora da escolha do curso para o vestibular, veio à tona meu sonho de criança de ser médica. Fiz vestibular na UFRGS para medicina e não

passsei. Nessa época, por influência de uma amiga, fiz o teste psicotécnico para o vestibular de Psicologia na PUCRS e passei tanto no teste quanto no vestibular. Iniciei em 1982 e concluí em 1986. Em 1990, fiz um curso de especialização em Saúde e Trabalho na UFRGS. Um dia, passando na frente da faculdade de Administração da UFRGS, pensei: “Será que não é por aqui meu caminho?”. Em 1993, fiz seleção e passei no Mestrado em Administração da UFRGS. Ao final dos dois anos de curso, tive algumas dificuldades e esse mestrado ficou inconcluso. Anos depois ingressei no PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos. Concluí o mestrado no ano passado.

Profissão – Trabalhei como psicóloga na Imcosul, em Porto Alegre, durante alguns anos, no setor de Recursos Humanos, com recrutamento, seleção e treinamento de pessoal. Foi minha inserção na área. No curso de especialização que fiz na UFRGS, elaborei um projeto de assessoria ao movimento sindical na área de saúde e trabalho. Mas percebi que, pela falta de recursos, era uma área difícil de entrar. Passei um período difícil em que não consegui colocação no mercado. Nessa época, minha família comprou uma pequena chácara na localidade de Águas Claras, em Viamão. Eu e uma amiga montamos uma sociedade para produzir adubo orgânico, húmus de minhoca. Foi uma fase interessante da minha vida. Chegamos até a montar uma cooperativa de produtores de adubo orgânico. Passado um ano, comecei a sentir falta dos livros, dos estudos, dos debates. Em 1995, ingressei como professora na Unisinos, nas disciplinas de Recursos Humanos e também no curso de Psicologia. Depois de um tempo, fui convidada para representar o antigo Centro de Ciências Econômicas no projeto Info-Techne, de capacitação docente para o uso de novas tecnologias. Paralelamente a isso, fui indicada para ser representante do centro junto ao Projeto de Avaliação Institucional da Universidade. Posteriormente, a professora Susana Gianotti me convidou para trabalhar na Diretoria de Avaliação Institucional, onde fiquei durante um bom tempo, até ser convidada a assumir a coordenação do curso de Administração de Recursos Humanos, há dois anos. Ao mesmo tempo, fui convidada para coordenar o primeiro programa de aprendizagem do curso de Gestão para Inovação e Liderança. Permaneço hoje também como docente desse curso, que está vinculado às Ciências Econômicas e Administrativas da Unisinos.

Coordenação de curso – A atividade de coordenação de curso me deu uma outra dimensão do processo de ensino, que é a gerencial, do qual temos uma visão muito mais ampla, que exige outros tipos de habilidades. Temos sob nossa responsabilidade um grupo de professores e um grupo de alunos com muitas diferenças. Recebemos desde o aluno que vem pedir uma orientação de matrícula até aquele que nos conta seus problemas e dificuldades pessoais. Adoro fazer isso. Tenho muito carinho pelos meus alunos. Nas últimas cinco formaturas ou sou paraninfa ou sou homenageada. Esse é o grande reconhecimento do trabalho de professor.

Autor – Tenho dificuldade de citar apenas um. Como disse Fernando Pessoa: “Sinto-me nascida para a eterna novidade do mundo”. Se tiver que citar um autor, cito Fernando Pessoa. Também leio e gosto muito de Pablo Neruda, Clarice Lispector e José Saramago.

Livro – O último livro que me marcou foi *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago, obra muito importante para entendermos a subjetividade humana nesse mundo contemporâneo.

Filme – Impossível citar um só. Os filmes me marcam por época. Há muitos anos, *Esposamante*, de Marco Vicario. Mais recentemente, pelo menos três filmes me inquietaram

bastante: *Beleza Americana*, de Sam Mendes, *O Filho da Noiva*, de Juan José Campanella, e *As Invasões Bárbaras*, de Denys Arcand.

Presente – Gosto de ganhar presentes que indicam que a pessoa me conhece. Aprecio coisas para minha casa e os clássicos livros e discos. Mas sempre com esse aspecto de personalidade. Pode ser uma bala, desde que seja a minha preferida.

Nas horas livres – Gosto de me exercitar. Também adoro música (toco um pouquinho de violão), cinema e vídeo. Realizo-me ao receber amigos em casa para um jantar informal. E, sempre que possível, estou com minha mãe em Águas Claras. Lá eu também tenho uma pequena chácara com meus cachorrinhos, área verde e a casa onde adoro me esconder.

Um sonho – Gostaria de viver num tempo e numa sociedade em que as riquezas fossem melhor distribuídas, que as pessoas pudessem ter mais igualdade de condições de renda e de trabalho, mesmo que para isso nós, que temos uma condição um pouco melhor, tivéssemos que abrir mão de algumas coisas. Pessoalmente, tenho como sonho viver um ano sabático, em que eu pudesse me liberar das minhas atividades para poder fazer outras de que eu também gosto, por exemplo, sair e viajar. Ir parando em países, conhecendo cultura. Outro sonho que tenho é, talvez quando eu me aposentar, montar um negócio na área de lazer, (o sonho de nove entre dez brasileiros) montar uma pousadinha no Nordeste, ou um restaurante. Quem sabe?

Experiência marcante – A ligação com meus avós e meu padrasto foi muito grande. Houve um período durante 5 anos em que meus dois avós e meu padrasto ficaram doentes. Essa experiência de conviver com a doença e com a perda iminente dessas pessoas foi um período que me fez crescer muito como pessoa.

Unisinos – É o local onde eu consolidei minha experiência profissional, onde encontrei e ainda encontro, além de grandes amigos, profissionais de mais alta qualidade. Aí está a grande riqueza da Unisinos: um lugar de pessoas muito comprometidas com seu trabalho e ideais muito sólidos. Ela é uma instituição que, nesse momento, está buscando se redirecionar, se redefinir. É um momento de aprendizagem coletiva.

IHU – Neste momento, o Humanitas ocupa um papel de guardião de ideais, de valores, principalmente no âmbito social. Avalio que o Humanitas, articulado principalmente à graduação e à pós-graduação, terá muito a contribuir na formação dos nossos alunos. Existe, hoje, uma tendência à formação apenas voltada para o mercado, para os ganhos materiais que se possam ter a partir dela. O Humanitas tem então o papel de resgatar os valores do que é efetivamente importante para o ser humano. Eu tenho muita expectativa com esse trabalho e o vejo muito positivamente.

Sala de Leitura



“Entre uma e outra leitura ou pesquisa de caráter acadêmico, tenho lido, com bastante prazer, a obra de Lya Luft. Atualmente, estou apreciando **Perdas & Ganhos** (Record, 2004, 156 páginas). Para alguns, aqueles que talvez não conheçam bem Lya Luft, o livro tenha cara de “auto-ajuda”. Para muitos, felizmente, é um texto bem escrito, com conteúdo cultural, social e emocional, e que estimula a reflexão para a busca ou manutenção de uma atitude positiva frente às perdas e aos ganhos da vida. Mas com certeza, é mais do que isso, pois ela escreve especialmente sobre a alma feminina (e nesta se insere a masculina) com a autoridade de quem ama viver e ser mulher, sem a pieguice do “sejamos felizes”. E o que eu considero o ponto alto de sua obra, é a autora considerar que a família é o centro da vida e que a vida é mais importante do que a literatura. Muitos profissionais, homens e mulheres, esquecem justamente disso: que a vida é muito maior que suas carreiras, títulos ou cargos. Vale a pena, de vez em quando, entrarmos em contato com textos como esse de Lya Luft. Com certeza, algum trecho do livro foi escrito para cada um de nós”.

Prof.ª MS Simone Cunha, graduada em Publicidade e Propaganda, mestre em Ciência da Comunicação, e professora das Ciências da Comunicação da Unisinos.



“Estou lendo **As 100 Melhores Histórias da Mitologia**, de A.S. Franchini e Carmen Seganfredo. Porto Alegre: L&PM, 450p, 2003. Não foi o primeiro, nem será o último livro sobre mitologia a ser escrito. Mas o livro faz um belo passeio pelos principais mitos greco-romanos, em uma abordagem mais ou menos “cronológica”, se é que, tratando-se de fantasia se pode assim dizer. Escrito em uma linguagem acessível, sem ser vulgar, conta passagens destas culturas, contextualizando-as e tornando-as inteligíveis para os dias de hoje, sem desfigurar sua idéia original. O livro oferece a possibilidade de compreendermos e refletirmos sobre alguns mitos que nos afetam até hoje: complexo de Édipo, narcisismo, calcanhar de Aquiles, entre outros. E, mesmo para os não-iniciados em mitologia, o livro ainda apresenta, ao seu final, um glossário dos personagens, de forma que o leitor, caso se perca em meio a tantos nomes e referências, possa facilmente se localizar. É uma bela leitura para o fim de semana, ao mesmo tempo leve, interessante e instigante e que faz com que nos perguntemos sobre aquelas concepções ainda tão arraigadas em nosso íntimo e de nossa civilização, desde tempos imemoriais”.

Prof. Dr. Carlos Alberto Diehl, mestre e doutor em Engenharia de Produção e professor nas Ciências Econômicas e Administrativas da Unisinos.



“No contexto atual, além das leituras técnicas indispensáveis às atualizações em tecnologia de ponta, dediquei parte do meu escasso tempo livre à leitura de lazer **O Ócio Criativo**, de Domenico de Masi, da Editora Sextante do Brasil, publicado em 2000, com 353p. No livro-entrevista, o italiano expressa seu pensamento, baseando-se em conceitos e numa visão do futuro sobre o trabalho, o tempo livre e a evolução social. O professor De Masi inicia dizendo: “Ao escrever um livro, acabo sempre aprendendo alguma coisa”. Ele explica, com clareza e simplicidade, temas referentes à sociedade pós-industrial, ao desenvolvimento sem emprego, à globalização, à criatividade e ao tempo livre. O sociólogo enfatiza que o ócio pode refletir em aspectos positivos e negativos nos humanos, destacando que o tempo livre é predominante no cotidiano de todos e que, neste tempo, devemos concentrar nossas potencialidades”.

Prof^a. Dr.^a Lidia Mariana Fiuza, mestre em Agronomia, doutora e pós-doutora em Ciências Agrônômicas, e professora nas Ciências da Saúde da Unisinos.

Comunicado

Durante o Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI* foi lido o seguinte comunicado:

“O Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que publica o boletim semanal IHU On-Line, comunica e agradece ao Prof. Benno Dischinger pela tradução das entrevistas publicadas no n.º 102, de 24 de maio de 2004. Por um lapso da coordenação do IHU, este reconhecimento não foi feito na edição impressa”.

Prof. Dr. Inácio Neutzling
Coordenador do Instituto Humanitas Unisinos

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – , da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Prof^a MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Prof^a Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2^{as} feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS